

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

NIAMEY GRANHEN BRANDÃO DA COSTA

**ADOLESCÊNCIA E ESCOLHA PROFISSIONAL: A ESCUTA DE UM
IMPASSE**

BELÉM
2007

NIAMEY GRANHEN BRANDÃO DA COSTA

**ADOLESCÊNCIA E ESCOLHA PROFISSIONAL: A ESCUTA DE UM
IMPASSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Social, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Airle Miranda de Souza.

BELÉM
2007

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH-UFPA, Belém-PA-Brasil)

Costa, Niamey Granhen Brandão da

Adolescência e escolha profissional: a escuta de um impasse / Niamey Granhen Brandão da Costa ; orientadora, Airle Miranda de Souza. - 2007

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belém, 2007.

1. Orientação profissional. 2. Interesse profissional. 3. Adolescência. 4. Orientadores profissionais. 5. Psicanálise. I. Título.

CDD - 22. ed. 371.425

FOLHA DE APROVAÇÃO

NIAMEY GRANHEN BRANDÃO DA COSTA

ADOLESCÊNCIA E ESCOLHA PROFISSIONAL: A ESCUTA DE UM IMPASSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Social.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Airle Miranda de Souza (Orientadora)

Universidade Federal do Pará

Prof. Dra. Ana Cleide Guedes Moreira

Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro

Universidade Federal do Pará

Universidade da Amazônia

Aos meus pais, Carlos e Jalva, os quais me proporcionaram, cada um a sua maneira singular, a base para que eu pudesse atingir mais este momento de realização pessoal e profissional.

Aos meus amados e compreensivos filhos, Lauany e Arthur, por terem afetivamente acompanhado meu percurso na realização desta escolha.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Carlos e Jalva, e aos meus irmãos, Arles e Kenya, por seus valiosos ensinamentos e constante confiança depositada em minhas escolhas.

A meus filhos Lauany e Arthur, companheiros essenciais em minha vida pessoal, pela compreensão e paciência nos longos momentos de espera e pelo intenso apoio a minha produção científica.

Ao meu esposo Flávio que acolhedoramente acompanhou a realização deste trabalho.

Aos meus tios Jalvo, Grijalvo, Pedro (in memoriam), Mário, Ivan, Marijalva e Jalmira, por compartilharem comigo o percurso de minhas escolhas, sendo continentes dos meus sucessos e insucessos.

A amiga Bestene, pelo apoio emocional e tecnológico, disponibilidade, incentivo e muito afeto incondicional em todos os momentos de angústia nesta árdua trajetória.

Ao amigo Celso, pela parceria, orientações metodológicas, apoio e disponibilidade de escuta em todos os momentos de dúvida.

À Geysel, pela amizade carinhosa e pelos momentos de escuta apurada.

À minha querida amiga e orientadora Airle, pelos sábios momentos de troca de conhecimento, orientações, produtivas interlocuções e afeto.

À Filomena, pelas sugestões de leituras extremamente valiosas nos difíceis momentos de busca.

Aos adolescentes, que mantive contato de escuta, no decorrer de minha prática profissional, e que me despertaram a necessidade de pesquisar sobre este tema, me ensinando que em cada ser humano, reside um profissional que não deve se esquecer, acima de tudo, que é um ser humano.

“É preciso encontrar as coisas certas da vida, para que ela tenha o sentido que se deseja. Assim, a escolha de uma profissão também é a arte de um encontro, porque uma vida só adquire vida, quando a gente empresta nossa vida, para o resto da vida”.

Vinicius de Moraes

ADOLESCÊNCIA E ESCOLHA PROFISSIONAL: A ESCUTA DE UM IMPASSE

Niamey Granhen Brandão da Costa

RESUMO

A escolha de uma profissão na fase da adolescência, quando considerada as especificidades desse ciclo do desenvolvimento, as diversas profissões existentes e ainda as práticas atuais em orientação vocacional, as quais tentam favorecer a eleição de uma dada profissão exige atenção, considerando-se campo fecundo para debates e investigações científicas. Neste estudo, através de uma pesquisa bibliográfica embasada nos escritos de Freud e de autores contemporâneos, assim como na escuta de adolescentes enquanto psicóloga atuando como orientadora vocacional ao longo de 15 anos de trabalho, refletiu-se sobre a problemática do adolescente diante da necessidade dessa tomada de decisão, propondo-se uma prática de escuta em orientação vocacional que possa permitir a compreensão do impasse do adolescente nesta tarefa e contribua a ampliação desse olhar, considerando essa escolha como um fenômeno multideterminado, que deve ser percebido tanto a partir do sujeito, quanto em relação ao momento sócio-cultural em que ele vive.

Palavras-chave: Adolescência, Escolha Profissional, Orientação Vocacional, Impasse.

ADOLESCENCE AND PROFESSIONAL CHOISE: THE LISTENING OF AN OBJECTION

Niamey Granhen Brandão da Costa

ABSTRACT

The choice of a profession in the adolescence's phase, when considered the especified of the development's cycle, the practical of several existing professions and still the present practical in vocational orientation, which try to promote the selection of a profession which one claims attention, considering the wide labor and scientific inquiries. In this study, through a bibliographical search based in the Freud's writings and contemporaries' authors, as well as in the listening of teenagers like a psychologist acting as vocational orienting throughout 15 years of work, was reflected on the adolescent's problematic of the necessity of the this taking of decision, setting out a practical listening in vocational orientation that can allow the comprehension of the adolescents' objection in this task that and contributes the magnifying of this look, considering this choice as a multi-determined phenomenon, that must in such a way be realized from the citizen, as in relation the socio-cultural moment where it lives.

Keywords: Adolescence, Professional choice, Vocational Orientation, Objection.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA SEGUNDO A TEORIA FREUDIANA	16
3 ADOLESCÊNCIA COMO UM PERÍODO DE CRISE E TRANSFORMAÇÃO NUM DADO CONTEXTO CULTURAL	28
4 O SUJEITO ADOLESCENTE QUE ESCOLHE E O SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL	46
5 ESCOLHENDO A PROFISSÃO: O QUE DIZ O ADOLESCENTE?	64
6 UMA PROPOSTA POR UM FAZER FACILITADOR EM ORIENTAÇÃO VOCACIONAL	114
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS	135

1 INTRODUÇÃO

Durante a fase da adolescência, ao jovem, é imputada a necessidade de escolher uma ocupação profissional. Nesse processo de definição, muitos fatores intervêm, quer ela se dirija para uma prática profissional, quer seja orientada para uma formação acadêmica. O adolescente está envolvido consigo mesmo, pouco conhecendo suas aptidões e habilidades, sendo seu contato com as profissões e os diferentes setores de trabalho ainda muitas vezes restrito, bem como suas possibilidades práticas de desenvolvimento e realização pessoal, social e econômica (LEVISKY , 1998).

É considerado que o fenômeno da adolescência envolve fatores biológicos específicos atuantes nesse ciclo da vida, que se somam aos determinantes sócio-culturais oriundos do contexto ambiental onde este fenômeno ocorre, e é influenciado também pelo ambiente familiar, social e cultural no qual o jovem se desenvolve. Dessa forma, dependendo da frequência e da intensidade das pressões vivenciadas e sentidas pelo adolescente por parte de seus familiares, escola e amigos, estes podem manifestar características de ansiedade, depressão, culpa, as quais podem agravar-se caracterizando assim um quadro psicopatológico, causando danos à saúde, principalmente daqueles considerados atores principais do movimento de escolha profissional; como bem comprova Levisky (1998, p. 65):

A escolha ocupacional depende ainda de elementos ligados a fantasias inconscientes e conscientes, à valorização intelectual, idealizações e status social. [...] Escolher um caminho profissional ao redor dos 16 anos é muito angustiante. Não raro tomam decisões impulsivas, não por identificação mas para se livrarem de uma situação ansiógena, e pela pressão da realidade de nosso sistema educacional. O resultado são decisões intensamente frustrantes, que acabam por comprometer o desenvolvimento do processo de identificação.

Para Katzenstein (apud PFROMM NETTO, 1997), alguns fatores podem levar o jovem a cometer erros em sua escolha profissional, entre esses: 1- a decisão determinada por um único fator como o econômico ou o tradicional, passando o jovem a seguir a profissão dos pais por questão de facilidade ou por indução familiar; 2- a decisão tomada por acaso ou de modo circunstancial; 3- a decisão tomada com base em desconhecimento do jovem pela profissão escolhida ou a si mesmo, não se avaliando ante sua escolha; 4- quando há existência

de dificuldades na dinâmica familiar, imprimindo uma determinada direção na escolha profissional, e; 5- por ocorrências havidas na vida pregressa do jovem, sua identificação com os pais, características de sua personalidade e identidade sexual.

O interesse por esta pesquisa surgiu a partir de trabalhos de orientação vocacional desenvolvidos ao longo de mais de quinze anos de atuação, tanto na área clínica quanto na escolar educacional, direcionado para adolescentes que se encontram cursando ensino médio e se deparam nesse momento com a necessidade e/ou obrigatoriedade da escolha de uma profissão. Ao ocupar-me do trabalho com adolescentes, não pude deixar de acompanhar tanto seus movimentos peculiares quanto o movimento de transformação pelo qual tem passado o mundo atual no que diz respeito à esfera das profissões. Deste modo, surgiu a necessidade de se organizar essa pesquisa, com o objetivo de refletir acerca da problemática da escolha profissional e de seus impasses, visto que pelas próprias características que aqui buscamos delinear com referência à questão da adolescência no que tange a escolha profissional, certamente os adolescentes são os que primeiro nos trazem notícias destes elementos, repercutindo de forma sofrida e indicando, por suas manifestações, para onde este sofrimento aponta.

Os trabalhos de orientação vocacional desenvolvidos no contexto clínico consistem em sessões individuais com a aplicação de entrevistas, técnicas projetivas, entre outras. Na escola, as atividades de orientação vocacional são desenvolvidas em grupo, mediante reflexões conjuntas sobre o processo de escolha profissional e seus determinantes, com estratégias reflexivas, técnicas de entrevista, dinâmicas de grupo, técnicas projetivas e dramatizações, acreditando-se que a decisão a respeito de uma profissão ou carreira deve ser de responsabilidade pessoal do próprio sujeito que escolhe, porém sendo esta feita de modo mais consciente e autônomo, através da informação e conhecimento sobre as profissões e principalmente mais conscientes de seus conflitos, angústias, ansiedades, limites, possibilidades e incertezas.

A partir dessa experiência profissional, algumas indagações surgiram, tais como: Como se define adolescência? Como se define escolha? O que determina a escolha de uma profissão? Como o construto teórico psicanalítico vem responder a problemática da escolha profissional e seus impasses durante a fase adolescência? Como contribuir à prática de orientação vocacional que dê voz ao sujeito que escolhe? Essas indagações me instigaram para esta pesquisa que consiste em um levantamento teórico acerca da adolescência e dos impasses da escolha de uma profissão, utilizando o método de pesquisa bibliográfico, embasado em um referencial freudiano e de outros autores contemporâneos; como: Müller

(1988), Bohoslavsky (1993), Levenfus (1997), Lucchiari (1997), Lisboa (1997), Levisky (1998), e Torres (2001); fazendo uso da escuta de adolescentes, tanto no contexto escolar quanto clínico, que sofrem diante da necessidade de escolher uma profissão, para ilustrar as concepções teóricas apresentadas, em busca de uma possível compreensão acerca da escolha profissional à luz da psicanálise. Os casos dos adolescentes são apresentados como relatos que foram selecionados a partir de minha escuta profissional como psicóloga clínica, desenvolvendo atividades de orientação vocacional. Como hipóteses norteadoras do referido estudo destaca-se a de que o sofrimento psíquico dos adolescentes diante da escolha profissional não é atual, mas está ligado à reminiscência de suas vivências infantis; que escolher uma profissão implica deparar-se com um impasse que mobiliza sofrimento psíquico, muitas vezes revelado através da manifestação de sintomas de ansiedade, depressão, ou outros.

Diante dessa realidade, tenho observado que tanto a sociedade em geral, quanto à própria Psicologia, com a publicação de poucas pesquisas voltadas para essa temática, e às instituições de ensino fundamental e médio não têm se voltado para esse assunto de modo preventivo, através da implementação de programas de escuta e orientação vocacional que possam beneficiar seus usuários no que se refere à saúde mental. Destaca-se que muitas instituições de ensino buscam através de palestras, debates, visitas a eventos, informar sobre mercado de trabalho e requisitos das profissões a uma população preferencialmente constituída por adolescentes do ensino médio, principalmente nas séries finais, momento em que o jovem já se depara com a necessidade de fazer uma escolha profissional definitiva, muitas vezes tendo de negar seus conteúdos internos e atender a urgência da demanda social, desrespeitando até mesmo sua subjetividade, e os conflitos característicos da própria fase da adolescência, o que remete a vivência de um impasse diante da ação de escolher algo que lhe é imputado como uma necessidade externa, causando-lhe sofrimento psíquico.

Segundo Herrmann; Lowenkron (2004, p. 60), a realidade atual da pesquisa em psicanálise aponta que:

Nossa “empíria” é a clínica. Todos os dias, em seus consultórios, os analistas a estão a investigar. Fora deles, anotam sonhos, observam o cotidiano com olhar psicanalítico, lêem e escutam como analistas, estudam teoria. [...] sendo a pesquisa clínica o gênero natural para nós, mas sem abandonar as perspectivas teórica e empírica.

Violante (2000, p. 111) afirma que “conhecer o que existe em Psicanálise, como em qualquer outra disciplina, é o primeiro momento de qualquer pesquisa séria”. Desse modo, ressalta-se a importância de que um pesquisador que pretenda realizar um estudo embasado nos fundamentos da Psicanálise deva buscar o conhecimento da literatura psicanalítica produzido desde o final do século passado.

Para Herrmann (2004, p. 46, 48), tradicionalmente, existem três gêneros de pesquisa que têm disputado o território psicanalítico, sendo eles: a investigação teórica, a pesquisa empírica e a pesquisa clínica. O autor citado aponta que a pesquisa teórica é um dos gêneros estabelecidos há mais tempo nos centros de pós-graduação ligados às ciências humanas, e tem por objetivo “versar sobre a Psicanálise”, “esmiuçando conceitos”. Este método está mais direcionado à literatura que ao relato de sessão, tratando a obra freudiana como um sistema conceitual dedutivo.

Para a realização desta pesquisa, inicialmente, foram efetuadas consultas nas obras de Freud objetivando compreender suas contribuições ao estudo do impasse diante da escolha profissional. A escolha desse suporte teórico deu-se em função da Psicanálise nos instigar ao estudo do sujeito biográfico, que é o ser humano e de procurar entender seus impasses, suas incertezas, suas dúvidas, seus sofrimentos, seus propósitos, sejam eles manifestos ou inconscientes.

A partir do exposto, elegeu-se como objetivo geral compreender o impasse e o sofrimento psíquico da escolha profissional na fase da adolescência à luz da Teoria Psicanalítica e de outros autores contemporâneos que viessem contribuir ao problema em foco. Em vista das questões levantadas, evidencia-se a relevância de pesquisas que possam fundamentar a atuação de profissionais direcionada à prática em orientação vocacional de adolescentes, para que estes, melhor fundamentados em produções científicas contemporâneas, orientem sua clientela no sentido da escolha, dando-lhes possibilidades de se conhecerem e de se informarem também sobre setores profissionais os mais diversos, para que possam vir a escolher de forma consciente em relação ao conjunto de suas aptidões, de suas habilidades, de suas necessidades, de seus interesses, e à realidade profissional, incluindo as condições do mercado de trabalho e as próprias condições pessoais do adolescente.

Constatamos a relevância do tema proposto para uma maior compreensão do impasse e do sofrimento psíquico na escolha profissional, procurando informar e orientar tanto o jovem quanto a própria sociedade em geral sobre a importância da criação de estratégias de promoção de saúde, ao longo da vida escolar, que minimizem os elementos mobilizadores de sofrimento psíquico diante da escolha de uma profissão, visto que, segundo Soares (2002, p.

26), “o momento da escolha é um presente que irá definir um futuro a partir das referências passadas da pessoa, integradas nesse momento presente”.

Nesse sentido, tem-se em vista a idéia de um trabalho que não se dispõe a uma conclusão que trace caminhos ordenados acerca do tema e da prática em orientação vocacional, mas que possa possibilitar maior reflexão sobre a importância de sua compreensão e não simplesmente de se determinar a partir de uma prática tradicional psicométrica, a escolha do outro, o adolescente, retirando-lhe o papel de ator de seu próprio *script*:

A “tomada de consciência” que é imprescindível para uma boa escolha, não dependerá da informação obtida pelos testes, mas da validade, aceitação e elaboração das interpretações que o psicólogo formule ao entrevistado sobre seu comportamento, durante o processo de orientação (BOHOSLAVISKY, 1993, p. 13).

Salientamos desse modo, que há uma necessidade premente de se produzir conhecimento para que se possa contribuir para os estudos científicos acerca do impasse e do sofrimento psíquico diante da escolha profissional, bem como compreender e intervir nesse contexto, buscando a promoção da saúde numa concepção mais integradora:

A pesquisa traz como característica fundamental a produção de conhecimento novo, relevante teórica e socialmente. A pesquisa, portanto, está voltada para preencher uma lacuna no conhecimento científico já disponível, que é considerada de importância tanto pela sociedade como pela própria ciência em questão (MONTEIRO; SILVA, 2002, p.42).

A pesquisa pode ser definida por GIL (1991, p. 19), como “um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Existem várias razões que determinam a realização de uma pesquisa que, segundo o autor, podem ser classificadas em dois grandes grupos, que correspondem às razões de ordem intelectual as quais “decorrem do desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer”, e as de ordem prática, as quais correspondem a motivação pessoal e profissional do pesquisador, que decorrem “do desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente ou eficaz”.

Com base em levantamento bibliográfico realizado através de livros e pesquisas via internet, mediante seis consultas ao banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de

Pessoal de Nível Superior (CAPES), através do site <http://www.capes.gov.br/>, no período de 14/04 a 26/06/2005, e de oito consultas ao banco de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), no endereço eletrônico <http://bases.bireme.br> e Index Psi Periódicos através do site <http://www.psi.bvs.br/>, no período de 02/02 a 15/03/2006, fazendo um levantamento das publicações realizadas nacional e internacionalmente em nível de pós-graduação (mestrado e doutorado), nos últimos dez anos, usando como busca as seguintes palavras norteadoras: adolescência, escolha profissional e sofrimento; entre outros. Constatou-se a escassez de estudos científicos sobre esta temática, na região norte, e que a maioria dos trabalhos encontrados, no universo pesquisado, utilizam o método clínico psicanalítico.

Portanto, esta pesquisa se faz relevante, uma vez que o impasse e o sofrimento psíquico diante da escolha profissional, revela-se no discurso de adolescentes, sejam eles de qualquer raça, sexo ou classe social, os quais venho acompanhando ao longo de meu percurso profissional. A presente pesquisa não tem a pretensão de reduzir ou apresentar soluções definitivas para o impasse da escolha, mas um olhar científico sobre essa questão à luz da Teoria Psicanalítica, vislumbrando a importância da escuta a ser desenvolvida nas práticas em orientação vocacional.

À luz destas demarcações, no segundo capítulo, discorre-se sobre o lugar que ocupa a adolescência na obra freudiana; no terceiro capítulo, reflete-se acerca da adolescência como um período de crise e de transformação, destacando-se que esta teve grandes variações, ao longo da história. O quarto capítulo enfoca as características psicossociais e cognitivas do adolescente em processo de escolha. O quinto capítulo aborda a definição de escolha, as condições nas quais esta ocorre, os determinantes psíquicos, sob a luz da Psicanálise, o significado do ato de escolher, a diferença entre profissão e trabalho, além de destacar fatores determinantes no ato de escolher. No sexto capítulo, é apresentada uma revisão crítica das Teorias não Psicológicas e Psicológicas acerca da orientação vocacional, bem como uma proposta de prática em orientação vocacional que oportunize ao adolescente, um espaço de escuta e reflexão. Por fim, apresentam-se as considerações finais, com o objetivo de sistematizar os eixos determinantes destacados no trabalho, para então concluir com uma discussão acerca dos impasses que envolvem a escolha profissional na adolescência.

2 PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA SEGUNDO A TEORIA FREUDIANA

Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu
(FREUD, 1914, p. 188).

O termo adolescência não foi utilizado pelo pai da Psicanálise, pois na linguagem da época, este termo era pouco consistente e incomum, assim como o fenômeno da adolescência tinha uma repercussão social diminuta, diferentemente do elevado valor social verificado na atualidade. No entanto, Freud construiu articulações psicanalíticas sobre os processos biológicos e psíquicos resultantes das transformações da puberdade, contribuindo para nossa compreensão sobre os processos implicados na adolescência, verificando-se vários trechos de suas obras, nas quais aparecem os termos puberdade e adolescência.

Em “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905) e na “Conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais” (1916-1917) Freud realiza uma abordagem específica e aprofundada sobre o tema. Até 1905, em os “Três ensaios”, a puberdade assumia um valor de extrema importância nos estudos freudianos. Nos escritos pré-psicanalíticos, até 1893, Freud situa a puberdade como o momento *princeps* do surgimento da sexualidade no ser humano, visto que ele caminha de acordo com sua época, excluindo a possibilidade da existência da sexualidade na infância.

De acordo com o referido autor, os impulsos libidinais liberados na puberdade exerceriam o poder de produzir neuroses. Nesse início de percurso, Freud segue basicamente as considerações teóricas formuladas em parceria com Breuer, afirmando que o aumento da excitação decorrente do despertar da sexualidade gera um excedente de energia para a produção de fenômenos patológicos. Na concepção dos processos patológicos, a masturbação na puberdade, e o excesso de libido dela decorrente, passa a obter uma importância central.

A partir de 1893, no entanto, Freud elabora uma teoria estritamente psicanalítica no que diz respeito à etiologia das neuroses e da histeria. Passando a desenvolver a Teoria da Sedução Infantil, concluiu que as neuroses seriam fruto de traumas sexuais infantis resultantes da sedução do adulto sobre a ingênua criança, afirmando que, na primeira infância, a excitação sexual é uma experiência sexual passiva, surte pouco ou nenhum efeito, havendo entretanto, uma preservação do traço psíquico. Gutierrez (2003), defende que na puberdade

ocorre uma “potencialização” desses traços sexuais infantis que até aquele momento não produziram uma sintomatologia correlata.

Mais tarde, na puberdade, quando as reações dos órgãos sexuais se desenvolvem num nível desproporcional a seu estado infantil, esse traço psíquico inconsciente é de algum modo despertado. Graças à transformação devida à puberdade, a lembrança exibe um poder que esteve totalmente ausente do próprio evento. A lembrança atua como se fosse um evento contemporâneo. O que acontece é, por assim dizer, a ação póstuma de um trauma sexual (FREUD, 1896, p. 145-46).

De acordo com Gutierrez (2003), a puberdade, e o conseqüente despertar da sexualidade, apesar de não ser mais considerada a causa necessária das neuroses em função do seu excedente energético, continua tendo um lugar de destaque nesse momento inicial da teorização freudiana, que é o de potencializar os traços de experiências sexuais infantis. Além disso, Freud também delinea, no tempo inicial de sua obra, a hipótese de que a diferenciação sexual assume lugar na puberdade. Em sua pesquisa sobre as fontes do recalçamento sexual normal (FREUD, 1897d), na “Carta 75”, como a moralidade e a vergonha, afirma que esse recalçamento se dá de forma diferente entre os sexos, sendo que o sentimento de repugnância surge mais cedo nas meninas. Entretanto, ressalta que a principal diferenciação entre os sexos nesse sentido surgirá na puberdade, quando as meninas são acometidas por uma repugnância sexual não-neurótica, e os meninos, pela libido. Anuncia em 1897, o que vai detalhar nos “Três ensaios”, em 1905.

As considerações freudianas iniciais definem a puberdade como um momento propício de manifestação das neuroses, em função do excesso libidinal presente nessa fase, além de colocá-la como o ponto do desenvolvimento humano em que a diferença sexual se acentua, quando a menina sofre uma nova onda repressiva. Trata-se, portanto, de considerar a puberdade como momento orgânico que gera um efeito psíquico, no qual a mudança física gera um excesso de libido, cuja carga potencializa lembranças infantis e exige um posicionamento no campo da sexualidade. Nos “Três ensaios”, Freud (1905), dará um novo enfoque às questões relativas à puberdade, articulando os processos físicos e psíquicos aí envolvidos, agora sob o prisma da descoberta da existência da sexualidade infantil (GUTIERRA, 2003).

Destaca ainda essa autora que, por volta de 1893, Freud dispunha de uma explicação completa sobre a histeria, com base nos efeitos traumáticos da sedução sexual realizada por um adulto na primeira infância do doente. É a chamada Teoria da Sedução Infantil ou Teoria

do Trauma. Entretanto, em Freud (1897a) se viu forçado a abandonar sua Teoria da Sedução. Esse acontecimento, anunciado em sua “Carta 69”, remetida a Fliess em 21 de setembro, e a descoberta quase simultânea do complexo de Édipo, feita em sua auto-análise (1897b, c) “Cartas 70 e 71”, de 3 e 15 de outubro, que o levaram, inevitavelmente, ao reconhecimento de que as moções sexuais atuavam normalmente nas crianças de mais tenra idade, sem a necessidade de estimulação externa.

Os “Três ensaios” são textos basilares em que fica estabelecida realmente essa guinada da teorização freudiana, que passa a considerar a existência da sexualidade infantil. Freud afirma que a sexualidade não é característica exclusiva da puberdade. Até então a importância da puberdade estava em ser o momento privilegiado de manifestação da sexualidade e conseqüente ressignificação dos traumas sexuais da infância, produzindo ou não neuroses (GUTIERRA, 2003).

Agora, sob a ótica do reconhecimento da existência da pulsão sexual na infância, Freud analisa a puberdade discorrendo inicialmente no primeiro ensaio, sobre as aberrações sexuais e sua relação com a vida sexual normal infantil. Desmistifica as concepções clássicas sobre o instinto sexual, apontando a predisposição para as perversões como parte integrante da constituição normal da sexualidade. A puberdade é considerada, nesse primeiro ensaio, o momento de conclusão da conduta sexual, fruto da combinação de fatores constitucionais e “acidentais”, os quais segundo ele ainda eram “inabarcáveis” (desconhecidos). Além disso, Freud (1905, p. 159) afirma que a puberdade pode ser pensada como um momento de manifestação das doenças, das psiconeuroses, pois constata que “na maioria dos psiconeuróticos a doença só aparece depois da puberdade, a partir das solicitações da vida sexual normal”, sendo essa hipótese, então, mantida no texto freudiano.

Apesar de ter sua importância assegurada como tempo passível da manifestação das doenças psíquicas, a puberdade não é mais o único tempo de eclosão da sexualidade humana. No entanto, segundo Freud, ela será o ponto final do desenvolvimento sexual humano, momento de desfecho, em que o jovem finalmente se posiciona na chamada vida sexual normal, perversa ou neurótica.

Segundo Gutierrez (2003), a puberdade é entendida, então, como momento de definição, de conclusão, da conduta sexual definitiva e de desfecho numa psicose ou na vida sexual normal, conforme a terminologia freudiana. Este caráter de desfecho atribuído à puberdade reaparece no segundo ensaio, no qual Freud faz uma profunda análise de como se dá o desenvolvimento da sexualidade infantil (criança como perversa polimorfa) e conclui que na puberdade deve ocorrer a unificação das pulsões sob o primado da zona genital, visando à

reprodução e à realização do alvo sexual num objeto alheio. Resumindo então, parte do que vai abordar no terceiro ensaio.

Freud (1905) afirma que, na infância, é efetuada uma escolha objetal que se aproxima ao máximo daquela que será concluída na puberdade, na fase fálica¹ da organização da libido, entre quatro a cinco anos, quando, no entanto, o único genital reconhecido é o masculino. Em nota acrescentada em 1924, Freud defende que a terceira fase do desenvolvimento da sexualidade humana já mereceria o nome de genital, pois exhibe um objeto sexual e certo grau de convergência das aspirações sexuais para esse objeto. Entretanto, diferencia-se da maturidade sexual, pois reconhece apenas um tipo de genitália, a masculina. Por isso essa fase é chamada de estágio fálico da organização. De acordo com Freud (1905, p. 187), a puberdade vem a ser, portanto, o último tempo da organização sexual:

A diferença desta última reside apenas em que a concentração das pulsões parciais e sua subordinação ao primado da genitália não são conseguidas na infância, ou só o são de maneira muito incompleta. Assim, o estabelecimento desse primado a serviço da reprodução é a última fase por que passa a organização sexual.

Deste modo, na infância há um máximo de aproximação com o que ocorrerá na puberdade, entretanto somente nesta última será possível a efetiva subordinação das pulsões parciais ao primado da genitalidade a serviço da reprodução. A possibilidade da reprodução, a possibilidade do ato sexual, do encontro com o outro sexo, exige, então, uma última organização da sexualidade humana.

Assim, na concepção freudiana, a escolha objetal, ocorrerá em dois tempos, em duas ondas. A primeira começando entre os dois e os cinco anos, caracterizando-se pela natureza infantil de seus alvos sexuais. De acordo com Freud (1905, p. 187), “a segunda sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual”. Na puberdade, reinicia-se uma corrente sensual, sendo que a tarefa do púbere será de renunciar aos objetos infantis e convergir às correntes terna e sensual na direção de um objeto sexual alheio.

Torres (2001, p. 106) define genericamente a palavra objeto como uma “coisa”, aquilo que pode ser materializado ou manipulado. A autora ressalta que o significado atribuído a esta palavra é amplo e corresponde à coisa. Ela afirma que: “objeto é aquilo para o qual se tende

¹ A fase fálica inicia-se aproximadamente aos três anos de idade. As manifestações sexuais expressam-se através da masturbação. Os pais ou substitutos tomam ao seu encargo a ameaça da castração. Esta ameaça une-se à visão da ausência do pênis nas mulheres, o que induz o menino a imaginar a perda do seu. A menina imagina que perdeu algo de valor e o menino receia que seu pai, vá tirar-lhe os órgãos genitais (SOIFER, 1992).

ou se deseja, qualidade ou realidade percebida, imagem fantástica ou ainda o significado expresso um conceito pensado”.

A noção do que vem a ser objeto é apresentada por Freud (1905), em “Três ensaios sobre a sexualidade” onde ele faz um percurso desde os primeiros objetos que recebem investimentos por parte da criança até mais tarde, na adolescência, quando eles tomam conotações e proporções diferenciadas. Para ele, este conceito não está relacionado ao de uma coisa em si, que seja inanimada ou manipulada, pois “o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (FREUD, 1905, p. 210). A Teoria Psicanalítica aponta que existem dois caminhos para o encontro do objeto, no qual o primeiro dá-se por apoio em modelos infantis primitivos e, o segundo seria o narcísico, o qual busca o ego do próprio sujeito e vai reencontrá-lo em outrem.

De acordo com Gutierrez (2003), podemos ressaltar que, nessa segunda parte de “Três ensaios”, Freud (1905), situa a puberdade como o tempo do primado da genitalidade, do encontro com um objeto sexual alheio, como o tempo de conclusão do desenvolvimento psicosexual. Nomeando “A puberdade”, é no “Terceiro ensaio” que Freud (1905, p. 195) aborda especificamente as transformações dessa fase, sendo enfático ao afirmar na introdução que “na puberdade introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva”.

Na infância, havia o predomínio do auto-erotismo², em que as zonas erógenas atuavam independentes umas das outras, buscando certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Na puberdade, o trabalho será de subordinação das pulsões parciais sob o primado da genitalidade. Surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões se conjugam, enquanto as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona genital.

Na puberdade, conclui Freud (1905), deve haver uma conjugação das pulsões parciais sob o primado da pulsão genital; a conjugação das correntes sensual e de ternura num objeto alheio e a transformação do caráter do alvo sexual em altruísta, visando à reprodução. Tratando-se então, de um processo de abandono do auto-erotismo.

Em seguida, Freud (1905), explicita sobre o momento crítico que o sujeito vive nessa fase, ressaltando que a puberdade é um tempo de combinações e de composições, constituindo um período oportuno para ocorrerem perturbações patológicas, caso essas reordenações não se concluam.

² De um modo mais específico significa uma característica de um comportamento sexual infantil precoce pela qual uma pulsão parcial, ligada ao funcionamento de um órgão ou à excitação de uma zona erógena, encontra a sua satisfação no local, isto é, sem recorrer a um objeto exterior e sem referência a uma imagem do corpo unificada (LAPLANCHE ; PONTALIS, 2001, p.47).

Na puberdade, conforme descreve Freud nesse Terceiro Ensaio, o jovem torna-se capaz de descarregar produtos sexuais ou de recebê-los para a formação de um novo ser. O aparelho sexual, agora desenvolvido, é acionado por vários estímulos: pelo mundo externo, mediante excitação das zonas erógenas; pelo interior do organismo, por meio da química proveniente da possível existência de uma gônada sexual; neste ponto, Freud prevê a base química da sexualidade; e pela vida anímica. As zonas erógenas infantis compõem o mecanismo de pré-prazer a serviço do primado da genitalidade, produzindo um aumento do prazer e da energia motora necessária para a realização do ato sexual. Esse pré-prazer é o mesmo que já foi produzido, em menor escala, pela pulsão sexual infantil (oral, anal). O prazer final é novo, ligado às condições obtidas na puberdade. Esse processo é, então, uma das reorganizações realizadas na puberdade, de ordem pulsional, com ênfase na transformação orgânica.

Em relação a esse comentário, segundo podemos considerar que há uma predeterminação em jogo na reorganização, além de transformações presentes na puberdade, oriundas da vida sexual infantil. Portanto, na puberdade, serão vividas reorganizações e rearranjos dos elementos da vida infantil, agora sob a égide do primado da genitalidade. Assim, Freud (1905), parece enfatizar que há algo como uma predefinição na infância, considerada uma amarração que, em texto posterior, ele nomeará de "frouxa", já que na puberdade haverá reorganizações finais necessárias ao exercício da sexualidade. Uma predeterminação infantil é colocada à prova no tempo da puberdade, quando o sujeito terá de dar conta do encontro com o outro sexo. Motivo pelo qual, Freud afirma que também é um tempo passível de trazer algo novo, de permitir novos rearranjos (GUITIERRA, 2003).

Outra mudança vivida pelo púbere relaciona-se à libido, ou seja, à energia correspondente aos processos e transformações que ocorrem no âmbito da excitação sexual. O substituto psíquico desse *quantum* de libido é nomeado libido do ego, e sua produção, aumento, diminuição ou distribuição possibilita a explicação sobre os fenômenos psicosexuais. A libido concentra-se nos objetos, fixa-se neles e depois os abandona, passando de uns para outros, e partindo dessas posições norteia, no indivíduo, a atividade sexual que leva à satisfação, que é parcial e temporária. Só é possível acessar o estudo analítico dessa libido quando ela se converte em libido de objeto, ou seja, das representações de objeto. A libido narcísica ou do ego, portanto, é o reservatório de onde partem catexias de objeto e no qual elas voltam a ser recolhidas. Assim, se o processo da puberdade pressupõe a eleição de um objeto alheio e primado da genitalidade, isso implicará na transformação da libido narcísica em libido de objeto.

Até agora Freud discorreu igualmente sobre os processos e transformações na puberdade, acentuando o caráter pulsional e libidinal. Suas considerações são, até o momento, equivalentes para ambos os sexos. Entretanto, Gutierrez (2003), indaga a existência de uma diferenciação, verificando então que para Freud apenas na puberdade é estabelecida a separação nítida entre os caracteres masculinos e femininos. Até então, na infância, encontram-se algumas disposições masculinas e femininas, como por exemplo, inibições mais intensas nas meninas; mas a atividade auto-erótica das zonas erógenas é idêntica em ambos os sexos. Mesmo na fase fálica do desenvolvimento sexual, há similaridades, pois nas meninas a zona erógena dominante situa-se no clitóris, sendo homóloga à zona genital masculina, a glândula. A autora ressalta que Freud modifica essa posição quando se aprofunda nas questões da sexualidade feminina de 1930.

É na puberdade que ocorre a maioria da diferenciação entre os gêneros, sendo que no menino há o avanço da libido e a manutenção da zona de excitação, a glândula; já na menina há um recalçamento que afeta a sexualidade do clitóris, devendo transferir-se para a vagina: “A mulher transfere a excitabilidade erógena do clitóris para a vagina, ela muda a zona dominante para sua atividade sexual posterior, ao passo que o homem conserva a dele desde a infância” (FREUD, 1920a, p. 208).

Assim, a relação objetal infantil servirá como apoio, como modelo, para a escolha sexual na maturidade. Essa escolha do objeto sexual alheio exige um trabalho psíquico do jovem, pois implica no abandono dos pais da infância. Freud ressalta que o mais lógico seria a escolha dos mesmos objetos da infância; entretanto, com o adiamento da maturação sexual, latência, ganha-se tempo de erigir a barreira do incesto, como exigência cultural da sociedade, em que são integrados conceitos morais que excluem da escolha objetal as pessoas amadas na infância. Deste modo, visando estabelecer unidades sociais superiores, especialmente em relação aos adolescentes, a sociedade lança mão de todos os recursos para afrouxar os laços com a família, que eram decisivos na infância.

Até então Freud parecia estritamente voltado para os processos físicos e biológicos presentes na puberdade. Entretanto, ao tratar da questão da escolha objetal, passa a ocupar-se dos processos psíquicos em sua articulação com o biológico e o social, ao se remeter à “crise de gerações” (GUTIERRA, 2003).

A premência somática na puberdade, o excesso de libido, reativa as fantasias infantis incestuosas presentes na fase fálica da organização sexual, tempo do complexo de Édipo³. Entram em jogo, então, a demanda social e a própria subjetividade que exige o repúdio dessas fantasias, devendo-se vencer na substituição dos pais para tornar-se membro da sociedade. Inicia-se o processo psíquico considerado por Freud como um dos mais dolorosos desse período: o desligamento das figuras parentais:

[...] Consuma-se uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas, do período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais, unicamente através do qual se cria a oposição, tão importante para o processo da cultura, entre a nova e a velha geração (FREUD, 1923, p.213).

Assim, Freud parte dos processos biológicos e bioquímicos, ressaltando, no entanto, o efeito de reorganização que eles promovem no campo pulsional, libidinal, da escolha objetal e finalmente da relação com os pais na infância e com as demandas sociais. O púbere terá de adolecer, ou seja, enfrentar os processos psíquicos resultantes da puberdade e do estabelecimento dos laços sociais.

Segundo Gutierrez (2003), apesar de Freud não falar de adolescência, no texto “Três ensaios” ele aponta as seguintes temáticas, que poderíamos nomear como processos pertinentes à adolescência: tempo de conclusão da conduta sexual, de configuração definitiva da vida sexual, quando se dá a organização das pulsões parciais sob o primado da genitalidade, abrindo o campo para a escolha de objetos sexuais alheios; tempo em que ocorrem reorganizações e composições psíquicas, realizando-se o desfecho do desenvolvimento sexual; trata-se, portanto, de um momento oportuno para a ocorrência de perturbações patológicas como respostas às solicitações da vida sexual; tempo do abandono do auto-erotismo para a efetivação do “encontro com o objeto”, posicionamento final do sujeito no campo da sexualidade, cujo caminho foi preparado desde a mais tenra idade, processo este influenciado e marcado pelas experiências infantis; reaparecimento e intensificação das fantasias infantis e momento de realizar o desligamento das figuras parentais e estabelecer laços sociais.

³ Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, apresenta-se como o desejo da morte do rival do mesmo sexo e desejo sexual pelo do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p.77).

Assim, apesar da pouca importância atribuída à puberdade na totalidade da obra freudiana, podemos verificar o intenso trabalho psíquico que a subjetividade deve realizar quando se depara com o excesso de libido da puberdade, aliada à demanda social que sustenta a barreira do incesto e exige um trabalho psíquico específico de posicionamento final no desenvolvimento sexual, acompanhada do processo de separação das figuras parentais. Freud anuncia, então, as bases de pesquisa sobre a adolescência.

A “Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais” é outro momento em que Freud (1916-1917) se detém mais longamente sobre o tema puberdade, elaborando considerações importantes, enfatizando e complementando as hipóteses apresentadas nos “Três ensaios”. A puberdade é novamente apresentada como um momento de organização permanente da sexualidade humana, quando é estabelecida a primazia dos genitais. Esse processo é “preparado” na infância, entretanto a organização obtida em seus momentos anteriores é nomeada como frouxa: “uma espécie de organização frouxa, que pode ser chamada ‘pré-genital’, existe durante esse período inicial” (FREUD, 1916-1917, p. 382).

Freud (1916-1917), reafirma também que, na puberdade, se inicia o processo de encontro com o objeto, da escolha objetual que não a dos pais na infância. O primeiro objeto de amor é a mãe, sendo que este relacionamento mãe-bebê se apresenta como protótipo das escolhas objetuais posteriores. A primeira escolha objetual é, portanto, incestuosa, e o ser humano deverá dela abdicar, possibilitando novas escolhas objetuais. Conclui esta “Conferência XXI”, com a mesma temática com a qual finaliza os “Três ensaios”, discorrendo sobre o processo psíquico a ser realizado pelo jovem púbere ao desvincular-se dos pais para tornar-se membro da comunidade social. A força libidinal na puberdade reativa as escolhas objetuais infantis, ocorrendo o que Freud, pela primeira vez, nomeia como revivescência do complexo de Édipo. O trabalho do jovem será principalmente o de apartar da consciência, ou seja, recalcar tudo de novo, as premissas trazidas pelo Édipo.

Constatamos que, na puberdade, quando os instintos sexuais, pela primeira vez, fazem suas exigências com toda a sua força, os velhos objetos incestuosos familiares são retomados mais uma vez e novamente catexizado com a libido. A escolha objetual infantil era apenas uma escolha débil, mas já era um começo que indicava a direção para a escolha objetual na puberdade. Nesse ponto, desenrolam-se, assim, processos emocionais muito intensos que seguem a direção do complexo de Édipo ou reagem contra ele, processos que, entretanto, de vez que suas premissas se tornaram intoleráveis, devem, em larga escala, permanecer apartados da consciência. Dessa época em diante, o indivíduo humano tem de se dedicar à grande tarefa de desvincular-se de seus pais e, enquanto essa tarefa não for cumprida, ele não pode deixar de ser uma criança para se tornar membro da comunidade social (FREUD, 1916-1917, p.392-393).

Freud (1916-1917) relembra que esse processo raramente é realizado por completo, pois o Édipo, em muitos casos, não é superado completamente, concluindo-se que aí se situa o núcleo das neuroses. Nesse momento, no entanto, Freud teoriza sob a ótica do futuramente denominado complexo de Édipo. A puberdade é claramente o tempo de revivescência desse complexo, das fantasias incestuosas, e momento de abalo das escoras narcísicas; portanto, o sujeito deve realizar um trabalho psíquico para enfrentá-las e possibilitar o encontro com o outro sexo.

Entretanto, em “Moisés e o Monoteísmo”, Freud (1939 [1934-38]), inclui um novo e importante fator capaz de desencadear a neurose na puberdade – o trabalho psíquico necessário ao jovem ao deparar-se com as novas tarefas da vida e o conflito gerado entre as exigências do mundo real e o ego:

Só posteriormente realiza-se a mudança com que a neurose definitiva se torna manifesta, como um efeito retardado do trauma. Isso ocorre ou na irrupção da puberdade ou algum tempo depois. No primeiro caso, isso sucede porque as reações e alterações do ego provocadas pela defesa se mostram agora um estorvo no lidar com as novas tarefas da vida, de maneira que graves conflitos surgem entre as exigências do mundo externo real e o ego, que busca manter a organização a que penosamente chegou em luta defensiva (FREUD, 1939 [1934-38]), p.96).

O jovem tem de lidar com duas exigências: o despertar do desejo sexual e das fantasias incestuosas; e as sociais, exigências do mundo externo que demandam sua separação das figuras parentais e o estabelecimento de laços sociais; ou seja, na puberdade o jovem realiza um trabalho psíquico para dar conta da demanda libidinal e da demanda social.

Outro aspecto abordado por Freud é o da intensificação de fantasias produzidas na puberdade, fruto das experiências infantis, que serão o sustentáculo dos sintomas neuróticos na puberdade. Esta é efetivamente pensada como uma fase de construção de fantasias, que ele nomeia como ficções mnêmicas, resultantes da novela familiar, contribuindo para a produção de sintomas histéricos no sujeito que adolece.

Estes já não apareciam como derivados diretos das lembranças recalçadas das experiências infantis, havendo antes, entre os sintomas e as impressões infantis, a interposição das fantasias (ficções mnêmicas) do paciente (produzidas, em sua maior parte, durante os anos da puberdade), que, de um lado, tinham-se construído a partir das lembranças infantis e com base nelas, e, de outro, eram diretamente transformadas nos sintomas (FREUD, 1906[1905], p.258).

Assim, o jovem não apenas revive fantasias infantis, mas deve realizar um processo psíquico de transformação dessas fantasias em uma ficção mnêmica, que será o sustentáculo dos sintomas histéricos. O jovem deve rearranjar traços de sua infância e de sua novela familiar resultando numa ficção própria.

Destaca Gutierrez (2003), que o valor da puberdade/adolescência na obra freudiana é quase inversamente proporcional ao valor atribuído à infância e que essa inversão do lugar de importância da puberdade/adolescência na obra freudiana, ocorre com a descoberta da sexualidade infantil. A puberdade passa a ser um tempo de conclusão do desenvolvimento sexual. Portanto, um tempo de trabalho orgânico e psíquico importante, com especificidades marcantes, relegado à última fase do desenvolvimento psicosexual, propiciando uma amarração ao que fica frouxo na fase fálica.

A puberdade agora constitui-se como um período de revivescência do complexo edípico, caracterizando uma fase de conclusão, de condensação e de organização sob o referencial genital daquilo que ficou dissociado na infância, ocorrendo a escolha do objeto em contraposição ao auto-erotismo, o que resulta numa fixação definitiva da vida sexual. A puberdade é, então, nomeada literalmente como quarta fase do desenvolvimento sexual:

A organização completa só se conclui na puberdade, numa quarta fase, a genital. Estabelece-se então um estado de coisas em que (1) algumas catexias libidinais primitivas são retidas, (2) outras são incorporadas à função sexual como atos auxiliares, preparatórios, cuja satisfação produz o que é conhecido como pré-prazer, e (3) outros impulsos são excluídos da organização e são ou suprimidos inteiramente (reprimidos) ou empregados no ego de outra maneira, formando traços de caráter ou experimentando a sublimação, com deslocamento de seus objetivos (FREUD, 1940 [1938], p. 180-81).

O trabalho psíquico exigido pela puberdade constitui reorganizar e concluir o desenvolvimento sexual resultando num posicionamento final no campo da sexualidade, em que entra em cena a revivescência do Édipo como uma baliza das escolhas objetais alheias e da produção de fantasias que sustentarão as possíveis formações sintomáticas do jovem. A puberdade assume assim, importância como um tempo de excesso de libido que exige novos rearranjos pulsionais e momento em que as exigências sociais promovem um novo trabalho psíquico. Freud afirma ser um tempo de abalo profundo das escoras narcísicas do sujeito.

No decorrer de seus escritos, Freud valoriza o papel da infância na constituição subjetiva. Enfatiza, em vários pontos da obra, que, na infância, estão os germes das neuroses,

do posicionamento sexual e das escolhas objetais. A puberdade é a amarração final do que já está predeterminado, em sua articulação com o trabalho do púbere de estabelecer novas escolhas objetais – fundamentadas nos protótipos – e novos laços sociais que não os dos pais na infância.

Vale destacar que em Freud (1920a), “Pós-Teoria da Sedução Infantil”, ora a puberdade é apenas um momento de rearranjos – processo que exige um trabalho psíquico, concluindo o que estava marcado no infantil -, ora a puberdade pode trazer algo novo (caso da jovem homossexual). Ora enfatiza-se que os processos psíquicos pubertários são frutos apenas das exigências libidinais que despertam novamente a sexualidade adormecida na latência. Ora, esse processo é detonado pelas exigências sociais. Por vezes, Freud fala da articulação entre o orgânico e o social. No entanto, por vezes, Freud aborda esse tempo da puberdade sustentando a idéia de possibilidade de escolha do objeto visando restaurar a felicidade perdida, como se isso fosse realmente possível.

Então, conclui-se que, ao tratar do tema puberdade, Freud não faz uma separação tão radical quanto ao papel do orgânico como o faz em relação ao desenvolvimento infantil. Além disso, volta a defender uma normalidade sexual e a submissão do pulsional às exigências de reprodução e de manutenção da espécie. Contudo, aponta a separação dos pais da infância como um trabalho psíquico doloroso resultante da necessidade de sujeição da espécie à cultura, processo realizado efetivamente a partir da puberdade. Ou seja, o púbere deve lidar com as exigências orgânicas e sociais. Coloca, portanto, a puberdade como um período de decantação, desfecho na posição sexual do sujeito, assim como da escolha das neuroses.

3 ADOLESCÊNCIA COMO UM PERÍODO DE CRISE E DE TRANSFORMAÇÃO EM UM DADO CONTEXTO CULTURAL

Dizem que adolescer é aborrecer e adoecer...
 (muitas vezes, é mesmo!)
 Mas, na verdade pode ser...,
 Crescer...
 Florescer...
 Amadurecer...
 Um movimento
 A caminho do ADULTECER!
 (NIAMEY COSTA)

O termo adolescência, etimologicamente, é composto pelos prefixos latinos “ad”, que significa para a frente, mais *dolescere*, que significa crescer, com dores, o que denota tratar-se de um período de transformações, de crises, sendo as principais transformações não apenas de natureza anatômica e fisiológica, mas também de natureza psicológica, especialmente voltadas para a busca de uma identidade individual, grupal e social (ZIMERMAN, 1999). Houaiss (2001, p.89), refere-se à adolescência como “fase do desenvolvimento humano caracterizada pela passagem à juventude e que começa após a puberdade”.

Na sociedade ocidental moderna, a adolescência seria fruto de um enigma relativo à passagem da infância para a vida adulta. Deste modo, os adolescentes são obrigados a suportar um tempo de espera, de adiamento da entrada no mundo público, porque não existe um lugar pré-determinado a ser ocupado por eles na sociedade, tendo em vista a complexificação do processo de formação profissional, o declínio da ética do trabalho e da produção, bem como dos ideais ligados ao casamento e a família (COUTINHO, 2002).

Calligaris (2000) refere que, o que ocorre com o fenômeno da adolescência em nossa sociedade, é o oposto daquilo que outras culturas ritualizam coletivamente pelos rituais iniciáticos, através dos quais o jovem deve passar por certas provas e ensinamentos até que possa adquirir o estatuto de adulto, definido em função de alguma atividade valorizada e predeterminada pela sociedade.

De acordo com Coutinho (2002), o conceito de adolescência surge na cultura ocidental no contexto de consolidação do individualismo articulado à constituição dos limites entre as esferas pública e privada da vida social. Nesse sentido, as pessoas tendem a pensar que só é válido falar em adolescência se nos referirmos a um contexto sociocultural individualista, no

qual a cada indivíduo é delegada a responsabilidade de administrar seu próprio destino, encontrando seu lugar no social da maneira que lhe for preferível ou possível.

Apesar do fenômeno da adolescência ter surgido antes da virada do século XX, é somente a partir da década de 1960 que o adolescente ganha a cena definitivamente, ocupando um lugar de destaque nesse novo contexto cultural, apresentando-se como um conceito peculiar e específico de uma cultura ocidental em que a liberdade e a autonomia tornaram-se os valores hegemônicos. A respeito disso, Calligaris (2000, p. 9) afirma que a adolescência nada mais é do que:

[...] um mito inventado no começo do século XX, que vingou sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial. A adolescência é o prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e contemplam. Ela é uma das formações culturais mais poderosas de nossa época. Objeto de inveja e de medo, ela dá forma aos sonhos de liberdade ou de evasão dos adultos e, ao mesmo tempo, a seus pesadelos de violência e desordem.

Deste modo, poderíamos supor que o século XX faz da própria adolescência um ideal cultural, quando todos desejam ocupar essa posição eternamente, sendo a idealização da adolescência compatível com a ascensão da cultura do consumo e do liberalismo, também solidários do ideal máximo de liberdade individual e que para Coutinho (2002, p. 10), trata-se da “teenagerização da cultura ocidental”.

Müller (1988), ressalta que adolescência é um termo de origem latina, que se refere à “crescer”, “chegar à maturidade”, e implica o despreendimento da infância e o ingresso progressivo no mundo e no papel adulto. Este processo tanto atinge quanto é atingido pelos adultos e pela sociedade, bem como pelo próprio momento histórico em que transcorre. A transição pela qual passam os adolescentes assume diversos significados de acordo com a cultura na qual estão inseridos como também de acordo com o momento histórico. Nas sociedades não industrializadas, esta passagem ocorre pelo reconhecimento público e solene, mediante rituais, denominados de iniciações cumpridas, as quais os jovens são incorporados ao grupo dos adultos e preparados assim, para as ocupações grupais e para a atividade sexual familiar.

Entretanto, em outros ambientes, como no caso dos camponeses e trabalhadores rurais, nos quais crianças e adolescentes trabalham e permanecem menor tempo estudando, o período da adolescência acaba por ser encurtado, pois o jovem deve assumir o mais breve possível responsabilidades e condutas adultas. O que pode dar lugar a uma série de características

psicológicas diferentes daquelas que autores do desenvolvimento como Aberastury; Knobel (1992), Berger (2003), Blos (1998), Coll; Marchesi; Palácios (2004), Levisky (1998), Osório (1995), Papalia; Olds (2000), entre outros, consideram típicas do adolescente, tais como: busca de si mesmo e da identidade, necessidade de intelectualizar e fantasiar, tendência grupal, flutuações de humor, crises religiosas, deslocalização temporal, atitude social reivindicatória, superação progressiva dos pais, dentre outras.

Nas sociedades em que os adolescentes podem seguir seus estudos e preparar-se para o ingresso em uma universidade e conseqüentemente para o desempenho de uma profissão, a adolescência tende a se prolongar até aproximadamente os 22 anos ou mais, até que o jovem se torne independente afetiva e financeiramente de sua família (MÜLLER, 1988).

Assim, o que constitui a adolescência não é o fator biológico, mas o sentido que se dá ao papel adulto na sociedade na qual ela está inserida. Nas sociedades industriais, o ingresso do adolescente no mundo adulto é dificultado e até mesmo postergado, pela multiplicidade de papéis sócio-econômicos nelas existentes e pela complexidade de sua aprendizagem. Como conseqüência, este período se estende, prolongando-se a dependência dos jovens, bem como é contraditória a postura da sociedade diante do papel que se espera que os adolescentes cumpram, sendo este também ambíguo, refletindo o conflito de adolescentes e adultos ante este ciclo do desenvolvimento humano.

É exigido dos adolescentes que estes desempenhem, durante os anos da adolescência, algumas tarefas específicas, tais como: esclarecer e tomar seu próprio papel, autodefinindo-se e reconhecendo-se corporal, emocional, sexual, social e profissionalmente, o que ocorre de forma muitas vezes laboriosa e com intenso sofrimento psíquico, requerendo atitudes e sentimento de aceitação, renúncia e despreendimento do jovem, o qual ainda não se encontra com maturidade suficiente para lidar com estes dilemas.

Deste modo, os adolescentes são convocados a desenvolverem uma autonomia emocional e financeira, dos pais, para viverem suas próprias experiências e aumentarem sua autonomia, passando assim a estabelecer relações com os pais e outros adultos em um plano não mais de dependência, mas sim de reciprocidade. Devem também construir pessoalmente, mas em geral sob a influência de grupos de pertinência e de referência, um sistema interpretativo da realidade, baseado em convicções e não em imposições.

Os sistemas de valores e a cosmovisão sócio-familiar e educacional são introjetados inconscientemente pelo sujeito, convertendo-se em um fundo defensivo e caracterológico de sua personalidade, e incidindo em suas escolhas e projetos de vida (MÜLLER, 1988, p. 62).

Em decorrência deste sistema de valores interferir diretamente na constituição psíquica do adolescente e conseqüentemente na elaboração de suas escolhas pessoais e ocupacionais, a adolescência não pode ser descrita como uma fase tranqüila ou descontextualizada, mas sim como uma:

Etapa do desenvolvimento, como todas as outras, que não se modifica de forma instantânea e abrupta, tampouco, da mesma forma em todos os indivíduos, sendo um produto do desenvolvimento humano desde a infância e refletindo a natureza da integração da personalidade (LEVENFUS, 1997, p.213).

Para Gutierrez (2003) a adolescência como se apresenta na atualidade pode ser pensada com um fenômeno típico da modernidade e objeto recente de estudo no campo psicanalítico. Calligaris (2000, p. 28) afirma que o adolescente “é aquele que interpreta e realiza o desejo do adulto poderoso”. Deste modo, Gutierrez (2003, p. 26) assinala que “a adolescência, então, carrega em si a obrigatoriedade de realização do ideal cancelado pelo adulto, ou seja, o ideal de autonomia, de liberdade e de ausência de regras”.

Retomando a história, seguindo os estudos de Áries (1981), verifica-se que ocorreu a saída de uma época “sem adolescência” para o século XX, no qual esta passa a ser considerada a idade favorita, desejando-se alcançá-la cedo e nela permanecer muito tempo. Até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância. No latim utilizado pelos colégios, empregavam-se indiferentemente as palavras *puer* e *adolescens*. Em francês, empregava-se apenas a palavra *enfant*. Essa longa duração da infância provinha da indiferença em relação aos fenômenos biológicos. A infância não era limitada pela puberdade, mas sim pelo fim da dependência. A essa categoria não dependente, dava-se o nome de juventude, o que não é sinônimo do que chamamos atualmente de adolescência, pois se tratava de pessoas que, apesar da pouca idade, já exerciam funções sociais definidas.

A consciência da juventude passou a ser fenômeno geral e banal principalmente após a primeira Guerra Mundial, quando os combatentes da frente de batalha se opuseram em massa às velhas gerações da retaguarda. Essa consciência passou a ser comum entre os ex-combatentes, com aspectos da adolescência moderna, sendo a infância empurrada para trás e a maturidade, para frente (GUTIERRA, 2003).

Antes disso, na família medieval, o serviço doméstico se confundia com a aprendizagem. Nessa transmissão direta de conhecimentos de uma geração para outra não havia lugar para a escola. As crianças não eram mantidas em casa, mas enviadas para residir

com outras famílias, com as quais aprendiam um ofício e as formas de comportamento social adequadas. Não havia a distinção entre a vida privada e a vida profissional, nem a preocupação de manter as crianças com as próprias famílias. A transmissão do conhecimento pelas gerações era resultante da participação familiar das crianças na vida dos adultos.

A partir do século XV, há uma mudança gradual, quando a educação passa a ser fornecida cada vez mais pela escola. Essa transformação foi decorrente da necessidade percebida pelos clérigos de isolar a juventude do mundo sujo dos adultos, mantendo-a na inocência e treinando-a melhor para resistir às tentações do mundo adulto. Deste modo, a escola passou então, gradativamente, a ser o instrumento primordial da iniciação social e da passagem da infância para a vida adulta. O sentimento de família surge concomitantemente com essa transformação, concentrando-se em torno da criança.

Então, no século XVII ocorre o retorno das crianças ao lar, as quais passam a ser elementos indispensáveis da vida cotidiana e motivo de preocupação dos adultos quanto à sua carreira, à educação e ao futuro. Essa família do século XVII, porém, não era configurada como a família moderna, pois conservava uma enorme sociabilidade.

A família atual, ao contrário, separa-se do mundo e da sociedade constituindo-se assim em um grupo solitário de pais e filhos. Neste contexto, forma-se o sentimento de intimidade e valoriza-se a casa e os dados de identificação pessoal. As crianças passam a ter apelidos familiares não identificados pelo grupo social. Surgem áreas de estudo dedicadas aos problemas da infância, como a pediatria, a psicanálise e a psicologia. Acentua-se, então, a noção de passagem, sendo a educação o tempo de passagem da infância para a vida adulta e da vida familiar para a vida social. A vida familiar diferencia-se e distancia-se da vida social, e o processo adolescente começa a delimitar-se neste tempo em que o jovem terá de sair do meio familiar e escolar para ingressar na sociedade mais ampla e na vida profissional. Ele terá de realizar uma travessia do contexto familiar isolado para o campo das relações sociais mais amplas. Além dessa separação entre o familiar e o social, a puberdade passa a ser elaborada pela própria subjetividade. Até então, as mudanças físicas não tinham um lugar tão privilegiado, pois já eram representadas pelo meio social e pelo material simbólico da comunidade tradicional. Até mesmo nas sociedades ditas primitivas, os ritos de passagem imergiam o jovem num banho simbólico que significava transformações físicas e a transição da vida infantil para a adulta (GUTIERRA, 2003).

Ruffino (1993, p. 39), afirma que na modernidade, vivemos a falta de dispositivos simbólicos sociais que regulem a passagem da infância para a idade adulta. A adolescência surge, então, quando essa passagem torna-se problemática em função dessa perda de

eficiência dos dispositivos societários. “A subjetividade viu-se forçada a alterar-se para produzir, em seu ‘interior’, algo novo que funcionasse em equivalência àquilo que desaparecera fora”.

Para Gutierrez (2003), no século XVII, o que havia eram: exigências sociais para tornar-se adulto, as quais não eram tão distantes do cotidiano das crianças; estabilidade e familiaridade do corpo social, que permitia minimizar a estranheza do impacto pubertário; uma forte ligação entre a vida coletiva e a individual, por laços cerimoniais e culturais com seus dispositivos rituais, elaborados pelas experiências históricas da própria comunidade, assinalando então, que o adolescer é o substituto da eficácia ritual perdida na modernidade, ou seja, a resposta do jovem ao se deparar com o real pubertário será adolescer, palavra de origem latina que significa crescer. Assim, o tempo da adolescência surge como fruto da modernidade, dos movimentos históricos e sociais, forçando, por sua vez, alterações e transformações significativas na subjetividade. Trata-se de uma operação psíquica efetuada no interior de cada subjetividade, em equivalência aos processos simbólicos de adultificação presentes nas sociedades tradicionais.

Como operação psíquica, este é um tempo de crise, a qual segundo Melman (1995, p. 30), caracteriza o “momento em que o sujeito não encontra o lugar no seu gozo”. Assim, a adolescência passou a fazer parte constitutiva da subjetividade moderna, daí sua importância como tema de estudo no campo da psicanálise.

Vale destacar que desde a Grécia antiga, Platão e Aristóteles abordaram a natureza da juventude. De acordo com Platão, no século IV a.C., o raciocínio não era uma característica das crianças, só aparecendo na adolescência. Assim, esse filósofo defendia a idéia de que as crianças deveriam passar o tempo em brincadeiras e música, enquanto os adolescentes deveriam estudar ciências e matemática. Aristóteles, no século IV a.C., afirmava que o aspecto mais relevante da adolescência era a habilidade para escolher, e que essa autodeterminação tornava-se um marco da maturidade. A ênfase dada por esse filósofo no desenvolvimento da autodeterminação, se coaduna com algumas opiniões contemporâneas que consideram a independência, a identidade e a escolha de uma profissão os pontos marcantes da adolescência (SANTROCK, 2003).

Na Idade Média, as crianças e os adolescentes eram considerados adultos em miniatura, sendo tratados com disciplina religiosa. No século XVIII, o filósofo francês Rousseau restaurou a crença de que ser uma criança ou um adolescente não é similar a ser um adulto. Assim como Platão, Rousseau acreditava que o raciocínio se desenvolvia na adolescência, afirmando que a curiosidade deveria ser estimulada na educação de

adolescentes de doze a quinze anos de idade, pois ele achava que dos quinze aos vinte anos de idade as pessoas amadurecem emocionalmente, seu egoísmo passa a ser substituído pelo interesse nos outros. Deste modo, Rousseau ajudou a restaurar a crença de que o desenvolvimento tem fases diferentes e que merecem ser estudadas de modo específico, de acordo com suas demandas. Porém, as idéias de Rousseau eram especulativas e somente nos primórdios do século XX, é que foi iniciado o estudo científico da adolescência. O final do século XIX e o começo do século XX são considerados períodos relevantes para a invenção do conceito de adolescência, assim como as mudanças subseqüentes que os jovens vivenciaram no século XX, as quais também influenciaram suas vidas de modo importante (SANTROCK, 2003).

Muitos estudiosos, dentre esses psicólogos, educadores, assistentes sociais, entre outros, começaram a moldar o conceito da adolescência, entre 1890 a 1920, passando a não mais atribuírem apenas aos meninos, as causas de problemas, mas também características que antes eram apenas associadas ao sexo feminino, tais como: passividade e vulnerabilidade.

O período de 1890 a 1920 é considerado pelos historiadores como a era da adolescência, visto que defendem que foi nessa ocasião que se inventou o conceito de adolescência. Nesse período, em quase todos os estados americanos, muita legislação compulsória dirigida à juventude foi promulgada. Foram aprovadas leis que excluía a juventude da maioria dos empregos e exigiam que eles cursassem a escola secundária. De 1920 a 1950, os adolescentes ganharam uma posição mais proeminente na sociedade, à medida que passavam por uma série de mudanças complexas. Na década de 1930, veio a Grande Depressão, seguida pela Segunda Guerra Mundial, em 1940. Na década de 1920, preocupações econômicas e políticas tomaram lugar dos valores adolescentes hedonistas. Na década de 1930, o número de grupos radicais de protestos que faziam críticas ao governo aumentou. Além disso, a Segunda Guerra Mundial expunha os adolescentes ao serviço militar, que era outro acontecimento que representava uma séria ameaça à vida (SANTROCK, 2003).

Em 1904, a publicação do livro de G. Stanley Hall sobre adolescência desempenhou um importante papel na reestruturação do pensamento sobre adolescentes, pois esse teórico afirmava que muitos jovens podem parecer passivos, entretanto estão na verdade experimentando um verdadeiro turbilhão interior. Os historiadores consideram Hall o pai do estudo científico da adolescência, iniciando a teorização, a sistematização e o questionamento que foram além da simples especulação e filosofia, sendo suas idéias publicadas, em 1904, nos dois volumes de Adolescência. Hall foi bastante influenciado por Darwin, aplicando as

dimensões científica e biológica da divisão de Darwin ao estudo do desenvolvimento do adolescente. Hall considerava que todo desenvolvimento é controlado por fatores fisiológicos geneticamente determinados, o que representa que o ambiente tem um papel mínimo no desenvolvimento, em particular durante a fase da infância. Entretanto, ele reconheceu que o ambiente é responsável por mais mudanças no desenvolvimento durante a adolescência que nos períodos anteriores, acreditando então que a hereditariedade interage com influências ambientais para determinar o desenvolvimento da pessoa (SANTROCK, 2003).

Por volta de 1950, o período de desenvolvimento da adolescência havia alcançado a maioridade, pois o adolescente não apenas possuía identidade física e social, mas também recebia atenção jurídica. Até meados da década de 1970, boa parte do protesto radical dos adolescentes americanos havia diminuído, substituída por uma preocupação crescente com uma carreira de mobilidade vertical, voltada para a realização, a ser alcançada através de muito esforço na escola secundária, na universidade ou em um curso vocacional.

Santrock (2003, p.8), afirma que a adolescência “é uma época de avaliação, ou de tomada de decisões, de comprometimento, e de procurar um lugar no mundo”, ou seja, de buscar uma identidade pessoal e, posteriormente, uma identidade profissional. Cita os estudos de Weissberg ; Greenberg (1998), afirmando que os adolescentes de hoje são apresentados com um ambiente que é menos estável que o de adolescentes de décadas atrás, pois na atualidade elevados índices de divórcio, de gravidez na adolescência e um aumento na mobilidade geográfica das famílias contribuem para a falta de estabilidade. Mesmo assim, em vários aspectos as tarefas de desenvolvimento dos adolescentes de hoje não são diferentes das que tinham os adolescentes na década de 1950.

Segundo Hall (apud SANTROCK, 2003, p. 4), “a adolescência é o período entre 12 e 23 anos de idade e é recheada de tempestade e estresse”. Essa perspectiva de tempestade e estresse revela o conceito de Hall de que a adolescência é um período turbulento, impregnado de conflitos e oscilações de humor.

De modo geral, a adolescência abrangeria três níveis de maturação e desenvolvimento, sendo eles: a puberdade, também chamada de pré-adolescência, correspondente a faixa etária dos doze aos quatorze anos; a adolescência propriamente dita, correspondente ao período dos quinze aos dezessete anos e a adolescência tardia, a qual corresponde dos dezoito aos vinte e um anos, sendo que cada uma dessas etapas apresenta características próprias específicas. (ZIMERMAN, 1999).

Santrock (2003), informa que na América e na maioria das outras culturas, na contemporaneidade, a adolescência começa na faixa de idade que compreende dos dez aos

treze anos e termina entre os dezoito e vinte e dois anos, para a maioria das pessoas. No que diz respeito ao término da adolescência, Levisky (1998, p. 59) revela que, segundo o Comitê sobre Adolescência dos EUA, esse é caracterizado:

1- pelo atingimento da separação e da independência dos pais; 2- pelo estabelecimento da identidade sexual; 3- pela submissão ao trabalho; 4- pelo desenvolvimento de um sistema pessoal de valores morais; 5- pela capacidade de relações duradouras e de amor sexual, terno e genital, nas relações heterossexuais e 6- pelo regresso aos pais numa nova relação baseada numa igualdade relativa.

Na adolescência, ocorrem mudanças biológicas, cognitivas e sócioemocionais que se estendem do desenvolvimento de funções sexuais aos processos de pensamento abstrato e à independência. Deste modo, Santrock (2003, p. 3), define a adolescência como “um novo nascimento. Os jovens saltam em vez de crescerem para a maturidade. Tempestade e estresse freqüentemente comunicam ansiedade nervosa”.

Os desenvolvimentistas descrevem a fase da adolescência em termos de períodos, denominados de período inicial, que corresponde à fase situada entre a 5ª e a 8ª série do ensino fundamental e inclui a maior parte das mudanças da puberdade, e período posterior que se refere aproximadamente à última metade da segunda década da vida, porém os interesses por carreira, namoro e exploração da identidade são mais acentuados no período correspondente à adolescência posterior.

Santrock (2003) aponta que a antiga visão da adolescência era a de que se tratava de um período singular e uniforme de transição, resultando no ingresso no mundo adulto. Em contraponto, os enfoques da atualidade sobre esse ciclo de desenvolvimento tendem a examinar os precursores e os resultados de uma série de transições, os diversos eventos que definem o período de transição, ou o momento e a seqüência de eventos que acontecem dentro desse período. O autor cita a conclusão da escola e o primeiro emprego como eventos marcantes de transição que determinam a saída da adolescência, ou o ingresso na vida adulta.

Blos (1998), faz a distinção entre puberdade e adolescência, referindo que a palavra puberdade serve para indicar as manifestações físicas da maturação sexual enquanto a palavra adolescência indica os processos psicológicos de adaptação à condição de pubescência.

O lento rompimento dos laços emocionais que o adolescente tem com sua família, a entrada, em meio a receios ou excitações, numa nova vida que lhe acena, tais experiências estão entre as mais profundas da existência humana (BLOS, 1998, p. 20).

Segundo Berger (2003); Coll (2004) e Santrock (2003), o desenvolvimento é definido como um processo vitalício, sendo a adolescência uma parte do curso da vida e como tal, não pode ser considerada um período isolado de desenvolvimento, embora esta tenha algumas características singulares. O que acontece nessa fase está interligado com o desenvolvimento e com as experiências da infância e da vida adulta. Segundo a Teoria Psicanalítica descrita por Santrock (2003, p. 25), para se compreender o desenvolvimento, deve-se “analisar os significados simbólicos do comportamento e o funcionamento interior profundo da mente”.

Zagury (2000), define este ciclo do desenvolvimento humano como uma fase de transformação profunda que impõe ao jovem, grandes exigências de adaptação, relacionadas com as novas funções biológicas, novas formas de relação interpessoal e novas responsabilidades familiares e sociais. Pode ser considerada então como uma fase do desenvolvimento repleta de conquistas, mas também de dificuldades, visto que a simultaneidade das mudanças traz uma desestabilização do ponto de vista tanto biológico quanto emocional e social, refletindo no comportamento do jovem, na própria família e na instituição escolar, podendo ser estas dificuldades exacerbadas pelo impasse da escolha profissional e pelos sentimentos de ansiedade revelados neste momento da escolha de uma profissão que, muitas vezes, coincide com a fase da adolescência.

Essas idéias são corroboradas por Levisky (1998), que define a adolescência como um processo que ocorre durante uma fase da vida de uma pessoa na qual o desenvolvimento evolutivo é caracterizado por uma revolução biopsicossocial. O autor considera que o processo adolescente marca a transição de um estado infantil para um novo estado, denominado de adulto. Atribui que as características psicológicas desse ciclo evolutivo, sua expressividade e suas manifestações ao nível do comportamento e da adaptação social dependem da cultura e da sociedade em que esse processo se desenvolve.

A adolescência é um marco fundamental na história do desenvolvimento vital. Há quem diga ser este período um segundo nascimento, no sentido de que “primeiro se nasce, e na adolescência começa-se a viver”. [...] é neste período que o indivíduo se redefine como pessoa. A adolescência é a busca de si mesmo, numa transição da identidade infantil para a identidade adulta. A resultante dessa busca exerce papel fundamental na formação e consolidação da estrutura básica da personalidade (LEVISKY, 1998, p. 35).

Segundo o referido autor, é nesse ciclo da vida denominado de etapa da evolução psicosexual, que o jovem revive, consciente ou inconscientemente, situações do passado. Esse processo de transição pode ser vivido com maior ou menor dificuldade, visto que as

características da passagem pela adolescência dependerão diretamente de fatores internos e externos:

[...] de suas experiências infantis, das relações afetivas primárias, das características de sua iniciação na vida social, do modo de resolução das relações triangulares por ocasião do conflito edipiano, de suas angústias e temores, os quais nessa ocasião poderão ser, de alguma forma, revividos por ele (LEVISKY, 1998, p.35).

A fase da adolescência é demarcada por Aberastury ; Knobel (1992), pelas seguintes características: busca de si mesmo e da identidade; tendência grupal; necessidade de intelectualizar e fantasiar; crises religiosas; deslocalização temporal; evolução sexual manifesta; atitude social reivindicatória; contradições sucessivas em todas as manifestações de condutas; separação progressiva dos pais e constantes flutuações do humor e do estado de ânimo. Então, a adolescência é compreendida como uma fase em que “se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância” (ABERASTURY ; KNOBEL, 1992, p. 13), ou seja, do brincar espontâneo e prazeroso pelo profissionalismo, muitas vezes percebido como uma atividade necessária, repleta de responsabilidades, obrigações e pouco prazer. Deste modo, podemos ressaltar que os adolescentes não passam incólumes a essa fase do ciclo de desenvolvimento, na qual se fazem presentes situações novas, certezas e incertezas que inundam o mundo deles, e que podem ser vivenciadas de modo peculiar através das manifestações de comportamentos e sentimentos singulares, saudáveis ou psicopatológicos representados de forma ansiosa e ou depressiva em função da própria subjetividade ao se depararem com essas situações e mais especificamente, com a necessidade e até mesmo obrigatoriedade de escolha de uma profissão.

A adolescência é um momento do desenvolvimento da personalidade no qual acontece uma reorganização da identidade, permitindo a passagem do mundo infantil ao mundo adulto. O complexo de Édipo é recolocado em cena, assim como as identificações da primeira infância. Deste período de transformações, acompanhado de dúvida e de ansiedade, o adolescente busca uma saída que lhe permita encontrar, como adulto, seu próprio lugar na sociedade (LUCCHIARI, 1997, p. 79).

É neste ciclo da vida, denominado de adolescência, que também se encontra o momento de fazer a escolha de uma profissão, confrontando a realidade com sua vivência

subjetiva: a expectativa de um futuro idealizado. O adolescente cria projetos os quais espera realizar num futuro a médio ou longo prazo, os quais devem ser sustentados por uma realidade, que nem sempre se apresenta acolhedora. Conceitos de identidade, identificações, realidade e projeto, desejo e ideal de ego vão nortear este percurso e devem ser compreendidos pelo psicólogo que atua com orientação vocacional (LUCCHIARI, 1993).

A partir das proposições apresentadas, podemos verificar que o ciclo de desenvolvimento denominado adolescência, possui características próprias bastante específicas, sendo considerado por Lisboa (1997, p. 116) como o período da vida caracterizado como o segundo momento de maiores mudanças em curto espaço de tempo, comparando-se somente ao primeiro ano de vida quando as transformações em termos de evolução são imensas. Para a referida autora, a adolescência “é a segunda fase em grau de transformações maiores e significativas tanto física como emocionalmente”.

O processo da adolescência é tido como um dos mais complexos para o ser humano, principalmente por gerar instabilidades e inseguranças, em virtude da profundidade das transformações que encerra, sendo considerado o momento em que um indivíduo é invadido biológica, através das transformações corporais; emocional e socialmente por exigências nunca antes experimentadas. Socialmente, é invadido pela expectativa de um comportamento diferente do infantil, coerente com o comportamento do adulto, do assumir responsabilidades que lhe são delegadas, passando pela inserção no mundo do trabalho que se inicia com a escolha da futura profissão (ABERASTURY; KNOBEL, 1992; BLOS, 1998; LEVISKY, 1998; LISBOA, 1997).

O ciclo da adolescência se caracteriza por três perdas fundamentais as quais se constituirão em lutos a serem elaborados num processo que se estenderá pelos anos da adolescência. Estas perdas referem-se à: perda do corpo infantil, perda da identidade infantil e perda dos pais da infância. Coerentes com as transformações características da adolescência, as perdas darão lugar a mudanças que levarão à constituição de uma nova identidade, a adulta. Porém, este desenvolvimento não ocorrerá sem sofrimento, na qualidade de perdas que, necessariamente, farão parte deste ciclo de transformações (ABERASTURY; KNOBEL, 1992).

A perda do corpo infantil será sentida como uma invasão, assim como as cobranças do comportamento adulto que exigirão o assumir de uma nova identidade. A condição de ser adulto, temida e desejada, também incluirá novas formas de relação com as pessoas, iniciando pela relação com os pais, os quais tendem a apresentar-se como figuras que cobrarão posturas

e posições frente à vida, sendo uma das principais a escolha de uma profissão (ANDRADE, 1998).

Como consequência, o adolescente vivenciará esta fase como uma situação de ambivalência entre o desejado e o temido, apresentando flutuações da identidade. Estas flutuações são vividas numa variação ampla e com intensidade diferenciada, a que Knobel (1992) denominou de síndrome normal da adolescência. Isto é, faz parte do processo de formação da identidade adulta, portanto da identidade do adolescente, a vivência de desequilíbrios e instabilidades intensas, alternância de sentimentos e comportamentos, conflitos afetivos e outras manifestações que, se perpetuadas, poderão ser consideradas como patológicas.

Segundo Lisboa (1997), uma vez em processo de luto, será difícil para o adolescente desprender-se de sua identidade passada, sobretudo se não tiver figuras substitutivas nas quais possa se projetar. Motivo pelo qual estas se fazem importantes visto representarem um mundo extra familiar, ou seja, aquele onde agora o adolescente deverá lançar-se em busca de um lugar através da construção de uma nova identidade. No esforço de se desprender daqueles que significam a sua estabilidade, o adolescente necessita, até certo ponto, negá-los para suportar a perda e, ao mesmo tempo, ganhar espaço fora do núcleo familiar, buscando a construção de um novo, num diferente contexto, que impõe exigências desafiadoras e difíceis, sendo a escolha da futura profissão uma destas.

De acordo com Müller (1988), a adolescência pode ser compreendida como um processo de aprendizagem em que as mudanças significam lutos ou abandonos dolorosos do passado, sendo esses lutos descritos como: luto pelo corpo de criança; perda do papel e a identidade de criança dos anos anteriores e perda da relação infantil com os pais.

No luto pelo corpo de criança, as transformações corporais pelas quais passa o adolescente têm forte repercussão psíquica, pois estas mudanças muitas vezes rápidas e não harmônicas causam instabilidade psíquica, sendo vividas como invasivas, incontroláveis, mobilizando sentimento de angústia, confusão e estranheza. Na maioria das vezes, os adolescentes preocupam-se com o grau de “normalidade” a respeito do seu desenvolvimento corpóreo e, com frequência, sua imagem corporal é distorcida por suas fantasias e pelos problemas de auto-estima. Nossos meios publicitários costumam idealizar um determinado modelo de aparência física, o que tende a aumentar o conflito e o sentimento de frustração vivenciados pelos adolescentes na busca de conseguirem aproximar-se dos modelos idealizados. O corpo é então vivido ambivalentemente como bom ou mal e, às vezes, as mudanças são tão desejadas quanto temidas, rechaçadas ou negadas. Neste caso, os

adolescentes podem assim, dissociar o racional do corporal, pulsional erótico ou agressivo que lhes perturba. Esta dissociação tende a se acentuar corporalmente, sendo o corpo tratado como objeto estranho, pelo qual o adolescente sofre ou que ele tem mais que não é, e assim é negada a realidade corporal integradora da personalidade, o que leva a excessos de privação ou negação, de ascetismo ou a sentimento de culpa. O sentimento de angústia sentido frente ao transcurso do tempo pode conduzir a sentimentos de despersonalização, ou seja, de não reconhecer-se, e de sentir-se estranho; e grande temor à morte e às enfermidades. Em contraposição, o adolescente pode desenvolver fantasias de imortalidade e onipotência através das quais tenta negar a finitude da vida.

No que se refere à perda do papel e à identidade de criança dos anos anteriores, verifica-se que, na época da terceira infância, as crianças sabiam claramente o que era esperado delas e o que elas poderiam esperar dos adultos. Os vínculos predominantes eram os do grupo primário, a família, e do meio imediato, a escola. Na adolescência, as identificações, os processos mentais e a forma de incluir-se sofrem uma crise, motivo pelo qual os adolescentes costumam experimentar sensações de confusão e de vazio pela perda do anterior. Este fator, que por sua vez, tende a estimular o desenvolvimento como consequência das ansiedades mobilizadas e da necessidade de tentar novas condutas que resolvam os conflitos. As tarefas evolutivas que cabiam a infância, tais como: brincar, estudar, obedecer aos adultos, depender, entre outras, entram em crise já que, ao adolescente, são atribuídas novas responsabilidades e novos problemas que pertencem à realidade. A realidade atual que o jovem deve enfrentar não possui respostas claras, mas costumam ser ambíguas e incertas, e devem ser elaboradas por ele mesmo, pois não existem soluções unívocas ante os problemas da sexualidade, dos estudos, das ocupações, das crises e frustrações que podem resultar daí.

Assim, os adolescentes deixam de comportar-se de acordo com o que é esperado deles e com as normas exteriores, buscando ser eles mesmos, o que só o conseguem como culminação de um longo processo durante o qual costumam oscilar entre um movimento constante de progressão e de regressão, aceitando o crescimento e o amadurecimento pessoal ou regredindo a condutas anteriores, resistindo a mudanças e permanecendo na infância. Em certas ocasiões, as condutas do adolescente assumem traços maníacos, tais como: negar o crescimento ou acelerar de forma onipotente, negando a dor pelo passado perdido.

Podem ocorrer novos problemas apresentados aos adolescentes, tais como: a necessidade de descobrir-se e situar-se como ser para si e em um papel social, o que tende a provocar-lhes conflitos, pois obriga a definir-se, e que muitas vezes não exercitaram com suficiente frequência e responsabilidade a capacidade de decisão, pelo que temem equivocarse.

se ou arrepender-se, duvidando assim de si mesmos e de seus próprios critérios. A maturidade pessoal lhes outorgará maior autonomia e poder, aspectos esses que tendem a libertar os jovens de serem como os pais, passando das identificações⁴ à elaboração de sua identidade, o que implica uma necessidade de auto conhecimento e de reconhecer melhor a realidade, fazendo uma leitura crítica e compreensiva desta e de seu possível lugar nela. Entretanto, se os adolescentes forem tratados e considerados ainda como crianças, tenderão a prolongar sua dependência e insegurança, sua persistência em condutas infantis; sendo sua suposta imaturidade resultante da forma como são tratados.

Neste processo de abandono da identidade infantil, o mundo interno do adolescente atua de forma intensa integrado por suas fantasias inconscientes, suas ansiedades e defesas, a partir dos primeiros vínculos estabelecidos com as pessoas que primeiro odiou, amou, e pelas quais foi primeiro amado e odiado. Este mundo interno pode ser sentido mais real no inconsciente que todos os acontecimentos exteriores, pois estes objetos e fantasias constituem parte da personalidade adolescente, representando o que ama, deseja, odeia, teme e admira. Deste modo, se as primeiras relações com as figuras parentais deixaram marcas positivas o sujeito poderá identificar-se com boas imagens que o ajudem a viver sua adolescência e a fazer suas escolhas de forma menos dolorosa.

Quanto à perda da relação infantil com os pais, salienta-se que ao longo da infância os sujeitos davam aos pais uma imagem característica de poder e segurança, muitas vezes idealizados tanto em sentimentos de projeção e reassseguramento quanto em serem persecutórios, aterrorizantes e castradores. Já na adolescência, essa idealização tende a entrar em crise, pois percebe-se que os conflitos, as falhas, os problemas; os erros e os limites dos pais são colocados em julgamento, sendo avaliados e criticados de forma muitas vezes ríspida, produzindo conflitos. Isto acontece devido os adolescentes desejarem ser percebidos e tratados como iguais, consolidando-se como uma personalidade própria ante os adultos. Em algumas circunstâncias, a necessidade de independência e autonomia faz com que os jovens neguem seus sentimentos afetuosos, mostrando-se rebeldes e críticos, com receio de correrem o risco de manter a submissão e dependência afetivas. A partir de então, os adolescentes tendem a recolocar e a questionar as normas familiares, pondo em dúvida a infalibilidade dos adultos, os quais tendem muitas vezes a rivalizar com seus filhos ou insistir em tratá-los como crianças, negando a passagem do tempo e o questionamento de sua primazia. Tais aspectos

⁴ A identificação é um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 226).

vêm tornando o processo de escolha uma tarefa muitas vezes difícil e de sofrimento físico e psíquico, não só para o adolescente, mas para todo seu universo relacional, que pode representar e funcionar tanto como um mundo bom, que daria suporte emocional e ajudaria o adolescente a elaborar e re-significar as crises da adolescência, como um mundo mau que contribuiria para a desorganização psíquica do adolescente. Segundo Aberastury; Knobel (1992, p. 63), “Um mundo interno bom e boas imagens paternas ajudam a elaborar a crise da adolescência tanto como as condições externas conflitivas e necessárias durante este período”.

Diante dos pressupostos expostos, podemos considerar que a adolescência seja uma fase de correlação das múltiplas dimensões do desenvolvimento que se complementam e se integram ou desintegram de forma a alcançar a maturidade do adolescente, quer seja nos aspectos cognitivos, sociais ou afetivos, interferindo na auto-imagem, sentimentos e comportamentos deste diante da tarefa de escolher o que pode ser evidenciado por Müller (1988, p. 77), quando afirma que:

O sujeito se etiqueta de ‘anormal’ é o porta-voz ou testemunha dos problemas, das fissuras, da ‘outra cara’, reprimida nos demais e depositada nele pelo grupo familiar ou escolar. Por outro lado o que pode considerar-se [...] ‘boa escolha’, pode ser resultante de uma série de conformismos e inibições que reprimem o sujeito, oprimindo seus desejos e sua criatividade.

Neste sentido, destacam-se os relatos de adolescentes sobre esse período os quais reafirmam o exposto:

“Muito difícil, porque não sei quem sou, às vezes me percebo como criança e outras como adulto, me sinto indeciso e inseguro com tudo isso, com todo esse turbilhão de sentimentos e pensamentos estranhos” (Márcio Jorge⁵, 16 anos, informação verbal).

“Confuso, pois nunca sei quem sou de verdade e o que as pessoas esperam de mim” (Juliana Maria, 17 anos, informação verbal).

“Difícil, pois não sei como me comportar, às vezes eu mesmo não me gosto, acho que sou chato, esquisito e feio” (José Mário, 17 anos, informação verbal).

“Que depende muito do momento, às vezes considero bom, pois posso sair com minhas amigas, mas que às vezes é ruim, pois não posso fazer o que quero, já que meus pais não deixam” (Márcia Priscila, 15 anos, informação verbal).

“Difícil e confuso, pois ainda não sei quem sou e o que posso fazer, o que me causa intenso aborrecimento, raiva e tristeza” (Pedro Márcio, 16 anos, informação verbal).

⁵ Todos os nomes dos adolescentes usados nesta dissertação são fictícios.

“Mais ou menos fácil, pois não fico pensando sobre isso para não me sentir confuso, triste ou pressionado, acho que ainda não caiu a minha ficha, né” (João Jorge, 15 anos, informação verbal).

“Difícil, pois mesmo que me esforce para fazer o melhor que posso, as pessoas nunca me avaliam como um cara legal, de bem, pois dizem que os adolescentes são confusos e aborrecidos” (Sílvio José, 17 anos, informação verbal).

Considera-se então a adolescência como um fenômeno psicossocial, ressaltando-se a influência dos fatores psicológicos e socioculturais no início e no término dessa etapa evolutiva. A Organização Mundial da Saúde define, em função de seus objetivos, a adolescência como o período compreendido entre os dez e vinte anos e a divide em duas fases: a primeira dos dez aos dezesseis anos e a segunda dos dezesseis aos vinte anos.

Para Soares (2002), a adolescência é composta de três etapas, de início e fim não muito precisos, em que algumas características se confundem e outras não, e flutuações progressivas e regressivas se sucedem, se alternam ou executam um movimento de vaivém, sendo estes: adolescência inicial de dez a quatorze anos, caracterizada, basicamente, pelas transformações corporais e as alterações psíquicas derivadas desses acontecimentos; adolescência média de quatorze a quinze ou dezessete anos, a qual tem como seu elemento central as questões relacionadas à identidade sexual; adolescência final de dezesseis a vinte anos, a qual tem vários elementos importantes, entre eles o estabelecimento de novos vínculos com os pais (menor dependência e idealização), a questão profissional, a aceitação do novo corpo e dos processos psíquicos do mundo adulto.

Essa divisão em idades é totalmente arbitrária, pois nos defrontamos com adolescentes antes dos dez anos, assim como depois dos vinte anos. Alguns critérios a serem utilizados para caracterizar o final da adolescência poderiam estar relacionados à possibilidade de o jovem estabelecer uma identidade estável; aceitar sua sexualidade e se ajustar gradativamente ao papel sexual adulto; tornar-se independente dos pais e fazer a escolha de uma carreira ou encontrar uma vocação.

Nessa fase de transição, a relação do sujeito com o mundo é marcada por inseguranças e medos que levam a uma tentativa de auto-afirmação em suas atitudes. Muitas vezes, o adolescente rebela-se e enfrenta os adultos para lhes mostrar, bem como para os colegas e para si mesmo, que ele pode e que ele sabe. Outras vezes, mostra-se muito idealista, imaginando-se poderoso e que realizará coisas que vão mudar o mundo, melhorar a sociedade e fazer com que a felicidade até exista.

Levisky (1998) pontua que a vida afetiva, na fase da adolescência, encontra-se em reformulação, caracterizando-se pelo equilíbrio emocional instável, sendo o processo de reformulação inevitável. A compreensão racional e afetiva desses movimentos de transição pelo próprio jovem e pela sociedade, contribui no sentido de tornar esse período menos doloroso e mais edificante para o adolescente, para seus familiares e para a própria sociedade na qual esse jovem se encontra inserido. Além de fatores sociais e que se tornam conscientes para os adolescentes, fatores inconscientes também participam na expressividade do processo de adolescência, tais como: fantasias, medos, sua história de vida, incluindo experiências traumáticas e prazerosas, entre outros, que dão a configuração do quadro psicológico. Assim, quanto mais complexa a sociedade e maior a quantidade de pré-requisitos necessários para que o jovem se integre à sociedade adulta, maior poderá ser o prolongamento desse processo de transição. O que pode ser corroborado pela citação de Knobel (1997, p. 21):

Vivemos em uma sociedade conflitiva e conflitante, onde o indivíduo consegue uma adaptação difícil, mas nem sempre satisfatória. As exigências desta sociedade em crise são de fato confusantes e cheias de contradições. O problema básico da individualidade, o saber “quem sou eu?”, mistura-se com um apavorante “que sou eu?”.

Desse modo, podemos nos deparar tanto com jovens que vivem o processo de adolescência de forma breve e outros que o protelam de maneira longa, o que poderá interferir diretamente no tempo destinado à escolha de uma profissão. Levisky (1998) afirma que na fase da adolescência, além de todos os fatores intrínsecos e extrínsecos que envolvem as transformações pelas quais um jovem passa, ainda existe a questão da escolha.

Na sociedade contemporânea, o jovem é acrescido de mais uma função para poder alcançar a condição adulta e ser reconhecido pela sociedade como tal. Ele deve possuir condições para se encarregar de seu próprio destino [...] (LEVISKY, 1998, p.23).

Portanto, compreende-se a adolescência como uma fase de busca de integração, não apenas no que tange ao desenvolvimento de potencialidades intelectuais, mas emocionais e sociais, de reavaliação de posicionamentos, de definição da própria identidade pessoal e profissional, devendo fazer escolhas, definir posicionamentos, integrar-se à sociedade, considerando sua relativa estabilidade emocional.

4 O SUJEITO ADOLESCENTE QUE ESCOLHE E O SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Não sou nada
Nunca serei nada
Não posso querer ser nada
À parte isso, tenho em mim
Todos os sonhos do mundo...
(FERNANDO PESSOA)

Antes de abordarmos o significado do ato de escolher, consideramos importante definir os termos profissão e trabalho, para justificar então o porque da opção pelo termo profissão. Segundo Soares (1997), Bueno (1996) e Larousse (2001), o termo profissão designa: 1- o ato ou efeito de professar (preencher as funções inerentes a um cargo ou profissão); 2- condição social, estado; 3- atividade ou ocupação especializada, da qual se podem tirar os meios de subsistência, ofício; 4- meio de vida, emprego, ocupação. Enquanto o termo trabalho significaria: 1- aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim; 2- atividade coordenada, de caráter físico ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento; 3- o exercício dessa atividade como ocupação, ofício, profissão. Deste modo, decidiu-se usar o termo profissão por entendermos que é esta definição que o adolescente vem buscar quando procura a orientação vocacional.

Para Levenfus (1997), o ato de escolher envolve não só aspectos cognitivos, ou seja, a capacidade de informar-se sobre as diversas profissões existentes na realidade sócio-profissional, mas também aspectos afetivos os quais poderão dificultar a escolha de uma profissão. A referida autora destaca alguns aspectos que dificultam o ato de escolher, sendo eles: quando um jovem é dotado de muitas aptidões; quando um jovem tem uma dificuldade pessoal frente à capacidade de discriminação e diferenciação tanto das profissões quanto de seus próprios aspectos, e a forma como um jovem agrupa as carreiras por meio de critérios que busca escolher.

No primeiro caso, os indivíduos seriam considerados como multipotenciais, com interesses que se distribuem em diferentes campos ou que desejam e podem seguir várias profissões distintas, apresentando dificuldade de decidirem entre as diferentes opções existentes. O que pode ser ilustrado pelo seguinte relato:

“Só de ter que escolher uma profissão fico angustiada, sou fria, pois sempre gostei de muitas coisas e as pessoas dizem que tenho muitos talentos, gosto de Psicologia, pois sei escutar as pessoas. Minhas amigas dizem que sou ótima conselheira. Também gosto de Jornalismo, pois sei que escrevo bem e gosto de me informar sobre os acontecimentos do mundo e de escrever notícias. Gosto ainda de Nutrição, pois sou uma pessoa preocupada com a alimentação, com a saúde, com as calorias que podem ser ingeridas no dia a dia, com o conhecimento de substâncias que servem para nutrir o organismo humano. Também gosto ainda do curso de Moda, pois sempre fiz desenho de roupas, primeiro para as minhas bonecas, depois para mim mesma e para minhas amigas, sou criativa e atenta com as tendências da moda. Vejo que todas estas profissões estão relacionadas com meu jeito de ser. É enlouquecedor, mas acho que não consigo me decidir por uma coisa só, sou muito dinâmica e também gosto de todas elas, tá muito difícil tomar uma decisão” (Zélia Catarina, 16 anos, informação verbal).

O segundo aspecto seria proveniente da dificuldade de individuação, causando sentimento de ansiedade diante da escolha. Jovens com esta característica tendem a manifestar, geralmente, indiferença às profissões, as quais lhe parecem equivalentes, bem como demonstrar grande confusão quanto às classificações afetivas que fazem das profissões. Aspecto este que pode ser ilustrado pelo relato abaixo:

“Estou numa situação dolorosa, não consigo nem saber se gosto desta ou daquela profissão, se estou entre algumas ou outras, para mim é tudo confuso, não tenho um interesse maior por nada, nem mesmo por uma área específica. Acho que estou mal mesmo, não consigo perceber nada sobre mim e uma possível profissão” (Pedro Paulo, 18 anos, informação verbal)

Neste caso, considera-se que o jovem não estaria apto a se beneficiar de uma orientação vocacional, mas sim de uma psicoterapia, como forma de adquirir suporte para submeter-se a uma orientação vocacional no futuro.

Existem situações, nas quais o adolescente ainda não conseguiu estabelecer vínculos diferenciais com os objetos, e nas quais acha-se comprometida a função do ego de estabelecer relações satisfatórias e estáveis com os objetos (LEVENFUS 1997, p. 184).

A dúvida é inerente à espécie humana, mas ela pode ser exacerbada em fases específicas de nossa vida, através das pressões internas e externas a que uma pessoa é submetida, como no caso da adolescência, fase esta em que ao jovem, é atribuída a

necessidade de definir-se profissionalmente. O que pode ser corroborado por Knobel (1997, p. 25), quando afirma que:

O ser humano é um ser conflitivo, vive com angústias e com capacidades de superá-las, é frágil e vulnerável. Inicia sua vida numa dependência absoluta dos adultos de sua espécie e bem gradativamente vai construindo sua personalidade. Duvida e deve duvidar para, assim, encontrar um caminho.

E, neste processo de busca de um caminho, verificamos que a ação de escolher passa a se constituir como um fazer inerente ao ser humano, o que está de acordo com Soares (1987, p. 19):

Escolher faz parte da vida de qualquer pessoa. Desde que nascemos estamos sempre escolhendo: o que queremos comer ou não, qual roupa iremos vestir. Então, se já estamos acostumados a escolher, por que quando se trata de escolher um trabalho, um “fazer” profissional, sentimos tantas dificuldades?

Um dos motivos se dá pelo fato de que o processo de escolha inicia-se na adolescência, período de busca de si mesmo, busca de uma identidade, período de crises e de questionamentos. É um período da vida muitas vezes chamado de nascimento existencial, em que muitos aspectos da identidade adulta já começam a ser definidos, como a sexualidade, a vida afetiva e a escolha de uma profissão.

De acordo com Soares (1987, p. 19), a idade adulta chega quando, enfim, encontra-se essa identidade mediante uma profissão e um relacionamento afetivo. “Parece tão simples: ficamos adultos por meio de um trabalho e da formação de uma família. Só que está cada vez mais difícil encontrar este ‘ideal’ de adulto ou ‘adulto ideal’”.

Deste modo, podemos perceber que estamos sempre escolhendo, e cada momento evolutivo tem suas características próprias, como o tem a adolescência, a qual é foco de nosso estudo. Nesta fase, o jovem está em fase de transição. De um lado, seus interesses de criança; de outro, o mundo dos adultos. Seu comportamento imaturo muitas vezes reflete que ele ainda é uma criança, outras vezes mostra-o decidido e cheio de razão como se fosse um adulto. Para Soares (2002, p. 24), a escolha da profissão implica uma dimensão temporal que precisa ser integrada e percebida pelo jovem, pois:

Escolher o que se quer ser no futuro implica reconhecer o que fomos, as influências sofridas na infância, os fatos mais marcantes em nossa vida até o momento e a definição de um estilo de vida, pois o trabalho escolhido vai possibilitar ou não realizar essas expectativas.

Portanto, as expectativas das pessoas quanto ao seu futuro estão carregadas de afeto, esperanças, medos e inseguranças; não somente seus, como também os de seus familiares mais próximos. Essa dimensão da felicidade diretamente relacionada com o futuro traz no momento da escolha, um peso muito grande, nem sempre o jovem está em condições de avaliar. Relacionam-se a esta, inúmeras projeções feitas desde o seu nascimento, sugerindo que a felicidade ainda não existe, e só existirá a partir desse futuro.

Analisando esses posicionamentos, a autora assinala que a relação com a temporalidade é muito complexa, devendo esta ser de alguma forma, compreendida pelo jovem em questão, visto que, o momento da escolha é um presente que irá definir um futuro a partir das referências passadas da pessoa, integradas nesse momento presente. O presente é passageiro, é um instante, porque ele sempre estará realizando um futuro que já foi planejado anteriormente. O presente logo passa a ser passado, pois ele já foi vivido pela pessoa.

O jovem está passando por um período de conhecimento de sua identidade. O “eu sou” ainda não está bem definido, e talvez nunca venha a estar completamente, visto que em nossa sociedade, em que o sentido de viver está mais voltado para o externo, é difícil as pessoas virem a se conhecer completamente. Desse modo, Soares (2002, p. 27), afirma que:

O processo de submissão no qual o jovem está inserido, sem precisar com frequência resolver coisas importantes na sua vida, como escolher a escola na qual quer estudar, leva-o a sentir-se surpreso ante a necessidade de escolher.

Aliado ao sentimento de surpresa, existe também o sentimento de urgência na tomada de decisão. Observa-se, nos serviços de orientação profissional e vocacional, um número grande de jovens que procuram uma orientação nas vésperas da inscrição do vestibular, buscando uma resposta imediata, desiludindo-se quando percebe a impossibilidade disso. A escolha, portanto, dá-se nesse clima de impasse e de urgência na tomada de decisão. O fato de o jovem sentir que perde o ano se não fizer vestibular lhe é passado socialmente por toda estrutura familiar e social, pelos amigos, colegas e professores.

Exigências estas que tendem a levar o jovem a sentir-se muito culpabilizado perante a família e o grupo de amigos, se ele resolver não fazer o vestibular porque não sabe ainda qual profissão seguir, e assim ter mais tempo para decidir-se. Ou ainda, por querer ser um profissional sem precisar fazer um curso superior.

Muitos jovens, ao procurarem a orientação vocacional, mostram-se muito apressados. Em geral, é o seu primeiro vestibular e ainda não pensaram no assunto. As inscrições para os vestibulares das universidades acontecem atualmente em dois períodos do ano letivo, no início do primeiro semestre e no início do segundo semestre, levando muitos jovens a se sentirem surpresos ao precisar escolher tão cedo uma profissão. Outros, entretanto, já na universidade, mas insatisfeitos, consideram importante destinar um período para pensar melhor nessa decisão. O fato de decidirem-se com mais conhecimento de si mesmos e do mundo do trabalho traz uma motivação e um interesse muito maior pela atividade a ser desenvolvida. Em geral, esse tempo gasto para pensar e refletir proporciona um amadurecimento maior do jovem em relação a si mesmo e a escolha realizada.

Soares (2002), refere sobre as várias especialidades da identidade: identidade sexual, identidade vocacional, identidade profissional. Devendo-se então, ter presente a existência de uma interação contínua entre fatores internos e externos à pessoa. Em alguns momentos a dificuldade em assumir sua identidade sexual pode levar a uma dificuldade em assumir a identidade profissional também, pois ambas estão interligadas.

Bohoslavsky (1993, p. 65) diferencia “a identidade vocacional da identidade profissional”. A identidade vocacional expressa as variáveis de tipo afetivo motivacional, enquanto a identidade profissional mostra o produto da ação de determinado contexto social sobre a identidade vocacional. A identidade vocacional estaria determinada pelos conflitos inconscientes e sua possível elaboração pelo sujeito, que responde geralmente as seguintes questões: porque, para que e como uma pessoa chega a escolher determinada profissão?

Este sujeito se encontra em idade de experimentar grandes mudanças, as quais são contínuas, amplas e tão características do ciclo da adolescência, que nos remetem a pensar um indivíduo submetido a uma crise contínua, sendo surpreendente que, em meio a tantas crises, o adolescente ainda tenha que se deparar com a necessidade de definir-se enquanto identidade profissional, escolhendo uma profissão. Para Bohoslavsky (1993), ao invés de indagarmos por que este adolescente não consegue escolher, deveríamos indagar por que este jovem, no momento como aquele em que se encontra, pode, não obstante, tomar uma decisão com maior ou menor sofrimento psíquico.

Nas mudanças implícitas ocorridas na passagem da infância à idade adulta, o indivíduo deve buscar maneiras diferentes de se adaptar a áreas em níveis diversos, visto que encontrará, nesse processo, dificuldades cuja magnitude determinará uma adolescência mais ou menos conflitiva, tensa e com sofrimento psíquico, sendo que uma das áreas em que esse ajustamento se realizará, refere-se ao estudo e ao trabalho, compreendidos como meio e forma do adolescente ascender a papéis sociais adultos. Aberastury (1986); Bohoslavsky (1993) e Levisky (1998), afirmam que podemos dizer que um sujeito alcançou sua identidade profissional quando esse ajustamento se realiza no plano psicológico.

Deste modo, esta identidade será considerada pelos referidos autores, não como algo definido, mas como um momento de um processo submetido às mesmas leis e dificuldades daquele que conduz à conquista da identidade pessoal, afirmação esta que eliminaria a idéia de que a vocação seria um destino pré-estabelecido ou um chamado, que o indivíduo deveria descobrir.

No que se refere à busca de uma identidade tanto individual, quanto grupal e social, vale ressaltar que Zimerman (1999), afirma que a aquisição de um sentimento de identidade coeso e harmônico resulta do reconhecimento e da elaboração das distintas identificações parciais que, desde os primórdios, foram se incorporando no sujeito pela introjeção do código de valores dos pais e da sociedade, os quais atravessam sucessivas gerações num movimento chamado pelo autor de transgeracional. A análise da identificação do sujeito com seus objetos primários, a natureza da ligação estabelecida pode revelar aspectos de transmissão psíquica geracional, indicando o lugar do sujeito nesta herança e, conseqüentemente, o lugar de sua escolha profissional. Essa identificação é definida por Zimerman (1999, p. 130), como um “processo ativo, do ego inconsciente do indivíduo, e consiste em que este venha tornar-se idêntico a um outro (de acordo com a etimologia “iden-tificar” é o mesmo que “tornar idem”, ou seja “igual”); que resultam de um processo de introjeção de figuras parentais dentro do ego, sob a forma de representações objetais e no superego, podendo ocorrer por uma das seguintes formas: com a figura amada e admirada: sendo essa a forma que constitui as identificações mais sadias e harmônicas; com a figura idealizada: tendendo a ser frágil, custando ao sujeito o preço de um esvaziamento de suas capacidades e tolerância às decepções; com a figura odiada: a qual configuraria então a chamada identificação com o agressor; com a figura perdida: sendo essa a base dos processos depressivos, inclusive nos quadros melancólicos; com a figura que, na realidade ou fantasia, foi atacada denominada pelo autor como “identificação com a vítima”, nesse caso sendo comum que persista a

presença de um mesmo aspecto da “vítima”, como um sintoma, maneirismo, valor, etc e, com os valores que lhe foram impostos pelos pais assinalando a necessidade de ser igual a alguém.

Destaca-se que a identificação também pode resultar das cargas de identificações projetivas pelas quais o sujeito, não conseguindo conter dentro de si os seus aspectos sentidos como maus ou mesmo os bons, passa a projetá-los dentro dos outros, passando a senti-los como idênticos a ele; depois, os aspectos projetados são introjetados e incorporados (ZIMERMAM, 1999).

O autor acima citado refere que o verbo identificar pode ser conjugado em três planos do psiquismo: aquele no qual o sujeito identifica algo ou alguém que seria considerado na voz ativa; aquele no qual o sujeito foi identificado com e por alguém, representaria o chamado na voz passiva e aquele em que o sujeito identifica-se com um outro, o qual representaria o plano na voz reflexiva. A aquisição do sentimento de identidade também se processa em vários planos, tais como: o de gênero sexual, social, profissional, entre outros, formando-se a partir das múltiplas e variadas identificações, parciais ou totais, idealizadas, denegridas, deprimidas, persecutórias ou admiradas, sadias e estruturantes, patogênicas e desestruturantes, etc.

[...] é inerente ao sentimento de identidade o constante questionamento do sujeito quanto a quem ele realmente é, como ele auto-representa-se, quais são os papéis e lugares que ele ocupa nos vínculos grupais e sociais, o que e quem ele quer vir a ser e de como ele é visto pelos demais (ZIMERMAN, 1999, p.131).

Segundo este autor, existem diversos transtornos relacionados ao sentimento de identidade, desde aqueles considerados “normais”, visto que acompanham as crises vitais, como é o caso da adolescência, até aqueles considerados como formas “patológicas”, como no caso de psicopatas que impõem aos outros uma falsa identidade.

Diante do exposto, faz-se necessário discorrer sobre o processo de aquisição da identidade na adolescência, a qual se torna relevante na construção da identidade profissional e conseqüentemente na compreensão do impasse desta escolha.

Carvajal (1998) aponta que a base fundamental para a constituição da identidade durante a adolescência se dá a partir dos questionamentos e rupturas com os modelos adultos significativos, considerando assim o adolescente como um anti-adulto desafiador. Porém, ao mesmo tempo em que repudia o que esta relacionado à infância, também questiona, destrói e reconstrói os modelos adultos que lhe foram apresentados até aquela fase. Lemos (2001, p.19) confirma as proposições deste autor, ao dizer que “todo adolescente é um parricida

intraprésiquico”. Explica, portanto, que o parricídio inconsciente é uma necessidade do adolescente para poder se diferenciar, rompendo a relação fusional pais-criança da infância e assim, conseguindo conquistar gradativamente sua independência psicológica real e, portanto formar sua própria identidade, salientando que a formação da identidade é um momento de síntese, de evolução, no qual as identificações perdem seu significado defensivo, mimético, e adquirem uma nova conotação ao serem incorporados ao ego, tornando-se parte da personalidade do indivíduo.

De acordo com Carvajal (1998), para que o processo de desconstrução e reconstrução se complete, o adolescente vivencia três momentos distintos, os quais denomina de: adolescência puberal, nuclear e juvenil.

No momento da adolescência puberal, o adolescente passa por transformações corporais intensas, chegando até mesmo a ter vivências de despersonalização, tornando-se monossilábico e introspectivo, o que pode estar revelando seu mutismo interior. O funcionamento egóico diminui, ocorrendo um aumento do auto-erotismo com a eclosão da sexualidade. Surgem atitudes de desobediência, desafio e denegrimiento aos pais, pois o adolescente começa a perceber que estes não eram perfeitos como acreditava, e nessa fase passa a desvalorizá-los, a perceber seus defeitos e limitações. O adolescente expressa não querer mais ser tratado como criança, ocorrendo flutuações de humor, hipersensibilidade e sonolência, também decorrentes das transformações hormonais por que está passando. Nesta fase, segundo Aberastury (1986), o adolescente vivencia ainda vários lutos.

Na adolescência nuclear, ocorre um desinvestimento afetivo nos pais e um investimento afetivo maciço no grupo. Os pais vão deixando de ser a referência e o grupo assume essa função, adotando um modelo de antiadulto desafiador, buscando através de suas roupas, gestos, condutas divergir do tradicional estabelecido. O grupo tende a ser formado por pares do mesmo sexo, e é este que passará a ditar as normas e as regras de conduta do adolescente, podendo muitas vezes exercer um papel até mais rígido e autoritário que seus pais. Entretanto, é muito importante ser aceito no grupo, e a possibilidade de exclusão torna-se assustadora.

Durante a adolescência juvenil ocorre a retomada do modelo adulto e um distanciamento progressivo do grupo, que perde a função característica da fase anterior. A razão máxima da rebeldia e do confronto com a estrutura parental tende a desaparecer. O comportamento do adolescente com seus pais e adultos significativos se modifica, começando então a se mimetizar com os mesmos. Na área afetiva, começa um namoro mais duradouro e no campo profissional passa a se engajar à escolha de uma profissão, sendo esta a fase de

inserção progressiva no mundo adulto e que, de acordo com Bohoslavsky (1993), para que o adolescente possa vivenciar esse terceiro momento, também precisa vivenciar alguns lutos.

Para Lemos (2001), o ambiente no qual o adolescente está inserido contribui de forma decisiva para o favorecimento ou para o impedimento desse processo. Tendo em vista que, se as condições forem favoráveis, o processo de destruição e reconstrução dos modelos adultos formará um novo tipo de relações com o mesmo, antes de onipotência e incondicionalidade, agora de respeito e admiração. Se, entretanto, as condições do ambiente não favorecerem o processo de individuação e independência, tendem a provocar graves confusões no adolescente despertando-lhe condutas agressivas, ações autodestrutivas, além de intenso sentimento de culpa, pelos ataques que realizou, na fantasia, a essas figuras significativas.

Deste modo, considera-se fundamental que os modelos de identificação sejam destruídos apenas na fantasia, e não na realidade. Por este motivo, os pais e os adultos significativos precisam continuar afirmando sua presença ativa como um guia definitivo que, mesmo sendo alvo das fantasias destrutivas do adolescente, possam permanecer como representantes ativos dos valores sociais e adaptativos; sendo a identidade profissional um aspecto da identidade como um todo, e como tal regida pelos mesmos processos descritos acima.

O desenvolvimento da identidade profissional é compreendido como um processo de socialização que ocorre desde a infância, a partir das diversas identificações que o indivíduo irá realizando durante sua história de vida com adultos significativos que desempenham papéis profissionais. Essas identificações vão sendo incorporadas à personalidade tornando-se próprias. A partir das gratificações ou das frustrações com esses profissionais significativos, nas relações atuais e passadas, se constituirá o tipo de relação com o mundo adulto em termos profissionais e a formação do ideal de ego, ou seja, é a partir do que se admira e se deseja e do que se rejeita que surgirão as expectativas a respeito de si mesmo e as aspirações do modo de ser que se quer alcançar.

O caminho da auto-identidade e em particular o da identidade ocupacional se constitui num processo de socialização num sentido lato; num desenvolver-se para assumir papéis ocupacionais adultos, decorrentes de inúmeras participações grupais, informações, assimilações de conceitos e valores, enfim, da vinculação com referenciais externos que vêm a ser introjetados e a fazer parte da própria identidade (CARVALHO, 1979, p.37).

Segundo Fiori (1982), a aquisição de cada área específica da identidade envolve duas etapas: um momento de crise, no qual ocorre a ruptura com os modelos familiares, questionando-os e sentindo-se atraído por várias possibilidades, ficando indeciso diante destas várias perspectivas que se apresentam, muda de opinião tão logo se sinta atraído por uma nova opção. É um momento no qual o adolescente tende a realizar escolhas sem que se comprometa com alguma delas especialmente. O outro momento é a etapa de engajamento, na qual o adolescente localiza uma área da realidade profissional, discriminada entre todas as demais, assumindo-a como própria, ou seja, é necessário que o adolescente, ao alcançar essa etapa, se comprometa com a escolha, preserve-a e lute por sua realização.

Crise e engajamento se constituem em etapas sucessivas da aquisição de uma área específica da identidade. E se o adolescente, por alguma razão, não vivenciar esses dois momentos ou não efetuar a passagem entre os mesmos, seu processo de aquisição de identidade ficará prejudicado. Deste modo, o autor estabelece quatro tipos de posicionamentos diante da aquisição da identidade: o moratório, o aquisidor, o impedido e o difuso.

O primeiro tipo se caracteriza pela permanência do adolescente em um estado de questionamento contínuo diante de suas escolhas, sem, no entanto, conseguir realizar o engajamento com alguma delas, neste momento específico de sua vida, sendo este posicionamento considerado característico da adolescência. No entanto, se o mesmo se prolonga, o indivíduo tende a tornar-se alguém que constantemente muda de opinião e mostra-se contraditório em seus valores, sendo denominado pelo autor como um eterno primeiro anista das universidades. O segundo tipo é aquele em que o processo de crise e engajamento foi completado, sendo ultrapassada a etapa moratória e a escolha definida entre as várias opções consideradas, tendo o indivíduo realizado o engajamento com a mesma e procurando agora lutar para sua realização. No terceiro tipo, o engajamento ocorre sem que o adolescente tenha antes passado pela etapa de crise, sendo os modelos sugeridos pelo grupo familiar adotados sem qualquer questionamento. Suas referências e atitudes serão sempre as do grupo familiar. Na realidade, não há uma identificação com o modelo, mas uma aderência total a ele. Ocorre o risco de haver uma eclosão das crises tardiamente, numa fase de menor flexibilidade para novos posicionamentos e um sentimento de que as escolhas da vida foram falsas. No tipo de posicionamento difuso, o adolescente nem passou pela crise, nem se engajou, não possui valores pessoais próprios, adota modelos à medida que tira proveito pessoal deles, descartando-os rapidamente à medida que não mais cumprem o objetivo a que se prestavam, não havendo preocupação com a continuidade.

Os posicionamentos moratório e aquisidor são considerados processos normais e esperados na adolescência, visto que é necessário que o indivíduo vivencie a crise, faça questionamentos, faça ruptura com os modelos até então vigentes, para posteriormente encontrar uma opção que faça sentido com seu ser. Sem a etapa da crise o adolescente não poderia realizar engajamentos genuínos com suas escolhas.

A identidade profissional é considerada como um aspecto da identidade do sujeito, posto que é parte de um sistema mais amplo que a compreende, sendo então determinada e determinante na relação com toda a personalidade. Ressalta-se a importância de que os conflitos referentes à escolha vocacional sejam entendidos como problemas de personalidade determinados por falhas, obstáculos ou erros das pessoas, no alcance da identidade profissional ou ocupacional (BOHOSLAVSKY, 1993).

O referido autor define este tipo de identidade como sendo a autopercepção, ao longo do tempo, em termos de papéis ocupacionais. Chama de ocupação ao conjunto de expectativas do papel, destacando o caráter estrutural, relacional deste problema, visto que a ocupação não é apenas algo definido a partir nem de dentro, nem de fora, mas da sua interação. As ocupações representam os nomes com os quais se designam expectativas que têm os demais indivíduos, em relação ao papel de um indivíduo. Pelo termo papel, o autor compreende uma seqüência estabelecida de ações aprendidas e executadas por uma pessoa em situação de interação.

Assumir um papel profissional pode se produzir de forma consciente quando esse papel é desempenhado por uma pessoa que, ao assumi-lo, manifesta possuir uma identidade profissional; ou de forma inconsciente, quando as ações adotadas, que se realizam segundo uma seqüência estabelecida e em um contexto de interação social se referem mais às identificações do que à identidade de quem desempenha o papel. Em muitas situações pode-se conhecer qual a resultante de uma identificação, mas não o que determina essa identificação. Podemos perceber que um adolescente que tem a mesma forma de andar de seu pai, o faz porque se identificou com ele. Entretanto, se o pai de um adolescente é médico e seu filho quer estudar medicina, podemos supor, entre outras coisas, que ele se identificou com a figura paterna, mas essa suposição não é suficiente para compreender para que e por que se identificou com o pai, e por que se identificou com este aspecto específico do pai, que é a profissão, e não com outros.

Deste modo, podemos considerar que tanto a identidade pessoal quanto a profissional também se relacionam com o esquema corporal, principalmente porque o espaço do id está presente em toda profissão, visto que em uma delas há uma relação com objetos que estão

fora do espaço próprio, quer sejam pessoas, máquinas, ferramentas, prédios, que pertencem a um espaço distinto do indivíduo, mas com os quais este se relaciona a partir de si próprio. Nessas relações, o gesto, o movimento e a atitude corporal incluem componentes mágicos os quais podem ser percebidos em profissões antigas como a do feiticeiro, mas que a escuta em orientação vocacional revela que o profissional da atualidade não se encontra isento de atribuir qualidades mágicas a seus atos profissionais, qualidades essas das ações instrumentais que se encontram presentes em muitos dos adolescentes que escolhem uma carreira profissional. “Por mais racionais que sejam, por mais sádios que sejam, sentem-se como o ‘aprendiz de feiticeiro’ quando crêem que, aprendendo determinadas ações ou movimentos, podem chegar a conseguir efeitos na realidade” (BOHOSLAVSKY, 1993, p. 57). O que pode ser percebido no relato abaixo:

“Estou seriamente inclinada a escolher o curso de farmácia e bioquímica, pois acho muito importante trabalhar em um laboratório, conseguindo produzir substâncias artificiais que possam mudar o destino da humanidade e até mesmo conseguir que uma pessoa muito doente possa recuperar sua saúde. Acho bacana que com um gesto ou qualquer ação este profissional possa fazer a mágica de resolver problemas quase que insolúveis. Pensando melhor a respeito disso, acho que é isso mesmo que vou escolher” (Sandra Patrícia, 15 anos).

Observa-se neste caso que não faltam motivos para que a adolescente sinta-se onipotente trabalhando no contexto idealizado por ela, lugar este em que existe espaço para a magia, através da utilização de determinadas técnicas e instrumentos aprendidos, através dos quais poderia conseguir transformar uma situação difícil e quase insolúvel para algo de fácil resolução. Assim, podemos perceber que a escolha de algumas profissões, principalmente aquelas que possibilitam manejo técnico através de rituais cotidianos, pela manipulação de substâncias, constituem, como afirma Bohoslavsky (1993, p. 57), “um ótimo depositário de fantasias onipotentes, ligadas à magia do gesto, da palavra e da ação”.

Em algumas ocasiões, as condutas dos adolescentes diante da escolha de uma profissão assumem traços maníacos, tais como: negar o crescimento ou acelerá-lo de forma onipotente, negando a dor do passado perdido, sendo também comum que alguns adolescentes busquem encontrar profissões com representações infantis com o intuito de amenizar a sensação de perda (MÜLLER, 1988). Este aspecto pode ser percebido na escuta deste caso:

“Apesar das pessoas me dizerem que tenho tudo a ver com números e manejo de máquinas de computador, que é algo que eu sei fazer muito bem e que eu mesma gosto e me interessa bastante por essas coisas, não penso numa profissão voltada para isso, pois acho mesmo que tenho jeito para fazer pedagogia, pois vejo essa profissão como muito bonita por

cuidar de crianças, ensinando-lhes muitas coisas, principalmente daquelas crianças pequenas que se parecem mais com bonecas. É sim, é isso que eu quero fazer, pois lembro o quanto eu gostava de brincar e de cuidar das minhas bonecas e de como é bom lembrar dessa época de minha infância, onde tudo era só despreocupação e alegria” (Maria José, 17 anos, informação verbal).

Observa-se no relato do trecho acima que apesar de demonstrar aptidões e interesses para cursos da área de exatas e tecnológicas, a adolescente insistia no desejo de cursar pedagogia revelando assim a associação que fazia entre esta profissão e seu gosto por cuidar de crianças, como se fossem suas próprias bonecas.

O momento de seleção e escolha coloca em jogo a função do ego de discriminação, através da qual discriminam-se tanto objetos externos como internos e ela ocorre entre os objetos internos e externos. Assim, uma escolha pode ser considerada tanto madura e ajustada como também imatura e desajustada. A primeira é definida como aquela que depende da elaboração dos conflitos e não de sua negação, ou seja, se baseia na possibilidade do jovem passar de um uso defensivo das identificações a um uso instrumental delas, conseguindo deste modo, se identificar com seus próprios gostos, interesses, aptidões e reconhecer o mundo exterior, a realidade sócio-profissional; buscando então coincidir seus interesses e aptidões tanto com sua realidade quanto com a realidade da profissão que lhe oferecem (BOHOSLAVSKY, 1993).

Para fazer uma escolha ajustada pressupomos que exista a capacidade de adaptação, interpretação e juízo da realidade, discriminação, hierarquização dos objetos e, em especial, capacidade para esclarecer a ambigüidade e tolerar a ambivalência nas relações de objeto (LEVENFUS, 1997, p. 184).

Verifica-se então que apesar dos impasses e dos conflitos que surjam na necessidade da escolha de uma profissão, o jovem apresenta um ajustamento neste ato de escolhê-la. Enquanto que na escolha desajustada, o grau de conflito vivenciado na situação de escolha profissional é maior, pois estes não são elaborados e resolvidos, mas controlados e negados, e o jovem apresenta-se diante da escolha como sem conflitos, não tomando consciência das implicações envolvidas no processo desta escolha.

Outro aspecto importante a ser abordado no que se refere à problemática da escolha profissional, diz respeito à forma como um jovem agrupa as carreiras por meio de critérios que busca escolher, visto que, como o adolescente agrupa as carreiras por meio de critérios como sucesso ou fracasso, mais fácil ou mais difícil, de maior ou de menor concorrência, de

status ou desprezo, etc, também aparecem mais relacionadas às fantasias do que à realidade dessas carreiras.

A partir dos fatores descritos é necessário ressaltar que, quando uma pessoa faz escolhas vocacionais, esta tenta traduzir o seu conceito do Eu em termos profissionais, sendo este conceito formado por meio de identificações, desempenho de funções e por meio de diversas experiências de vida. Deste modo, Levenfus (1997, p. 187), afirma que “o indivíduo psicologicamente ajustado tenderá a escolher a partir da identificação com profissões compatíveis com seu Eu”; estando a possibilidade de decidir diretamente ligada à possibilidade de suportar a ambigüidade, de resolver conflitos, de adiar ou graduar a ação, de tolerar frustrações, entre outros aspectos.

Segundo Bohoslavsky (1993) e Levenfus (1997), o fundamental quanto à possibilidade de tomar uma decisão caracteriza-se pela elaboração de lutos: luto pela adolescência, pelos antigos projetos, pelas escolhas fantasistas, por tudo o que não se decide, quando o adolescente se decide por alguma coisa.

Na situação de decisão, o adolescente vê reativados antigos mecanismos postos a serviço da elaboração de situações de perda. É capaz de reconhecer seu medo e sua tristeza e, inclusive, alterações de ambos os tipos de afeto. Esse reconhecimento é mais próprio dos momentos finais da Orientação Vocacional ou do adolescente que vem elaborando bem toda a problemática interna que compreende escolher uma profissão (LEVENFUS, 1997, p. 195).

Respaldando-se nos estudos de Levisky (1998), aponta-se a existência de uma variedade de fatores que podem ser determinantes na tomada de decisão e que, em sua grande maioria, incluem a desinformação, a falta de conhecimento sobre as profissões e sobre si mesmo, destacando-se, então, os seguintes aspectos: quando a decisão é determinada por um único fator, tal como o econômico ou o tradicional, desprezando-se os demais, o adolescente segue a profissão dos pais por questão de facilidade ou por indução familiar; quando a decisão ocorre por um mero acaso, ou em uma fase circunstancial da vida; quando a decisão é prematura, ocorrendo em etapas iniciais da adolescência nas quais o jovem ainda não tem consolidada sua identidade profissional; e quando a escolha é feita sem conhecimento da profissão e de si mesmo, e o jovem não se avalia ante sua escolha.

Considera-se que a opção por uma profissão dependerá tanto de condições internas como das condições sócio-econômico-culturais, ou da tradição familiar. Pfromm Netto, (1997), faz referência aos fatores propostos pelos estudos Katzenstein como os mais comuns e

que levam o adolescente a erros na escolha profissional, sendo eles: dificuldades na dinâmica familiar, as quais imprimem uma determinada direção na tomada de decisão por uma profissão; acontecimentos ocorridos na vida pregressa do adolescente, sua identificação com as figuras parentais, características de sua personalidade e identidade sexual; elementos ligados a fantasias inconscientes e conscientes, à valorização intelectual, idealizações e status social; e quando não se analisam situações particulares em relação a adolescentes superdotados ou que apresentam limitações físicas ou mentais.

Situam-se a escolha profissional e o ajustamento ao trabalho como elementos constitutivos de um processo de diferenciação e integração sucessivos, e que se desenvolvem no decorrer da vida de uma pessoa, estando intimamente ligados ao processo de identificação. Na adolescência, período caracterizado por Pfromm Netto (1997) pela possibilidade de experimentações relativamente desprovidas de responsabilidade, o adolescente vê-se pressionado a definições para as quais ainda não se sente apto. Escolher um caminho profissional nesta fase se torna angustiante, motivo pelo qual muitas vezes estes jovens tomam decisões impulsivas, não por identificação, mas para se livrarem de uma situação ansiógena e pela própria pressão da realidade de nosso sistema educacional. O resultado são decisões intensamente frustrantes, que acabam por comprometer o desenvolvimento do processo de identificação.

Quando prevalece a indefinição e sobrevém a pressão familiar, a situação emocional do adolescente pode se desequilibrar, surgindo sentimentos depreciativos que afetam sua auto-estima, aumentando a ansiedade e desencadeando quadros patológicos como fobias, inibição intelectual e insegurança. Deste modo, torna-se fundamental o desenvolvimento de práticas em orientação vocacional que tenham o objetivo de orientar o adolescente no sentimento de conhecer-se e de conhecer setores profissionais os mais diversos, para que possa vir a se definir de forma adequada ao conjunto de suas aptidões, necessidades e à realidade profissional incluindo as condições do mercado de trabalho (LEVISKY, 1998).

Soares (2002), salienta que a escolha é um tema complexo, por envolver uma série de determinantes ainda não discutidos e sistematizados de uma forma integrada, na literatura da área. Para a referida autora se faz relevante pensar na relação homem-trabalho, visto que o trabalho ocupa um espaço importante na vida das pessoas e, muitas vezes, ele não é sequer escolhido.

A profissão é parte integrante da vida das pessoas. Em geral, em nossa sociedade, a escolha deve ser feita na juventude, entre 16 e 18 anos, quando se encerram os cursos de ensino médio e se busca uma formação universitária (SOARES, 2002, p.15).

Entretanto, embora a escolha profissional seja responsabilidade de cada um, as conseqüências da decisão têm inúmeras implicações sociais. Uma pessoa que exerce sua profissão com motivação está não só se realizando como também prestando um serviço de melhor qualidade à sociedade.

De acordo com Bohoslavsky (1993, p. 15) “a escolha está multi e sobredeterminada pela família, pela estrutura educacional e pelos meios de comunicação em massa, como também pela estrutura dialética social e a estrutura dialética subjetiva”.

Embasada na proposição do autor acima referido, Soares (1987) afirma que para melhor compreensão destes fatores determinantes nas escolhas profissionais, dividiu-os em seis, de forma puramente didática, posto que na realidade eles estão atuando sempre juntos, sendo eles: fatores políticos, os quais referem-se especialmente à política governamental e seu posicionamento frente à educação, em especial ao ensino médio e universitário; fatores econômicos que se referem ao mercado de trabalho, à falta de oportunidade e de planejamento econômico, à queda do poder aquisitivo da classe média e todas as conseqüências do sistema capitalista; fatores sociais, que dizem respeito à divisão da sociedade em classes sociais, à busca da ascensão social através do estudo e à influência da sociedade na família; fatores educacionais, que compreendem aqueles referentes ao sistema de ensino brasileiro, à crise pela qual tem passado a educação, à necessidade e aos prejuízos do vestibular e à questão da universidade de uma forma mais geral; fatores familiares, que colocam a família como parte importante no processo de assimilação da ideologia vigente, visto que a busca da realização das expectativas familiares em detrimento dos interesses pessoais influencia na decisão e na fabricação de papéis determinados; e fatores psicológicos, que dizem respeito aos interesses, motivações e habilidades pessoais, à compreensão e conscientização dos fatores determinantes versus a desinformação à qual o indivíduo está submetido.

Levenfus (1997) faz uma adaptação dos estudos de Lassance, apontando mais alguns determinantes da escolha, pelos quais os adolescentes costumam embasar suas decisões de forma equivocada, destacando:

a) as habilidades específicas, através das quais o adolescente tende a associar que uma habilidade específica, como por exemplo: desenhar, escrever, falar fluentemente, etc., é suficiente para o exercício de uma determinada profissão, tais como arquitetura, jornalismo,

publicidade, etc., sem considerar outros fatores envolvidos na escolha profissional: “Escolhi o curso de direito, pois sempre fui habilidoso para persuadir as pessoas, também tenho muita facilidade para me comunicar” (Pedro Ricardo, 16 anos, informação verbal);

b) a continuidade no estudo de matérias escolares, na qual o adolescente tende a optar por profissões relacionadas a matérias em que obteve melhor desempenho no período acadêmico, como por exemplo, química, português, etc., sem conhecimento da realidade profissional que envolve as profissões: “Vou fazer biologia, pois sempre amei essa matéria na escola, tenho muita facilidade para estudar esses assuntos” (Sandra Tereza, 17 anos, informação verbal);

c) o contato direto com a atividade relacionada, sendo comum que o adolescente se decida por uma área na qual teve maior contato, como por exemplo, ter se submetido a um tratamento odontológico e optar por odontologia ou ter se submetido a uma cirurgia e optar por medicina, gostar de mexer em computadores e optar por engenharia da computação, confundindo, muitas vezes, um *hobbie* com uma profissão e apresentando desconhecimento de outras possibilidades: “Escolhi fazer engenharia da computação, pois sempre gostei de mexer em computador” (Paulo Sérgio, 15 anos, informação verbal);

d) o status social da profissão, pois muitos adolescentes tendem a se decidir por profissões socialmente reconhecidas e valorizadas, sem considerar sua identificação com o exercício profissional destas, sendo a identificação feita comumente com base no estereótipo do profissional bem-sucedido: “Quero ser médica porque sei que essa é uma profissão muito valorizada em nossa sociedade” (Ana Zilda, 16 anos, informação verbal);

e) o mercado de trabalho, pois muitos jovens escolhem profissões que acham estar bem-situadas em termos de mercado de trabalho, sem se preocupar com práticas profissionais específicas, demonstrando, ainda, grau elevado de desconhecimento acerca da profissão escolhida: “Vou fazer direito porque esta é uma profissão que é fácil de arranjar um ótimo emprego” (Jorge Gustavo, 18 anos, informação verbal);

f) o desenvolvimento pessoal, visto que o adolescente tende a buscar autoconhecimento e desenvolvimento de formas de expressão, sem preocupação com o exercício profissional, decidindo, por exemplo, pelo curso de Psicologia para resolver seus problemas pessoais: “Quero saber mais de mim, me entender melhor. Por isso resolvi fazer Psicologia, acho que vou me encontrar neste curso”(Ana Teresa, 15 anos, informação verbal);

g) a preocupação com o social e com a política, aspecto este que se faz mais presente nas fases iniciais da adolescência em que os jovens se encontram mais preocupados em resolver problemas sociais ou em transformar o ambiente, podendo decidirem-se por direito,

serviço social, etc., com fantasias onipotentes de transformação social: “Vou fazer serviço social para me dedicar ao trabalho com pessoas carentes” (Fábio Andrei, 17 anos, informação verbal).

Apesar de que, em sua grande maioria, os fatores citados incluem também a problemática da desinformação, a falta de conhecimento sobre as profissões e sobre si mesmo é importante destacarmos que, de acordo com Lidz (1983 apud LEVENFUS, 1997, p. 197):

[...] forças inconscientes exercem influência poderosa sobre a decisão profissional. [...] essas decisões podem ser tão úteis e sábias quanto decisões conscientes, uma vez que podem dirigir uma pessoa para necessidades significativas e essenciais que são negligenciadas ou negadas pela consciência, e porque as decisões inconscientes muitas vezes incluem memórias reprimidas, percepções nebulosas e associações que podem conter considerável importância. [...] que também são decisões de risco.

Com base no exposto acima, considera-se que é por volta do final da adolescência e a partir de uma boa interpretação egóica, que o jovem tem maior capacidade de perceber a si mesmo e o mundo que o cerca de forma mais realista e, conseqüentemente, de realizar uma escolha profissional mais consciente (LEVENFUS, 1997).

5 ESCOLHENDO A PROFISSÃO: O QUE DIZ O ADOLESCENTE?

Tu eras, sonhador, a graça evolutiva.
 Experimenta em ti mesmo a força graciosa.
 Tem consciência de que eras um depósito de graça, um
 poder de vôo.
 (GASTÓN BACHELARD, 1980 – Ensaio sobre a
 imaginação do movimento)

Ao falarmos de escolha profissional, é fundamental definir o que se entende por escolha, se ela é possível e em quais condições. A escolha de uma profissão ocorre, em geral, na adolescência e, em muitas vezes, significa a entrada no mundo adulto. Mas, a vida profissional é composta de outras escolhas; estamos sempre escolhendo, desde a especialização, o mestrado, a continuação dos estudos, o local de trabalho, até o tipo de vínculo empregatício, ou seja, se procuramos um emprego ou trabalhamos por conta própria. Soares (2002, p. 39) afirma que: “por não acreditar em uma única escolha, nem na escolha certa para o restante da vida, é importante entendermos, então como se faz a melhor escolha possível para aquele momento e em determinadas condições”.

Para Nascimento (1995, p. 119), “a escolha de uma profissão é um processo bastante complexo, onde interferem os aspectos de um determinado contexto social e ideológico, bem como um processo de ordem individual”. O conceito Vocação também é complexo, originando-se do latim *vocare*, confundido muitas vezes com profissão que também é um vocábulo originado do latim *professio*, que significa ocupação habitual, modo de viver. Assim, a vocação representaria o “chamado” a um impulso, uma necessidade a ser satisfeita, enquanto a profissão seria o que a satisfaz, pois a necessidade a ser satisfeita inclui demandas que ocorrem em diversas instâncias da personalidade, em uma intercorrelação dinâmica. Essas necessidades são diferenciadas por Bohoslavky (1993), ao dizer que o termo vocação refere-se apenas à satisfação daquelas referentes à reparação do objeto. Enquanto, Nascimento (1995, p. 120) defende que o resultado final seria “a inter-relação entre uma série de fatores, o que determina a solução do conflito que leva à escolha da profissão e a resposta à vocação”.

Segundo Houaiss (2001, p. 1206), podemos definir o termo escolha como: “ato ou efeito de escolher, preferência que se dá a alguma coisa que se encontra entre outras, capacidade de escolher bem, de escolher com discernimento, opção entre duas ou mais coisas”.

O termo escolher data do século XIII, originando do latim *excolligere*, que significa dar preferência, eleger, preferir. Enquanto o termo escolha data de 1813, que no português medieval documenta-se como termo equivalente a escolhido. Durante vários séculos, a ocupação de um ser humano era determinada pela classe social ou família à qual pertencia. Deste modo, um ofício era herdado e não escolhido. A partir do século XX, com o advento da industrialização, foram criadas novas modalidades de trabalho e, conseqüentemente, novos ofícios, surgindo então, a possibilidade de escolha. Este indivíduo, que até então não tinha tal possibilidade, deparou-se com uma nova realidade sócio-econômica, repleta de diversas alternativas ocupacionais e, conseqüentemente, passando a sentir-se confuso, desorientado diante da responsabilidade da tomada de uma decisão acerca de seu futuro profissional, fato que se torna ainda mais complexo quando no momento atual a necessidade da escolha de uma profissão começa mais cedo, numa fase denominada de Adolescência (CUNHA, 1986).

Segundo Pimenta (1981), os levantamentos históricos indicam que a escolha profissional passa a se constituir num problema a ser estudado a partir do final da Idade Média. Antes dessa data, não se tem registro sobre estudos que visavam detectar os talentos e tampouco orientá-los.

Soares (1987, p. 22), ressalta que “escolher não significa que, no outro extremo, nos espera a meta pretendida; para se chegar ao objetivo final, um longo caminho precisa ser percorrido”. Enquanto para Torres (2001, p. 99), “escolher implicar avaliar, passar por um processo de ‘metabolização’, ou ainda, averiguar as opções mais pertinentes”. Ao referir-se à escolha, Müller (1988, p. 16) afirma que:

A escolha não é arbitrária, totalmente “livre” mas determinada como toda a atividade psíquica por um complexo de variáveis. A autonomia nunca é total, tampouco há escolhas completas “livre de conflitos”: a sublimação e a reparação são sempre relativas.

Sobre a escolha profissional, para muitos adolescentes, escolher compreende uma ação que:

“É difícil, pois sempre fui indeciso e inseguro como pessoa” (José Cláudio, 16 anos, informação verbal).

“Me sinto confuso, pois nunca sei o que escolher” (Sérgio Otávio, 17 anos, informação verbal).

“Depende, pois se for algo material e que eu queria bastante, a escolha se torna fácil, porém se for direcionada para meu futuro profissional fica muito difícil” (Ivana Maria, 17 anos, informação verbal).

“É muito difícil e depende do momento de cada pessoa, na adolescência é super difícil mesmo” (Leila Márcia, 15 anos, informação verbal).

“É mais ou menos, pois às vezes fica difícil, devido à cobrança das pessoas próximas, como nossos pais, amigos e professores, e, para outras coisas, fica fácil, pois eles não cobram tanto” (Flávio Antônio, 18 anos, informação verbal).

“É difícil, pois me considero muito despreparado e inseguro e me dá vontade de chorar ou de gritar, não to conseguindo gente, ta doendo muito!” (Antônio Carlos, 17 anos, informação verbal).

“É estressante e difícil, porque me sinto pressionado para fazer o melhor, mas não sei bem o que é o melhor” (Márcio Júlio, 16 anos, informação verbal).

Nesse sentido, diante do processo de escolha de uma profissão durante o ciclo de desenvolvimento da adolescência, o jovem que ainda se encontra numa fase de busca de sua identidade individual, grupal e social, pode desenvolver um sentimento de ansiedade diante deste impasse, mobilizando-lhe sofrimento psíquico (ZIMERMAN, 1999).

Considera-se então que este impasse pode se manifestar no adolescente diante da necessidade de uma escolha profissional, num momento em que está vivenciando as crises consideradas peculiares desse ciclo de vida, e que podem causar sofrimento psíquico, o que acompanharia a construção do sentimento de identidade, devendo-se ao fato de que, para o jovem poder dizer sim ao ego, ele já deveria ter adquirido condições para dizer não aos seus objetos internos. Desse modo, Freud (1930 [1929]), em “O mal-estar na civilização”, afirma que através de sublimação⁶, a atividade profissional pode se constituir em fonte de satisfação especial ao fazer uso de inclinações existentes, bem como de impulsos persistentes.

Destaca-se que a escolha profissional seria determinada por questões intrapsíquicas, ou seja, como aponta Levenfus (1997, p. 64), o indivíduo escolheria “de dentro para fora, quando o contexto assim o permite”. Assinala-se então a contribuição da Teoria Psicanalítica acerca da compreensão do fenômeno humano que objetiva estudar o sujeito biográfico em profundidade, procurando entender suas incertezas, suas dúvidas, seus propósitos manifestos

⁶ Processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 495).

ou latentes. E que Freud (1923), sugere que a origem das incertezas pode estar relacionada a uma conduta severamente restritiva da sexualidade por parte dos pais ao cercearem os jogos sexuais na criança.

Torres (2001, p. 111), complementa as proposições citadas ao afirmar que o termo escolha tem um significado próprio dentro da Teoria Psicanalítica, sendo “o sentido atribuído a ela é o da irreversibilidade e determinação na eleição pelo sujeito, do seu tipo de amor objetual, num dado momento de sua história”. Apesar do termo escolha parecer ser utilizado impropriamente na obra freudiana, se considerarmos que ele remete à idéia das coisas possíveis e determinadas que se oferecem ao indivíduo, para que ele opte entre elas, esta palavra pode ser encontrada em diversos momentos do percurso teórico freudiano, como por exemplo, quando ele trata da escolha de objeto e escolha da neurose, sem querer dizer, com isso, que o sujeito está fazendo uma opção racional e consciente. Ressaltando que Freud deixa transparecer, que pertence ao próprio ser humano o ato de implicar-se num ou noutro percurso de seu caminho, e que a escolha decorre desse ato, se considerarmos que, junto com os diversos determinantes constitucionais e históricos, seu ato repercutirá na construção de seu ser no mundo.

Por escolha de objeto, podemos compreender a eleição que um sujeito faz sobre um determinado objeto, seja ele uma pessoa ou não, em que investirá seu amor. Esse termo foi usado inicialmente por Freud (1905), em “Três ensaios sobre a sexualidade”, referindo à existência de uma vida sexual na infância, colocando em evidência que, desde cedo, a criança apresenta manifestações pulsionais que serão determinantes para a vida sexual adulta. A partir do texto freudiano citado acima, pode-se compreender a pulsão como “um processo dinâmico, uma espécie de impulso (trieben – impelir), que exerce uma força (energética), com o objetivo de atingir um alvo”. (TORRES, 2001, p. 113). Ou seja, a pulsão teria sempre uma fonte, um alvo e um objeto, sendo todas as pulsões, de conservação, de morte ou sexual, originárias do id. E que mesmo fazendo parte da Teoria Psicanalítica, considerada como um corpo teórico determinista:

[...] a continuidade do termo escolha nos sugere que é sempre preciso um ato do sujeito humano para que se efetivem como determinantes motivadores, os diversos fatores que lhe constituem, ou seja, os de ordem constitucional e os de caráter históricos (TORRES, 2001, p. 115).

A compreensão do processo de escolha, embasada em um referencial psicanalítico, aponta para o estudo de aspectos do mundo intrapsíquico, destacando conceitos como

sublimação, reparação, mecanismos de defesa do ego, inconsciente, e as chamadas estruturas do aparelho psíquico, associando a escolha profissional com o desenvolvimento psicosssexual do indivíduo, com seus instintos, com suas necessidades e com seus conflitos que ocorrem na infância, motivo pelo qual alguns teóricos da Psicanálise, como Blos (1998), Bohoslavsky (1993), Levenfus (1997) e Levisky (1998), consideram pertinente chamá-la de escolha vocacional, visto que, a vocação é considerada aquilo que aparece no sujeito, é o que vem de dentro, ou seja de seu mundo intrapsíquico.

Levenfus (1997), destaca que a escolha profissional está relacionada com o desenvolvimento psicosssexual do indivíduo, com suas necessidades e com seus conflitos que ocorreram na infância, visto que não nascemos prontos para desempenhar uma atividade profissional, mas que vamos construindo nossas características na medida em que crescemos, nos desenvolvemos e nos relacionamos, e que escolher uma profissão não representa somente escolher aquilo que vamos fazer, mas, principalmente decidir o que queremos ser, ou seja, escolher uma profissão significa optar por um papel adulto, escolhendo um modo de viver, sendo esta um momento significativo na vida de uma pessoa, pois determinará sua inserção na sociedade e sua relação como o mundo produtivo.

Deste modo, a escolha não é simplesmente de uma universidade, de um curso universitário, mas de uma profissão, de um trabalho, que fará a mediação entre o ser humano, o mundo profissional e a aquisição de um novo status – o status de ser adulto. Assim, para se estudar a escolha profissional deve-se partir de uma análise do aspecto subjetivo que mobiliza o indivíduo para a escolha, considerando os determinantes internos.

Ao longo de anos de escuta em orientação vocacional, verifica-se que os adolescentes têm revelado que a necessidade de escolher uma profissão, durante a fase da adolescência, suscita:

“Muita indecisão e insegurança, pois é muito difícil fazer uma escolha para o futuro” (Luiz Henrique, 16 anos, informação verbal).

“Insegurança, pois preciso de muita ajuda e de muita informação acerca das profissões, por me encontrar cheio de dúvidas sobre o que elas fazem, como fazem, como está o mercado de trabalho, etc” (Alberto Luiz, 17 anos, informação verbal).

“Sentimento de confusão, pois me considero muito jovem para tomar essa decisão, que é de responsabilidade, pois será para toda a minha vida” (Fábio José, 15 anos, informação verbal).

“Me sinto pressionado, pois cada dia a escolha tem de ser feita mais cedo, devido aos Prises⁷ e PSS⁸ da nossa sociedade” (Cláudio Henrique, 16 anos, informação verbal).

“Estou num beco sem saída, pois é ruim escolher com tão pouca idade, algo que vai definir meu futuro” (Ana Carla, 15 anos, informação verbal).

“Acho complicado e tento resolver essa situação buscando juntar uma profissão que eu ganhe muito dinheiro, com aquilo que gosto de fazer” (Andressa Maria, 17 anos, informação verbal).

“Posso afirmar que é só escolher com cuidado, tendo como base muitas coisas, tais como dinheiro e satisfação pessoal” (Ana Márcia, 18 anos, informação verbal).

Constata-se que, apesar da ação de escolher fazer parte do cotidiano dos seres humanos, desde a fase da primeira infância, isso não faz com que a necessidade de escolher uma profissão seja uma tarefa fácil, visto que essa escolha é uma necessidade muito exigida na sociedade atual e inicia-se no período da adolescência, período este considerado de busca de si mesmo, de uma identidade, período de crises e questionamentos. Segundo afirma Soares (2002, p. 19), “é um período da vida muitas vezes chamado de nascimento existencial, em que muitos aspectos da identidade adulta já começam a ser definidos, como a sexualidade, a vida afetiva e a escolha de uma profissão”.

Percebe-se que, a cada dia que passa, os jovens demonstram maior dificuldade e sofrimento emocional para fazer suas opções profissionais visto que se podem destacar diversos fatores que tendem a influenciar nesta escolha, como: visão romântica da profissão; ilusões sobre o mercado de trabalho; frustrações profissionais dos pais; erros de avaliação; sexismo das profissões; fantasias acerca das profissões; o surgimento de grande variedade de profissões e possibilidades; etc. (SOARES, 1987).

Levisky (1998, p. 32), aponta três aspectos característicos de nossa sociedade que contribuem para o aumento de tensão entre os adolescentes, dos quais destacamos apenas o primeiro por estar diretamente relacionado com a questão da escolha profissional.

⁷ De acordo com o site www2.uepa.br/seletivo2007/frm_perguntas.html, o PRISE significa Programa de Ingresso Seriado que busca uma avaliação continuada ao longo de três anos de ensino médio. É ofertado em sub-programa e é exigência do programa que o candidato faça parte das três etapas do mesmo sub-programa.

⁸ De acordo com o site <http://pss.faculdadedecuritiba.br/duvidasfrequentes.html>, o PSS, Processo Seletivo Seriado, constitui-se numa modalidade de processo seletivo alternativo para o ingresso nos cursos superiores de Bacharelado, e se desenvolve de maneira gradual, sistemática e cumulativa. É um método de seleção que difere do vestibular tradicional principalmente por ser realizado enquanto o estudante está cursando o ensino médio; tendo caráter classificatório, dividindo-se em três etapas. Cada etapa corresponde a uma série do ensino médio, sendo as questões elaboradas de acordo com o programa de cada série, tendo portanto caráter gradual. O resultado final será obtido pela média aritmética das notas obtidas nas três etapas.

Justamente num período em que todas as energias dos adolescentes estão voltadas para a solução dos problemas trazidos por seu crescimento somático e sexual, dele se exige que produza academicamente, faça escolha de uma profissão e assuma crescentes responsabilidades sociais e financeiras.

Assim, decidir por uma profissão pode ser tanto um desafio importante quanto uma fonte de frustração, visto que esta escolha depende de fatores não só externos como também internos, os quais muitas vezes são inconscientes, pois, segundo Boholavsky (1993), estão relacionados com as escolhas objetivas da infância e com a elaboração dos lutos da adolescência, os quais se referem à perda da identidade do adolescente; a perda da onipotência característica da adolescência e ao luto pelas escolhas secundárias que precisa abandonar, ao decidir-se por uma dessas escolhas.

Deste modo, o impasse associado à escolha profissional, mobiliza sofrimento psíquico, que pode ser evidenciado nos discursos de adolescentes, revelando-se de forma mais acentuada no cotidiano clínico, visto que é nesse espaço de escuta da manifestação de sentimentos e de dúvidas, no contato interpessoal terapêutico, que os jovens podem ser levados a refletir e a expressar suas escolhas profissionais. O sofrimento psíquico pode apresentar-se em sintomas de ansiedade e de depressão, muitas vezes não reconhecidos como manifestações psicopatológicas, passando a ser compreendidos como pertinentes às crises da adolescência. Segundo Grunspun (1999, p. 84), “estes sintomas são persistentes, evidenciados em testes projetivos de personalidade, e conduzem a prejuízos funcionais em um ou mais domínios que incluem rendimento acadêmico e relacionamento interpessoal, familiar e social [...]”.

Diante do exposto, faz-se necessário considerar as próprias peculiaridades do ciclo de desenvolvimento da adolescência, demarcado por Aberastury; Knobel (1992), as quais se referem não somente à questão profissional, mas a uma complexidade de fatores pertinentes à fase da adolescência, os quais podem contribuir para a própria dificuldade, revelada através do impasse diante da escolha de uma profissão.

Sendo a escolha um ato de responsabilidade do próprio indivíduo singular, pode-se dizer que ela representa um ato de nascimento existencial, de escolher o que quer e o que está disposto a perder, de definição da própria identidade. Neste sentido, o trabalho com adolescentes permitiu-me constatar que esses conseguem identificar alguns fatores que favorecem e/ou dificultam suas escolhas profissionais, tais como:

“Ser muito jovem, sentir insegurança, a grande quantidade de informações, tudo isso nos deixa confusos e inseguros, sentindo muitas vezes até vontade de chorar” (Marta Catarina, 16 anos, informação verbal).

“O meu jeito inseguro é o que mais dificulta, pois meus pais e professores cobram uma decisão o que faz me sentir perdido” (José Alberto, 15 anos, informação verbal).

“Eu ser muito novo para tomar essa decisão, me faz sentir confuso e dá vontade de desaparecer” (Lúcio Valter, 15 anos, informação verbal).

“Estou num beco sem saída, porque é difícil escolher com a minha idade algo que é para o futuro, sou muito jovem, e acho que os adultos só nos dificultam, pois só vivem nos cobrando e acusando de inseguros e despreparados, será que eles também não passaram por isso?” (Leila Maura, 15 anos, informação verbal).

“Acho que a pressão que as pessoas e a sociedade toda nos fazem são os fatores mais dificultadores, pois ainda não sou adulto para saber escolher” (Gilberto Antônio, 16 anos, informação verbal).

“Um dos aspectos que mais facilitam a escolha é fazer uma junção entre uma profissão que nos dê dinheiro, que ganhe bem e aquilo que nós gostamos de fazer e nos sentimos bem” (Laura Maria, 17 anos, informação verbal).

“Os fatores que acho facilitadores são o dinheiro que podemos ganhar e nos sentirmos bem fazendo algo no trabalho” (Celso Luiz, 18 anos, informação verbal).

Verifica-se que a estrutura do ensino médio e das instituições universitárias não estão suficientemente aparelhadas pessoal e tecnicamente para lidar com o tempo necessário, o qual é subjetivo, pessoal, individual, e não apenas cronológico, objetivo, e com as vicissitudes do processo de amadurecimento emocional dos adolescentes, mesmo sendo esses fatores imprescindíveis a serem considerados para uma adequada definição profissional. Assim, na sociedade atual, o sujeito adolescente, é assujeitado a fazer a escolha como uma necessidade social e não pessoal, fator este que desrespeita a subjetividade do ser humano, que passa então a ser objeto desta escolha e não sujeito dela, tendo muitas vezes que negar seus desejos para adaptar-se as necessidades sociais, fator que tende a desencadear cada vez mais, sofrimento psíquico (LEVISKY, 1998).

Freud (1930 [1929], p. 115), em “O mal-estar na civilização”, afirma que “a substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização”. Compreende-se deste modo que o ser humano precisa submeter-se a determinadas normas sociais, visto que, são elas que o tornarão parte de um grupo, o qual é em essência fundamental para sua sobrevivência. Logo, o seu querer passa a ser relativizado,

em função de um pensamento moral e ético, partilhado pela maioria do grupo social. Essa influência do grupo, que determina prazos, formas, temas, idades, emoções, saúde, adoecimento, etc, converte-se num poder ideologicamente veiculado, ditando maneiras desejáveis de ser, de pensar, de agir, de escolher e de sentir.

Este processo de aculturação causa sofrimento ao adolescente, por ter que submeter-se às normas sociais determinadas para a escolha profissional, tais como: uma idade esperada para escolher e passar no vestibular, profissões mais promissoras financeiramente, de maior status social, mais reconhecidas como valiosas, mais direcionadas para o sexo feminino ou masculino, etc., tais efeitos podem gerar conflitos que se manifestam de diferentes maneiras, como, choro intenso, sentimento de insegurança, baixa auto-estima, baixa auto-confiança, agressividade, que são caracterizados pela instalação de sintomas, e podem ser compreendidos dentro da abordagem psicanalítica como manifestações simbólicas de conflitos psíquicos. Porém, observa-se que estes sintomas são desvalorizados pela sociedade e muitas vezes negados, existindo uma expectativa desta para uma escolha profissional pautada no tempo cronológico do amadurecimento e em questões externas, desconsiderando os determinantes inconscientes que interferem nessa escolha.

Com o decorrer do tempo, a sociedade espera que o jovem adquira elementos que o integrem ao mundo adulto, assumindo responsabilidades na sociedade, que passa então a dispensar-lhe maior significação enquanto pessoa, visto que se espera que a vida profissional se defina e que o jovem assuma posicionamentos políticos e filosóficos próprios, passando a demonstrar estabilidade pessoal. Portanto, a escolha de uma profissão poderá tornar-se um processo de saúde ou adoecimento psíquico, sendo associado por Müller (1988) e por Aberastury; Knobel (1992), a manifestações psicopatológicas as quais não compõem as características normais do ciclo da adolescência.

Diante dos aspectos apontados, percebemos a importância de se estabelecer uma atitude indagadora sobre o impasse em que se encontra o jovem, diante da necessidade de escolha e a manifestação de sofrimento psíquico que pode ser evidenciada por adolescentes no contexto clínico e/ou educacional, durante o processo de orientação vocacional, visto que este pode ser interpretado como “sintoma que fala e expressa a singularidade subjetiva em inter-relação com a estrutura social e familiar e com condições culturais e econômicas determinadas” (MÜLLER, 1988, p. 75).

Segundo Levenfus (1997), a abordagem psicanalítica busca estabelecer relações entre conceitos de: identificação, desenvolvimento de mecanismos de defesa, sublimação, entre outros, para explicar características de personalidade que influenciam a escolha profissional,

pois, segundo Pimenta (1981), para esta abordagem um indivíduo se adapta às expectativas e aos costumes sociais, sublimando seus desejos e impulsos, havendo assim uma continuidade entre as atividades instintivas da criança que produzem prazer e aquelas que um indivíduo elegerá posteriormente, nas profissões que vier a exercer quando adulto.

Os mecanismos de conduta que uma pessoa adota para fazer frente à vida, constituem sua personalidade e são a base para a escolha profissional, salientando-se que os elementos familiares e sociais podem, em um nível consciente, levar o jovem a uma escolha baseada em “sugestões”, “recomendações”, ou a procurar tirar vantagem por vinculações da família ou do grupo social, o que é válido tanto para o orientador quanto para o orientando (LEVENFUS, 1997).

Outro aspecto a considerar, segundo Knobel (1997), é que algumas pessoas já nascem com um “destino marcado”, pois os pais elegem que os filhos vão seguir as profissões já desempenhadas pelos pais, por exemplo “Sou advogado e meu filho também será”. E alguns adolescentes aceitam este mandato superegóico e até parecem ter disposição para essa determinada atividade profissional; fato este que geralmente é consciente, resultado do processo de doutrinar, no qual o sujeito, muitas vezes, chega a perder a sua identidade e adquire uma pseudo-identidade, ou também chamada psicanaliticamente de um “falso self”. Esta influência pode ser verificada no relato do caso abaixo:

“Todos na minha família seguem a tradição de serem advogados, para desempenharem a carreira de juízes. Acho também que tenho muita aptidão para esta profissão, pois desde criança meus pais e avós me diziam que eu era talhado para ser um juiz e sempre escutei eles dizerem que o curso de direito é muito promissor, pois nos dá a oportunidade de seguir carreira, de fazer concursos e de nos estabelecermos na vida. Não consigo me imaginar fazendo outra escolha, apesar de ter escutado dos meus colegas e professores que tenho muita habilidade para desenho, principalmente de objetos e casas, mas sinceramente sabe, não consigo reconhecer esta habilidade em mim, acho que só faço rabiscos feios no papel para passar o tempo, também tenho certeza que não quero fugir a regra da minha família, que é toda de advogados”. (Ricardo Sandro, 17 anos, informação verbal).

Uma situação apontada por Levenfus (1997) denominada de “comodismo ou suposta conveniência”, também é muito freqüente nos dias atuais e se faz presente na escuta de adolescentes em orientação vocacional, como pode ser observado neste relato:

“Procurei você para me submeter a uma orientação vocacional porque meus professores acham que eu ainda estou confusa quanto à escolha de uma profissão e que não demonstro segurança quando digo que vou fazer odontologia. Reconheço que mesmo que eu

me esforce bastante para gostar de odonto, pois meu avô e minha mãe são renomados odontólogos e têm toda uma clientela e consultório pronto, o que sei que vai me abrir portas para uma carreira promissora e será mais fácil para ganhar um bom dinheiro bem rápido, com um futuro já garantido, o que me traz segurança e não me deixa confusa”. (Sônia Maria, 16 anos, informação verbal).

Mas quando Sônia foi indagada sobre o que faz na prática um odontólogo, com que trabalha, quais suas possibilidades de atuação? Ela ficou calada e depois disse apenas:

“Trabalha mexendo na boca das pessoas, com os dentes das pessoas”. Sônia faz expressão fácil de nojo e diz: “Só sei mesmo é que nesta profissão se ganha muito dinheiro e reconhecimento das pessoas e que isso é legal e basta né!”.

No relato desta escuta, podemos perceber que Sônia faz uma escolha consciente, denominada por Knobel (1997) de oportunista, e nela considera apenas seu conhecimento acerca da realidade sócio-profissional e seus interesses pessoais, desconsiderando a realidade sócio-profissional como se apresenta de fato, composta de requisitos e atributos profissionais, mercado de trabalho, faixa salarial, etc.

Quando saímos da esfera consciente e pesquisamos nos níveis inconscientes podemos verificar ainda que fatores inconscientes podem ser determinantes das escolhas profissionais, visto que incorporamos as figuras parentais e sociais as quais ficam recalcadas no inconsciente e que norteiam nossas escolhas profissionais. Este aspecto pode ser observado na escuta do seguinte caso:

“As pessoas dizem que me pareço bastante com minha mãe, que é uma mulher dinâmica, determinada, forte, que tudo sabe e resolve, acho que ela tem poderes celestiais e então tem muito sucesso na sua profissão, ela é médica. Estou tendendo a escolher como opção profissional fazer medicina, pois também sei que nossa sociedade dá muito valor para a medicina, vejo que é como se todo médico fosse também um Deus, com o poder de dar vida às pessoas, de salvá-las da morte. È pensando agora melhor sobre isso, vou escolher mesmo a medicina!” (Paula Nádia, 15 anos, informação verbal).

No relato acima, observamos que Paula não percebe o quanto idealiza ser a mãe uma pessoa que se assemelha a Deus, com poderes até mesmo mágicos para dar vida às pessoas, e como através de sua escolha profissional pela medicina a adolescente está buscando ser a própria mãe.

De acordo com Levenfus (1997), nossas escolhas profissionais também podem revelar o contrário do que foi introjetado, ou algo similar, mas não igual. Motivo pelo qual em uma orientação vocacional o psicólogo deve estudar em profundidade o orientando, sua história de

vida, suas relações com a família e a sociedade, sua capacidade de amar e de saber, buscando compreender os determinantes de sua escolha e os sentimentos que emergem diante desta escolha. Isso pode ser observado na escuta do caso:

“Sinto-me desmotivada para os estudos. Apesar de vir de uma família toda voltada para a área da saúde, pois meu pai é ortopedista, minha mãe cardiologista e meu irmão mais velho neurologista. Percebo que todos eles estão felizes com o curso de fisioterapia que escolhi, pois dizem que poderemos trabalhar todos juntos na clínica da família, mesmo assim me sinto triste e então decidi procurar uma orientação vocacional. Tomei a decisão de procurar este serviço por minha própria conta, pois minhas amigas dizem que estou ficando deprimida, mas meus familiares dizem que é só uma questão normal de adaptação, já que estou saindo da adolescência e me tornando uma pessoa adulta. Sinto que não fiz a escolha certa, mesmo que todos em minha família me digam o contrário, afirmando que sou e sempre fui muito estudiosa, inteligente e que estou seguindo a tendência natural de nossa família para a área da saúde, e que isso é quase genético, mas no meu íntimo não sei o que é a escolha certa, sei apenas que pelo incômodo e pelo desconforto que estou sentindo o que estou fazendo não é” (Ana Juliana, 20 anos, informação verbal).

Quando nos procurou, Ana Juliana estava cursando o segundo semestre de fisioterapia. Depois de algumas sessões em orientação vocacional, Ana nos diz:

“Quando eu era pequena lembro que desejava ser jornalista, eu gostava muito de escrever notícias, de fazer jornalzinho para as atividades da escola, mas minha família dizia que eu era uma menina muito inteligente para me perder numa profissão tão medíocre, assim acho que fui me esquecendo do jornalismo, pois nunca quis decepcionar minha família e muito menos ser diferente deles. Me pergunto se poderia pensar hoje em jornalismo sem magoar meus pais e se esta é uma profissão boa o bastante para uma pessoa tão inteligente como eu?”.

Nesta sessão, pergunto para Ana o que achava disto? E ela responde: “Estou confusa, pois gosto muito de jornalismo, mas não sei como anda o mercado de trabalho na nossa cidade e também não sei se meus familiares iriam aceitar minha nova escolha sem se entristecerem com isto”.

Deste modo, destaca-se a importância do conhecimento das capacidades básicas de um sujeito, as quais Levenfus (1997) refere como as de amar e de saber, sendo estas indispensáveis para o desenvolvimento de um fazer em orientação vocacional que privilegie a escuta do orientando. As capacidades de conhecer exigem uma elaboração inconsciente na qual a realidade externa tem influências marcantes, incluindo também a capacidade de se

desenvolver corporalmente, valorizar o corpo e os sentidos e verificar como a tradição cultural pode facilitar ou dificultar uma decisão pessoal e uma escolha profissional. Estes aspectos podem ser percebidos no relato de um adolescente de estatura baixa, compleição física magra e tom de voz infantil, aparentando possuir uma idade menor que sua idade cronológica. Ele procurou a orientação vocacional manifestando sentimento de tristeza diante da impotência de fazer a escolha profissional desejada devido sentir-se limitado pelo aspecto físico:

“Estou em conflito quanto à escolha de minha profissão, pois pensava ser geólogo e meus pais diziam que esta é uma profissão que exige coragem e força física, pois é preciso viajar, fazer pesquisas em acampamentos em condições precárias e até mesmo colocando em risco nossa saúde física e mental, eles dizem que como sou frágil fisicamente, magro e pequeno, a geologia é uma profissão que não condiz comigo. Me sinto insatisfeito com meu tamanho, queria ser mais alto e forte, já estou até fazendo academia para ficar musculoso e também jogo basquete para ver se fico mais alto, nem gosto de me olhar no espelho, acho que sou pequeno demais para minha idade, vejo meus colegas que são altos e me sinto diferente deles, parece que ainda sou uma criança e não um adolescente. Meus pais querem que eu seja administrador de empresas para trabalhar dentro de um escritório, ficar então mais protegido e me vestir de modo mais formal, mais bonito mesmo. Estou confuso e com o vestibular se aproximando cada dia, sinto-me mesmo revoltado, pois meu corpo teima em não crescer e por este motivo estou quase me vendo obrigado a concordar com meus pais, e aceitar a sugestão deles para fazer minha escolha profissional, que é melhor mesmo e mais segura para mim. Sabe quando eu era criança não me importava com meu tamanho, só queria fazer algo e fazia, não tinha medo de não dar conta de fazer” (João Miguel, 16 anos, informação verbal).

Observa-se na escuta do caso de João que ele busca sublimar seus desejos adaptando-se as expectativas e costumes familiares e sociais, buscando gratificações na futura ocupação, negando assim, seus desejos e suas atividades infantis.

Deste modo, o conhecimento de suas necessidades e motivações conscientes e inconscientes permitirá ao ser humano encontrar profissões que possam satisfazê-lo, oportunizando-lhe assim o exercício da capacidade de trabalhar e de amar, buscando realizar-se como pessoa.

Segundo Rudolfo (1990 apud LEVENFUS, 1997, p. 63):

[...] um quantum significativo da ordem do desejo, que se manifesta ou desdobra na atividade do brincar, deve passar para a atividade que, em linhas gerais, chamamos de trabalhar, se é que este fazer há de se tornar realmente próprio do sujeito [...] Se pouco ou nada, da ordem do desejo, investe o trabalhador, o resultado não será alguém que não trabalhe; pode muito bem ser que trabalhe em excesso, mas este êxito adaptativo é um fracasso do sujeito. Ali onde cala o desejo, onde se acaba o brincar, o sujeito está perdido.

A identidade ocupacional é adquirida na medida em que uma pessoa integra suas diferentes identificações e define o que deseja fazer, de que forma e em que contexto. No entanto, a identidade vocacional supõe algo mais abrangente, pois busca uma resposta “para que” e “por que” se assume determinada identidade ocupacional (LEVENFUS, 1997).

Apesar de Freud não ter denotado maior importância à conduta vocacional, em 1930 [1929], na obra “O mal-estar na civilização”, refere que amar e trabalhar são indícios de um desenvolvimento efetivo da personalidade, pois o trabalho fornece um lugar seguro ao sujeito em uma parte da realidade na comunidade humana. No que se refere à escolha profissional, Freud (1930 [1929]) afirma ainda que a atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos persistentes ou constitucionalmente reforçados.

Bohoslavsky (1993), Levenfus (1997) e Levisky (1995), ressaltam a importância de se perceber que uma pessoa tende a escolher “de dentro para fora” quando assim o ambiente no qual ela está inserida o permite, destacando-se para a compreensão da escolha profissional a partir dos pressupostos psicanalíticos e da relevância de estudarmos os conceitos de sublimação e de reparação.

De acordo com Zimerman (1999, p. 396), o termo sublimar foi usado por Freud para “designar alguma atividade humana bem sucedida, no trabalho intelectual e de obtenção de reconhecimento público em geral que aparentemente não teria nenhuma relação direta com a sexualidade. Produção que sugira grandeza, elevação, transformação”. E conforme Laplanche; Pontalis (2001), Freud utiliza a noção de sublimação para referir, de um ponto de vista econômico e dinâmico, alguns tipos de atividades alimentadas por um desejo que não visa, de forma manifesta, a um alvo sexual. Tais atividades, como a criação artística, a investigação intelectual e, em geral, atividades a que uma sociedade confere grande valor, encontram seu elemento propulsor na força da pulsão sexual, embora sem qualquer relação aparente com a sexualidade. O que pode ser verificado nas palavras de Freud (1905), em sua obra “Três

ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, na qual sugere que o desvio das forças instintivas sexuais dos objetos sexuais, que são orientados a novos objetivos, configura a sublimação e possibilita a realização cultural.

Levenfus (1997, p. 65) analisa os primeiros trabalhos na área vocacional, com base na Teoria Psicanalítica, destacando os estudos de Brill (1949) e Rivas (1988), os quais atribuem à sublimação o peso principal da conduta vocacional. A autora destaca que “Motivos inconscientes estão presentes em todo comportamento vocacional e que este não é o resultado do acaso”. Ressalta assim, que a saúde organizada para a escolha vocacional é o resultado da sublimação de impulsos internos em uma ocupação que, pessoal e socialmente os satisfaz com plenitude, o que pode ser ilustrado no caso de Rita:

“Venho de uma família simples, mas honesta, meu pai é uma pessoa pouco ativa, no entanto minha mãe é a fonte de todo nosso apoio emocional e financeiro. Posso te dizer que estou muito inclinada a escolher o curso de serviço social, porque sou uma pessoa muito interessada no bem estar da coletividade e na forma de controlar mais pela palavra que pela força física, acho que estou no caminho certo, pois vou estar a serviço dos outros e através do meu discurso, apoiada nas teorias que irei aprender na universidade, poderei ajudar as pessoas a cuidarem mais do seu bem-estar”. (Rita Carla, 21 anos, informação verbal).

Observa-se que neste caso, a sublimação traduz-se como a conversão de impulsos libidinais em habilidades refinadas e criativas. Martins (1970 apud LEVENFUS, 1997, p. 67), afirma que “não somente os instintos sexuais pré-genitais seriam sublimáveis, mas também os agressivos”. Visto que, a agressão se encaixa nesse processo a partir do pensamento de que inconscientemente libido e agressão coexistem, sendo o ato libidinoso igual a soma de *Eros* com *Tanatos*. A partir deste pressuposto, pode-se considerar que os impulsos agressivos também encontram aproveitamento pela sublimação. Ao fazer o correlato entre a escolha profissional e a ocupação criativa artística, o autor sintetiza afirmando que:

[...] podemos aferir que as necessidades mais ingentes de expressão, mediante palavras, cores, formas, sons musicais, têm sua gênese nas vivências de amor e ódio, na necessidade de unir o separado, de reparar o destruído, de restaurar os objetos conspurcados e recompor o ego danificado pela auto-agressão e a culpa persecutória, reconciliando, assim, as instâncias psíquicas entre si, o indivíduo com a sociedade, o homem com a vida (MARTINS, 1970 apud LEVENFUS, 1997, p. 68).

Assim, salienta-se então, que para a compreensão da questão vocacional o sentido da reparação, que consiste na fantasia de corrigir os efeitos dos componentes agressivos, se faz

útil, visto que qualquer profissão tende a revelar as tentativas reparatórias do profissional que a desempenha e que toda escolha de uma carreira implica a definição dos representantes externos do objeto interno, cuja reparação o indivíduo estaria procurando realizar. Deste modo, as vocações expressam respostas do ego diante dos chamados interiores, os quais representariam os chamados de objetos internos prejudicados que clamam por serem reparados pelo ego. Neste caso o Psicólogo tem, na prática em orientação vocacional, o papel de acompanhar o sujeito na busca de reparar os objetos danificados na fantasia, contribuindo assim para que o adolescente, que escolhe, possa definir progressivamente sua identidade profissional (BOHOSLAVSKY, 1993).

Segundo Levenfus (1997), intensos impulsos reparadores são freqüentemente responsáveis por escolhas direcionadas a fins humanitários e vividas com grande sacrifício. Mas, é importante ressaltar que não existem profissões que representam, mais do que outras, a capacidade de uma pessoa reparar, pois dependendo da maneira como cada pessoa vincula-se à sua atividade profissional, podem-se perceber impulsos reparadores em todas as profissões, sendo fundamental então, que se avalie a escolha profissional a partir da compreensão do significado que determinada profissão representa para um indivíduo específico.

O processo de simbolização, carregado de experiências cognitivas e emocionais, vai constituir uma rede de relações simbólicas que é individual. As experiências da vida, os processos de maturação do ego e a resolução de conflitos irão determinar um universo simbólico único para cada indivíduo (LEVENFUS, 1997, p. 70).

Este aspecto pode ser verificado no relato do caso de Bruno, que procurou a orientação vocacional dizendo:

“Me sinto massacrado pelas pessoas que não compreendem que posso seguir várias carreiras ao mesmo tempo, pois gosto de tudo isso. Quero fazer engenharia civil para trabalhar construindo casas e cidades, gosto de construir coisas, sou criativo e quando criança minha mãe diz que eu quebrava tudo, era um menino agressivo, mas depois ela entendeu que eu era apenas criativo e curioso. Também quero ser jornalista, para divulgar as notícias de forma séria, deixando as pessoas bem informadas sobre fatos e acontecimentos, construindo nelas uma consciência crítica, pois gosto de falar e escrever, tenho jeito para essas coisas, sabe!?. Sou dinâmico e informado, gosto também de farmácia, quero criar produtos novos e modernos para a saúde das pessoas, quem sabe até descobrir novas fórmulas para a cura de doenças, sou determinado e quando quero algo vou em frente, não desisto até resolver um

problema, tipo uma palavra cruzada ou um quebra cabeça, não desisto fácil, acho que falta isto para nossos pesquisadores. Mas minha família e amigos dizem que eu estou ficando doido, que estas profissões são muito diferentes e pertencem a áreas opostas, aí então me sinto confuso, pois será que não posso escolher todas as três e tentar cursá-las em turnos diferentes, será que isso é mesmo uma loucura?” (Bruno Carlos, 16 anos, informação verbal).

Observamos neste trecho que Bruno pode estar fantasiando seguir carreiras aparentemente incompatíveis e diferentes, mas que internamente representam, para ele, exatamente o mesmo, surpreendendo o ego consciente com as disparidades e contradições que, em nível da lógica inerente aos processos primários, são significativamente compatíveis. No caso de Bruno as profissões escolhidas tinham como ponto de interseção a capacidade de criar, de ligar, de unir. Porém, é necessário que, durante a escuta em processo de orientação vocacional, o psicólogo busque diferenciar se a escolha de profissões tão diferentes diz respeito a uma escolha indiscriminada e confusa, atrelada a falta de informações ou se representa uma atitude reparatória.

No que se refere à realização profissional, a qual é uma das angústias manifestadas pelos adolescentes diante da escolha de uma profissão, é importante destacarmos um fato muito freqüente em nossa cultura que é a dissociação entre diversão e trabalho, pois temos constatado que um adolescente ao procurar escolher uma profissão, costuma buscar algo que o realize, que preencha sua vida, como pode ser percebido no relato a seguir:

“Quando penso no vestibular e na escolha de uma profissão, fico angustiada e ansiosa, pois conheço muitas profissões através das palestras proferidas por profissionais na minha escola, mas o mais difícil mesmo para mim é encontrar algo que me realize como pessoa, me faça feliz, completa como pessoa e profissional. Acho muito difícil, difícil mesmo, aí tenho um medo enorme de escolher algo e então não ser feliz, pois a profissão é para fazer todos os dias, vamos viver com ela para sempre, já pensou como é difícil escolher pensando em ser feliz no mundo de hoje?” (Lisa Maria, 16 anos, informação verbal).

Segundo Super (1975) as satisfações e realizações dependem da medida pela qual uma pessoa possa consolidar seu auto-conceito, mediante o desempenho das diversas tarefas ocupacionais que lhe estão disponíveis. O que pode ser percebido no caso acima relatado em que a adolescente dispunha de um conhecimento diversificado acerca das profissões e da realidade sócio profissional, mas que não conseguia diante destas informações, consolidar seu auto-conceito, para então poder fazer uma escolha que lhe trouxesse satisfação, fato este que pode ser corroborado por Levenfus (1997, p. 76) ao afirmar que:

O adolescente que busca encontrar uma profissão na realidade busca um 'reencontro'. Busca restituir e reencontrar ileso o objeto que imaginara destruído. Mas pode buscar apenas 'realização' no sentido de 'fazer realidade', de 'torná-lo real', de usufruir do êxtase vivenciado na situação do encontro com o seio que se faz presente e gratifica.

Soares (2002), salienta que ao se escolher uma profissão está se deixando de lado outra, a não escolhida, e, num primeiro momento, esta não terá condições de ser realizada. A liberdade de escolha está diretamente relacionada ao nível de resolução desse conflito, isto é, quanto menos ansiosa for a escolha, mais livre podemos dizer que ela é, pelo menos dos determinantes psicológicos. Quanto à escolha de uma profissão Lucchiari (1997, p. 79) afirma que:

É importante estudar a relação entre o projeto dos pais e o projeto dos filhos - o conceito de ideal de ego pode ser uma das dimensões psicológicas que permite a compreensão de como o jovem integra a influência dos pais na definição de seu futuro profissional.

Deste modo, indaga-se acerca da possível relação existente entre o ideal de ego e a profissão escolhida e se existe uma projeção do ideal de ego na representação desta. Centramo-nos no conceito de ideal de ego, visto que, no momento, temos o objetivo de estudar como a questão dos ideais e das identificações no contexto da família pode nos ajudar a compreender melhor as determinações da escolha dos adolescentes. Em nossa escuta com adolescentes, fica evidenciada a contribuição essencial da formação do ideal de ego na elaboração de seus projetos profissionais. Constatação esta que pode ser corroborada por Lucchiari (1997, p. 80) ao afirmar que:

A elaboração do projeto do adolescente repousa no ideal de ego, isto é, na possibilidade de construir uma imagem ideal de si mesmo como jovem e como adulto no trabalho. Esta imagem vai servir de referência, de pólo de identificação e de objetivo a alcançar para realizar o seu desejo.

A partir desta premissa, verifica-se em que todo projeto verdadeiro não pode ser elaborado somente pela influência do ambiente: família, amigos, escola e da realidade sócio-profissional, com suas possibilidades concretas, visto que deve possibilitar também a expressão do desejo, do princípio do prazer. Deste modo, observa-se que o projeto de futuro profissional contém representações do próprio sujeito, imagens, desejos e objetos de

identificação, sendo então, a expectativa, consciente e inconsciente, que o adolescente constrói de seu futuro enquanto profissional. Logo, é importante que o psicólogo na atuação em orientação vocacional, estude o futuro projeto profissional e sua relação com os ideais, possibilitando, uma escuta das descrições que o jovem faz das profissões e das pessoas que lhe são significativas, bem como do estilo de vida que imagina ter no futuro, de como gostaria de ser no desempenho de sua profissão, de como pensa seu ambiente de trabalho, e de como imagina que se sentiria realizando a atividade desejada. De acordo com Lucchiari (1997, p. 80):

Para que o projeto possa beneficiar-se do élan do narcisismo do indivíduo, é necessário que o narcisismo possa estar ligado a identificações aos pais e aos ideais coletivos. Conseqüentemente, um projeto não pode existir sem modelos de identificação que organizem o seu vir a ser.

Freud (1921) em “Psicologia de grupo e análise do ego”, resume as três origens da identificação assinalando que ela é uma forma mais primitiva da ligação com o objeto, tornando-se posteriormente um substituto da ligação, podendo, em seguida, nascer cada vez que é percebida semelhança significativa com uma pessoa que não é objeto de pulsões sexuais. Podemos assim, verificar que todas as três formas de identificação estão presentes de um modo mais ou menos consciente para o adolescente no processo de escolha profissional. A mais evidenciada no discurso dos adolescentes é a terceira forma, que pode ser verificada no relato do caso de Amanda Sueli que escolhe por identificação a um traço único de uma determinada pessoa:

“Quando eu tinha 14 anos decidi que queria ser bióloga, eu tinha um tio que era bem sucedido nesta profissão, ele ganhava muito bem e era elogiado por todos da nossa família porque ele era biólogo. Então pensei que eu queria ser como ele. Mas hoje com 19 anos e já cursando biologia fico em dúvida se é isto mesmo que quero fazer. Agora ando refletindo mais sobre isto e posso perceber que talvez o que eu admirava era os frutos que meu tio tinha com sua profissão, e não a própria profissão, pois com 14 anos eu nem mesmo sabia o que fazia um biólogo” (Amanda Sueli, 19 anos, informação verbal).

O que pode ser evidenciado por Lucchiari (1997, p. 81):

A identidade implica, do ponto de vista individual, a constituição de uma representação de si mesmo e de um sentimento de auto-estima e, do ponto de vista social, as diferentes modalidades de filiação aos grupos, os diferentes papéis que o jovem desempenha, as diversas representações em relação às quais ele se situa e a representação profissional.

Verifica-se que é na adolescência, que o jovem vive em um constante jogo de movimentação extrema que prevalece entre o vivido e o conhecido, entre aquilo que sabe e aquilo que sente, entre aquilo que quer e como ele se vê, entre os pais que deveria ter e os que tem ou que pensa ter. E é nesta constante oscilação entre suas imagens e seus desejos que o adolescente procurará apreender sua pessoa e o mundo, conforme ele possa aceitar sua imagem e seus imagos, ou recusá-las, ou seja, entre sua identidade e suas identificações, ou ainda entre seu ideal de ego, suas imagos paternas e as imagens que a realidade de si mesmo e de seus pais lhe oferecem (LUCCHIARI, 1997).

Em minha prática em orientação vocacional, tenho observado que a escolha profissional pode ser objeto de identificação e permitir ao adolescente, definir sua identidade como profissional, visto que, através da profissão escolhida, o jovem descobre vários traços com os quais ele se identifica. Este fato pode ser ilustrado pelo relato do encontro em grupo, com três jovens de 16 anos, que cursavam a terceira série do ensino médio, e estavam em processo de orientação vocacional: João Carlos, Ricardo Artur e Marcelo Augusto:

“Já escolhi direito, pois esta é uma profissão que trabalha com a lei”, dizia João Carlos, no que concordava Ricardo Artur dizendo: “Também escolhi direito, pois é uma profissão que defende as pessoas oprimidas, injustiçadas!”, ao que completava Marcelo Augusto: “Concordo plenamente com vocês, também quero fazer direito, pois é uma profissão que atua com a lei”.

Na análise dos trechos relatados, observa-se que as representações dos três jovens parecem similares, mas as motivações individuais eram diferentes e estavam relacionadas com diversos conteúdos de representações individuais. Para um dos adolescentes, cujo pai havia se separado da mãe e deixado a família em sérias dificuldades financeiras, pois atrasava a pensão estabelecida para a manutenção e sustento dos filhos, trabalhar com a lei estava ligado ao fato do pai ter cometido essa ação ilegal e pela via da profissão escolhida o adolescente estaria buscando inconscientemente uma possibilidade de trazer o pai, fazendo-o cumprir com suas obrigações paternas.

É importante salientar também que, na construção do projeto profissional, a família assume uma importante função, quando esta atribui papéis que os filhos devem desempenhar com a tarefa de realizar os projetos dos pais, seus sonhos e seus desejos. Deste modo, o filho torna-se então, o depositário das aspirações que seus pais não conseguiram realizar, assumindo assim o papel de satisfazer os pais, realizando uma determinada profissão no lugar deles. Logo, identificando-se ao ideal de seus progenitores, o adolescente busca corresponder a sua expectativa de um bem-sucedido profissional em uma determinada profissão, tal como:

ser um renomado médico, um influente advogado, um reconhecido arquiteto, etc. proposição esta confirmada por Lucchiari (1997, p. 82), ao afirmar que: “a elaboração do projeto profissional tende a estar submetida à influência exercida pela família na reelaboração do ideal de ego na adolescência” que, segundo Chemama (1993), é definido como a instância psíquica que escolhe entre os valores morais e éticos solicitados pelo superego àqueles que constituem um ideal ao qual o sujeito deseja.

Freud (1914), em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, empregou o termo ideal de ego referindo-se a uma instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com seus substitutos e com os ideais coletivos, sendo a expressão “ideal de ego” usada por ele para designar uma formação intrapsíquica relativamente autônoma que serve de referência ao ego para apreciar as suas realizações efetivas. Para Laplanche; Pontalis (2001), enquanto instância diferenciada, o ideal de ego constituiria um modelo a que o indivíduo procura conformar-se. Para Zimmerman (2001, p. 202), o ideal de ego:

Resulta dos ideais do próprio ego ideal da criança, os quais altamente idealizados, são projetados nos pais, onde se somam aos originais mandamentos provindos do ego ideal de cada um deles, de modo que o ideal do ego pode ser considerado um herdeiro direto do ego ideal. Dessa forma, o sujeito fica submetido às aspirações dos outros, em relação ao que ele deve ser e ter.

Deste modo, podemos afirmar que o ideal do ego se origina do narcisismo, que significa, para Freud uma tendência a reencontrar a perfeição narcisista da infância, quando o amor de si mesmo e o sentimento de onipotência são primordiais. Sendo então, a criança, para si mesma, seu próprio ideal, a perfeição narcisista, não podendo ser mantida, o narcisismo é deslocado sobre o ideal de ego e projetado em frente dele. O ser humano seria, assim, impulsionado para a frente pelo desejo de encontrar o tempo em que ele era seu próprio ideal, assim, este desejo é que impulsionaria os seres humanos a construir projetos.

Sendo o conceito de ideal de ego contemporâneo às primeiras frustrações e ao nascimento da noção de objeto, este seria então o momento em que a onipotência, que lhe é retirada, é projetada sobre o objeto, representado primeiro pela mãe que se torna o primeiro ideal de ego do filho. Mais tarde, a criança é levada a projetar seu ideal de ego em modelos sucessivos cada vez mais evoluídos.

Já em relação ao superego, convém assinalar que o ideal de ego reuniria o conjunto das identificações positivas com os pais amados e tranquilizadores, representando aquilo que o indivíduo deseja ser, enquanto o superego, ao contrário, corresponderia à incorporação dos aspectos proibitivos dos pais, representando aquilo que o indivíduo tem que ser.

Deste modo, podemos considerar que este aspecto conflituoso da identificação pode explicar, em muitas situações, as dificuldades encontradas por alguns adolescentes quando da necessidade da escolha de uma profissão, visto que, segundo Lucchiari (1997), algumas indagações são necessárias, tais como: seria a profissão escolhida também uma projeção do narcisismo primário e portadora do ideal de ego? O adolescente projetaria a profissão desejada sobre pessoas importantes de seu ambiente, que se tornariam, então, modelos de identificação? Ou, de modo inverso, não podendo se identificar com determinada pessoa, não é possível a projeção em uma profissão idealizada?

A partir da reflexão acerca destas indagações, pautadas em nossa escuta com adolescentes, observamos que é neste ciclo da vida que se reatualiza a conflitiva do ideal de ego, pois é neste momento do desenvolvimento que os adolescentes são confrontados com a questão do ideal de ego, buscando uma imagem satisfatória deles mesmos, capaz de lhes trazer uma tranquilidade narcisista. Colocar em questão as gratificações e os recursos narcisistas da infância, em particular aqueles que provêm dos pais e ou das imagens paternas, pode ser considerada como uma das características do adolescente, fato este que nos remete à convicção de que permitir ao adolescente a elaboração de um projeto profissional se faz possível a partir de uma prática em orientação vocacional embasada em pressupostos psicanalíticos que priorizem a escuta, possibilitando, assim, a restauração narcisista e a possibilidade de reencontrar identificações positivas.

A formação de uma imagem de si, é então, o elemento dinâmico suscetível de sustentar a construção do projeto de vida, pois ocupa uma posição central durante um período em que o jovem transita da infância à idade adulta e vive intensas transformações. Assim, conforme Lucchiari (1997, p. 85) “um projeto não pode existir sem modelos identificatórios que organizem o seu futuro. Isto significa para o adolescente ser como o pai idealizado, e não necessariamente se tornar ele”. Este projeto seria, sobre a cena do consciente, o efeito de mecanismos inconscientes de identificações.

É importante ressaltarmos o aspecto positivo da identificação como possibilidade de movimento em frente, assinalando-se então o vínculo estreito entre a projeção no futuro e a imagem de si, o sentimento de sua identidade e a aceitação de suas identificações, pois a imagem de si idealizada servirá de referência, de objetivo a alcançar para realizar o seu

desejo. Deste modo, o projeto profissional do adolescente estaria articulado a seus ideais, visto que, as aspirações expressas pelo projeto, podem ser descritas como ideais de ego. Assim, pode-se considerar que do grau de desenvolvimento alcançado pelo ego depende a realização destas aspirações. Entretanto, pode-se compreender ainda que o conflito vivenciado pelo ego no ciclo da adolescência, muitas vezes, dificulta sua realização, e mesmo simplesmente sua manifestação.

Conclui-se deste modo, que a formação de uma imagem de si é fator essencial à elaboração do projeto profissional do adolescente e então todo projeto não pode ser suscitado apenas pelo ambiente, ou seja, a família, amigos, escola, mas sim, este deve permitir a emergência do desejo do sujeito: do próprio adolescente, visto que a elaboração do projeto finaliza sobre a questão da escolha.

Ao fazer uma escolha profissional, percebe-se ainda que o adolescente idealiza a profissão que ele quer seguir, imaginando, muitas vezes, uma profissão perfeita, ideal, que vai responder a todas as suas aspirações e sobre a qual ele pode projetar seus sonhos. Segundo Laplanche; Pontalis (2001) a idealização seria definida como um processo psíquico pelo qual as qualidades e o valor do objeto são levados à perfeição. A identificação com o objeto idealizado contribuiria para a formação das chamadas instâncias ideais da pessoa: ego ideal, ideal do ego. Este processo de idealização pode ser demonstrado no fragmento do caso de uma adolescente em que a profissão é representada principalmente em função do desejo, ou seja, daquilo que ela gostaria de ser, e não em função da realidade, ou seja, daquilo que a profissão é realmente. Assim, a identificação a pessoas amadas, escolhidas, pode tornar possível a identificação de si mesmo em uma profissão idealizada, o que pode ser ilustrado pela escuta do caso:

“Estou pensando seriamente em ser médica pediatra, pois vejo esta como uma linda profissão, na qual temos de usar uma roupa branca e podemos circular pelos corredores dos hospitais e escutar nosso nome no sistema de som sendo chamado com muita necessidade, pois têm criancinhas precisando de nós para salvá-las, todos no hospital nos admiram e respeitam, pois somos doutores e mais ainda de crianças, a esperança de nossa espécie, veja como é bonito ser uma médica pediatra, podemos dizer para as mães o que fazer com seus filhos para que eles sejam crianças saudáveis e elas ficam muito agradecidas a nós por cuidarmos da saúde dos seus filhos, elas até nos dão presentes, para nos agradecer, também podemos encontrar médicos bonitos e então até namorarmos com eles. Acho muito linda mesmo esta profissão, ela tem um charme todo especial!” (Silvana Patrícia, 17 anos, informação verbal).

É importante ressaltarmos que uma escolha profissional madura só poderá ser realizada na medida em que tanto o princípio do prazer quanto o princípio da realidade estejam integrados para o adolescente, motivo pelo qual se faz importante o desenvolvimento de um trabalho de escuta em orientação vocacional, um espaço em que o luto pelos projetos idealizados e muitas vezes irrealizáveis possa ser trabalhado, bem como a ambivalência entre o idealizado e a realidade:

Estudar o projeto de futuro profissional dos adolescentes pode nos mostrar como os jovens encaram o seu futuro como uma possibilidade de encontrar seu ideal de ego. A representação que ele constrói das diferentes profissões, assim como o processo de idealização podem constituir-se em manifestações do ideal de ego, visto que a escolha profissional, passa a ser uma necessidade social imputada ao adolescente, esta obriga o jovem a se situar em uma temporalidade, a apropriar-se de seu lugar na história familiar e a se definir como adulto na sociedade. A necessidade de escolha de uma profissão coloca então em cena outra problemática, a qual refere-se a relação entre a imagem de si e o ideal de ego, ou seja, as dimensões de identidade e de diferenciação (LUCCHIARI, 1997, p. 87).

Deste modo, pode-se concluir que a escolha profissional apareceria como uma marca de identidade pessoal, sendo também o lado manifesto, podendo valer como objeto de deslocamento de qualquer coisa que se realiza noutra parte, logo, pode-se dizer, então, que a elaboração de um projeto profissional representaria um confronto entre a imagem de si e o ideal de ego e que a escolha realizada seria o resultado deste confronto, uma parte importante no ciclo da adolescência, quando o jovem está construindo sua imagem ideal de si como adolescente e como adulto no trabalho.

Osório (1995) aponta que uma identidade profissional estável, ou seja, madura, deveria estar constituída ao término da adolescência, já na idade adulta, sendo a escolha profissional considerada como uma tarefa evolutiva, resultado de um longo processo, o qual se inicia no ciclo de desenvolvimento da infância e se transforma conforme o desenvolvimento da personalidade. Compreende-se assim, que como a escolha profissional acarretará em um elemento que virá a constituir a identidade de uma pessoa, acreditamos que este elemento só poderá agregar-se a uma identidade que já possua seus elementos básicos, adquiridos no processo de separação e individuação, visto que a escolha profissional e o ajustamento ao trabalho são elementos constitutivos de um processo de diferenciação e integração sucessivos:

Um jovem adquire sua identidade ocupacional quando integra suas diferentes identificações e sabe o que fazer, de que modo e em que contexto. Todo conflito em relação à escolha de uma maneira de ser, através de algo que fazer (uma profissão), expressa uma não integração de identidades diversas (SOARES, 1987, p. 57).

De acordo com Bohoslavsky (1993), do ponto de vista dinâmico, o momento de seleção e de escolha de uma profissão na adolescência, coloca em jogo a função do ego de discriminação, sendo então necessário discriminar tanto objetos internos quanto externos. Deste modo, o momento da escolha pressupõe, portanto, o estabelecimento de vínculos diferenciais com os objetos e a integração destes à sua identidade pessoal e ocupacional.

É no início da adolescência que podemos observar um segundo passo para a individuação, a qual deve ser um passo final ao estabelecimento de um senso de identidade. Esta individuação adolescente muitas vezes é acompanhada de sentimentos de isolamento, solidão e confusão, fase em que os processos de desprendimento e diferenciação são vividos com angústia em função da desorganização e da desestruturação da precária identidade adquirida até este momento (BLOS, 1998).

Osório (1995) afirma que, em decorrência das ansiedades mobilizadas pela ameaça da perda do vínculo simbiótico residual da infância, o adolescente busca restaurar a situação original através da adesão a substitutos aleatórios dos primitivos objetos parentais, tais como: identificação com seus ídolos, caráter possessivo com suas relações de amizade ou supervalorização do objeto amado quando se apaixonam. Verifica-se neste movimento do adolescente, um desejo de recuperar um estado de fusão com o outro, frente à ameaça de separação e perda definitiva do vínculo simbiótico inicial, ameaça esta acarretada pela intensificação dos mecanismos de diferenciação que ocorrem no ciclo da adolescência.

Destaca-se neste caso, a existência de uma tendência à diferenciação e individuação gradativas, visando à aquisição e ao estabelecimento da identidade pessoal, em contrapartida à tendência simbiotizante ou de manutenção do estado original de indiferenciação com a matriz familiar (OSÓRIO, 1995).

Embasando-nos em nossa prática e a partir do pressuposto exposto acima, pode-se observar que, muitas vezes, o adolescente parte para um confronto de idéias com seus familiares, com o objetivo de facilitar o processo discriminatório. No que se refere à escolha profissional, percebe-se que o jovem tende a passar por uma fase em que rejeita qualquer profissão que tenha sido cogitada por seus pais, revelando-se ansioso diante da possibilidade de ter sido influenciado por eles; o que pode ser ilustrado pela seguinte escuta:

“Não suporto mais a conversa dos meus pais sobre profissões boas, aquelas que têm valor e aí então eles me perguntam se já pensei sobre as tais profissões boas, aquelas de valor, sabe? Então eles me cobram se já tomei uma decisão, pois o tal do vestibular está aí, né, bem às portas. Meus pais dizem: não seria bom Jorge Cláudio se você pensasse mais sobre direito? Então quando eu escuto eles falando me dá uma raiva bem grande, uma vontade danada de gritar com eles, para que eles parem com essa chatice, que de tanto me aborrecer já decidi uma coisa definitiva, não sei o que escolher, mas sei que não quero mesmo é nada daquilo que eles falam” (Jorge Cláudio, 17 anos, informação verbal).

Nesta escuta, podemos verificar que contrapondo-se aos desejos dos pais, o adolescente procura se definir e também definir os seus próprios objetivos, sendo esse mecanismo de oposição característico do ciclo da adolescência, ao qual o jovem está vivenciado e tende a ser, muitas vezes, erroneamente confundido com a idéia de que o adolescente esteja repudiando o sistema de valores da família e apresentando uma ruptura no processo identificatório com o mesmo. Ao contrário do que a família pensa, isto ocorre porque o sistema de valores parentais permanece consideravelmente intacto e valorizado o que faz com que o adolescente apresente conflitos (LEVENFUS, 1997).

Considera-se que a problemática do adolescente consiste em como conseguir desligar-se a partir da fusão primitiva e organizar outro tipo de ligação ou relação; visto que a parte fusionada da personalidade funciona como se fosse um protótipo identificatório, com o qual a nova identidade em formação se compara, se desvincula e se transforma, em grande parte, em elementos que compõem a identidade adulta (LEVISKY, 1998). Podemos ilustrar essas argumentações através do relato abaixo:

“Sempre tive uma relação de muita amizade, intenso companheirismo e cumplicidade com minha mãe, nós duas somos verdadeiramente muito próximas, às vezes é como se nós duas fôssemos uma só pessoa, que nem parece mãe e filha, mas sim duas amigonas confidentes mesmo. Desde que eu era criança, minha mãe sempre foi uma pessoa muito cuidadosa e apegada a mim. Acho que hoje tudo que sou como pessoa é devido a minha mãe. Com minha turma de amigas, exerço sempre o papel de mãe-confidente, conselheira e cúmplice delas e acho que é por isso que todas elas me adoram, mas elas também exigem muito de mim, pois sou a certinha, a que tem sempre um conselho para dar, e que está sempre pronta para escutar todas elas. Às vezes me sinto exausta e acho que se não fosse a amizade da minha mãe eu já teria estourado, não teria agüentado tanta carga de cobranças e expectativas na minha pessoa. Ainda não consigo me definir quanto a que profissão escolher, pois não sei do que gosto de verdade, mas tenho pensado bastante em ser psicóloga, porque

sei que sou uma boa conselheira para as minhas amigas” (Carla Nazaré, 17 anos, informação verbal).

Durante o processo de orientação vocacional, Carla Nazaré começa a perceber uma nova imagem da mãe, mais próxima da realidade, manifestando então sentimento de raiva da dependência estabelecida com ela, dependência esta que vai diminuindo à medida que avançamos no processo vocacional e que a idealização também diminui, estabelecendo com a mãe um relacionamento mais maduro, podendo a partir de então vislumbrar outras possibilidades na escolha profissional.

Segundo Levisky (1998), quando ocorrem desvios no processo de dessimbriotização, o adolescente pode ser levado a uma persistência ou abandono prematuro em relação ao objeto interno primitivo. Verificamos a persistência, quando ocorre um prolongamento na dependência em relação a objetos idealizados, predominando a presença de processos primários e baixa tolerância à frustração. No caso da predominância de identificações projetivas, esta ocupa o espaço de pensar e torna o outro depositário de aspectos seus, agindo de forma controladora sobre o objeto das projeções.

Isto pode ser verificado quando alguns adolescentes buscam o processo de orientação vocacional, queixando-se da imensa dificuldade de escolher uma profissão, fato este que muitas vezes está associado à existência de pais que se identificam com o jovem de modo extremo e projetam sobre ele expectativas onipotentes. Fato este explicitado por Levenfus (1997, p. 103) quando afirma que:

O pai frustrado pode tentar experimentar através do filho o sucesso que nunca obteve. O pai que teve excelente desempenho pode ficar frustrado e ressentido caso o filho não alcance façanha semelhante. Não raro, pais que sentem o filho como uma extensão sua regulam a auto-imagem através do sucesso daquele. Se o filho não for bem-sucedido, a auto-imagem desses pais ficará ameaçada.

Neste caso, os adolescentes tendem a buscar o processo de orientação vocacional à procura de alguma profissão que os realize, mas que também preencha a expectativa dos pais, revelando-se angustiados e culpados, diante do sentimento que lhes desperta, perceberem-se diferentes daquilo que lhes foi projetado. O que pode ser observado na escuta da adolescente:

“Minha mãe sempre quis ser advogada, mas ela era a primeira filha de uma família grande e muito pobre, assim ela teve de trabalhar desde cedo para ajudar sua família a sobreviver e ela acabou não realizando seu grande sonho. Hoje, ela faz muita pressão para que

um de nós, eu ou minha irmã caçula façamos a escolha pelo curso de direito, o que acabou sobrando mais diretamente para mim, pois como já te disse sou a filha mais velha, a tão valorizada e amada primogênita como ela diz e eu também já estou no momento de tomar uma decisão por uma profissão. Ao mesmo em tempo que acho que o curso de direito não tem nada a ver comigo, fico triste e receosa só de ter que dizer para minha mãe que talvez eu não queira escolher esta profissão acho mesmo que ela morreria de tristeza, seria uma decepção para ela” (Ana Cláudia, 19 anos, informação verbal).

Neste relato, observa-se que a pressão materna para que uma das filhas escolhesse o curso de direito, dificulta que Ana Cláudia se desvincule das expectativas parentais, podendo assim desconectar-se dos objetos primitivos no processo de desidentificação, o que interfere diretamente na sua problemática da escolha profissional, pois de acordo com Levisky (1998), o indivíduo precisa desvincular-se das identidades mais primitivas e se reidentificar a partir da escolha de novos objetos, mesmo que isto ocorra com dor e culpa, devido ao luto que o acompanha. Este processo é fundamental para a construção de uma nova identidade profissional e também ao modelo de vida profissional.

Segundo Levenfus (1997), num processo saudável de dessimbiotização no nível adolescente, o desligamento do objeto não ocorre predominantemente em relação a objetos externos, mas sim em relação àqueles internalizados do início da infância, porém, nos casos em que o primeiro processo de dessimbiotização ficou incompleto, as ansiedades relacionam-se, inclusive, com relação ao objeto externo, dificultando conseqüentemente a capacidade de estabelecer diferenciações e discriminações sobre o mundo ocupacional, intensificando a problemática do adolescente quanto à escolha de uma profissão, sendo este, na maioria das vezes, incapaz de fazer uma escolha profissional genuína, até que resolva sua conflitiva. A autora afirma que, para o adolescente obter êxito, na escolha vocacional:

É necessário ter capacidade de discriminação, de suportar os sentimentos ambivalentes frente aos objetos; implica resolução de lutos e capacidade de reparação [...] somente ao término da adolescência, o indivíduo seja capaz de fazê-lo de forma satisfatória. (LEVENFUS, 1997, p. 106).

Desde pequenos, quando somos indagados sobre “o que você quer ser quando crescer?”, já estamos sendo convocados a nos questionar sobre: “quem serei?”. Exigidos a respondermos “quem sou?”. Segundo Lisboa (1997), esta pergunta é crucial para que se desencadeie o projeto de futuro, quer num nível fantasioso ou real, refletido, como uma satisfação a dar ao outro ou como desencadeante de um projeto de vida. Tal pergunta também

se remete a outra indagação: “filho de quem?”, a qual envolve os significados do que representa para os pais, o filho que nasceu, significado este que tem lugar determinante na formação da identidade do novo ser.

A identidade profissional é compreendida por Lisboa (1997), fundamentada pela Teoria Psicanalítica, como um desdobramento da identidade pessoal, referindo-se ao ciclo de desenvolvimento da adolescência como um marco vital para o estudo da identidade ocupacional, pois é neste momento que o jovem é convocado a tomar uma importante decisão sobre o que fazer profissionalmente, sendo instigado a pensar sobre seu futuro e conseqüentemente o mundo do trabalho, sendo este tema, na maioria das vezes, introduzido pela família e pela escola.

Segundo Lalande (1999), o substantivo pode ser tomado, tanto num sentido transitivo, correspondente ao verbo identificar, que significa reconhecer como idêntico, quanto num sentido reflexivo, correspondente ao verbo identificar-se, significando ato pelo qual uma pessoa se torna idêntica a outra, ou pelo qual dois seres se tornam idênticos.

Para Bueno (1996), o termo identificação indica o ato de identificar-se, ou reconhecimento de coisa ou indivíduo como próprio, relativo à mesclagem do que é seu com o que é do alheio. Na Psicologia, segundo Laplanche; Pontalis (2001), esse conceito está ligado à idéia de imitação, empatia, projeção, ou aquilo que caracteriza a identidade, que é capaz de dar a singularidade ao indivíduo.

Destaca-se o processo de identificação como um dos assuntos principais na obra freudiana, sendo este um mecanismo psicológico que:

[...] vai proporcionar a constituição do ser enquanto sujeito humano; está relacionada à maneira mais primitiva que a criança estabelece um laço afetivo com alguém; tem origens na primeira fase da organização da libido – a oral – e o seu caráter mais expressivo é na vivência edípica (TORRES, 2001, p. 117).

Destaca Freud (1923), em “A organização genital infantil” que a identificação é conhecida na Psicanálise como a manifestação mais prematura de uma ligação afetiva a outra pessoa, e desempenha um importante papel na pré-história do complexo de Édipo. Este processo se inicia a partir da relação filho-mãe, desde o feto até a criança, quando parte do seu ego está representada inicialmente pela mãe e, mais tarde, pela mãe e pelo pai. Somente após a criança ter assimilado a parte dada pelos pais, poderá então se constituir em um adulto, momento este em que terá incorporado modelo destes egos auxiliares. Após o nascimento, o

bebê passa a vivenciar o mundo pelo processo da alimentação, do qual depende para sua sobrevivência, que é dada pela mãe a partir do peito, processo este que se dá, inicialmente, pela via oral e passa a ser complementado pela imagem visual. Observa-se que a criança, em processo de desenvolvimento saudável, tende a mamar com maior frequência, à medida do seu crescimento, olhando diretamente nos olhos da mãe.

Deste modo, além de se oferecer como fonte de nutrição biológica, a mãe passa a fazê-lo no sentido da criança incorporá-la como imagem e modelo, ato que permite a formação da sua identidade. Assim também o faz com o pai, incorporando a ambos, separados ou juntos, o que precede suas futuras buscas de identificações, a partir de todas aquelas pessoas que serão importantes para o seu desenvolvimento, figuras estas próximas e com as quais a criança convive, tais como: professores, amigos, parentes, entre outros. E, também as figuras idealizadas em todas as áreas como heróis, artistas, etc. Estas são todas de suma importância na formação da identidade, pois são figuras de identificação denominadas de ideal de ego. O grau de importância das referidas figuras ocupa uma ordem decrescente para a criança. Deste modo aquilo que necessita da mãe e do pai se constitui no alicerce do que, posteriormente, irá determinar o seu lugar no mundo enquanto personalidade constituída: com maior ou menor exigências, com diferentes tipos de exigências, com maior ou menor grau de carências; fatores estes que interferem também na constituição da identidade profissional.

Com base no exposto acima, Lisboa (1997) ressalta a importância das figuras parentais nos primeiros anos de vida da criança, visto que estes se constituem a base para suas identificações e, conseqüentemente, para a formação da sua identidade. Respalhando-nos no enfoque apresentado, faz-se necessário abordar algumas questões fundamentais da formação da identidade do adolescente, enquanto passagem da identidade infantil para a idade adulta, visto que a formação da identidade profissional passa, necessariamente, pela da identidade adulta, que, por sua vez, se constitui pela composição da identidade infantil e adolescente.

Entrar no mundo dos adultos, desejado e temido, significa para o adolescente a perda definitiva de sua condição de criança. É o momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou com o nascimento (ABERASTURY, 1992, p. 30).

No que diz respeito à possibilidade do adolescente escolher um futuro trabalho, Lisboa (1997) afirma que esta temática se iniciará como parte da formação da identidade profissional. Influenciado pelas demandas sociais, o adolescente irá introjetar algo que sempre esteve

presente em sua vida, através dos seus modelos de identificação ou outros significativos: o desempenho de um trabalho. Pais, familiares, professores, amigos, ídolos, todos se apresentaram ao adolescente através do desenvolvimento do seu trabalho, quer seja um trabalho profissional ou doméstico, todos trouxeram consigo o modelo de trabalhador. Deste modo, esta figura já se fazia presente e foi introjetada a partir da identidade infantil. Agora, trata-se da necessidade do adolescente assumir projetar e, posteriormente, assumir este papel para si.

Bonelli (1995) distingue períodos fundamentais vinculados ao desenvolvimento da escolha profissional, a elaboração da identidade profissional e a formação das imagens profissionais. O referido autor divide esses períodos em três, sendo eles denominados de: período de escolhas com base nas fantasias; período de tentativas ou de projetos e período de escolha realista.

O primeiro período está ligado às primeiras identificações, ao desejo de ser grande. São escolhas regidas pelo princípio do prazer, com uma perspectiva temporal distorcida, pois se dá através de uma fantasia sem limites que inclui diversos papéis; este período se encerra por volta dos dez ou onze anos, quando ocorre um estágio de maior realismo, caracterizando-se pela descoberta de gostos, habilidades, experiências de êxitos e fracasso, que geralmente são propiciadas pela escola que, através das atividades propostas como integrantes de seu currículo, proporciona a elaboração progressiva da auto-imagem vocacional. O segundo período ocorre aproximadamente até os dezessete anos, idade na qual se dá um reconhecimento de um contínuo entre o presente e o futuro, porém ligado a um tempo subjetivo. Estes projetos que podem, freqüentemente, não ter base na realidade, sofrem interferência da busca de satisfação imediata e das ansiedades do adolescente, podendo existir um reconhecimento dos interesses, porém a crise normal da identidade nesta fase torna difícil o reconhecimento de uma auto-imagem projetada no futuro. No período realista, existem condições mais propícias à tomada de consciência da necessidade de se decidir pela escolha de uma profissão. Ocorre entre os dezessete e dezoito anos, momento este em que a crise da adolescência está em processo mais avançado de elaboração e, paralelamente, se fazem mais urgentes às exigências da realidade externa. Verifica-se uma maior premência quanto à necessidade de assumir responsabilidades, sendo o iminente término do ensino médio um dos principais fatores do reconhecimento dessa necessidade.

Estando a construção da identidade profissional diretamente vinculada à identidade pessoal, estas podem ser consideradas mesmo como inseparáveis, visto que incluem todas as identificações feitas ao longo da existência de um indivíduo. É com base nestas identificações,

que a formação da identidade profissional ocorre por meio da autopercepção em termos de papéis ocupacionais ao longo do tempo (BONELLI, 1995).

Segundo Lisboa (1997), no processo de formação da identidade, o ideal de ego se estabelece com base nas identificações com figuras significativas, as quais representam o “querer ser” da criança. Ocorre o mesmo na formação da identidade profissional, só que relacionado com pessoas que desempenham determinados papéis ocupacionais, ou seja, o “querer ser” se repete no campo profissional, motivo pelo qual o adolescente pode idealizar figuras sem base na realidade, confundindo, muitas vezes, a pessoa com o fazer sucesso ou a satisfação de outro, no trabalho, com as características no próprio trabalho. Deste modo, pela identificação, o adolescente deixa de ver objetivamente as particularidades do fazer profissional e outros fatores que compõem este fazer.

Freud (1930 [1929]), em “O mal estar na civilização”, afirma que existem duas instâncias que determinarão, basicamente, se o ser humano poderá ser realizado ou frustrado, decidindo sobre a qualidade de sua vida e a possibilidade de ser feliz ou infeliz, que são: o amor e o trabalho. Composto os desejos da família para a qual o filho representa a continuidade de sua existência, com a afirmação de Freud, pode-se pensar o grau de envolvimento familiar na decisão do adolescente quanto à escolha profissional. Desta maneira, Lisboa (1997) afirma que além de representar uma forte vinculação para a formação da identidade pessoal do filho, a família representa uma grande influência quanto ao projeto de vida deste indivíduo e, em conseqüência, um grande significado consciente e inconsciente, na formação de sua identidade profissional.

Apesar de reconhecer a importância desta influência, Lisboa (1997) aponta para a necessidade de se vislumbrar o indivíduo com possibilidades de se constituir como o autor dos seus atos, consciente de si mesmo e do mundo que o cerca. Assim, a autora afirma que a formação da identidade profissional pertence a cada indivíduo, inserida em sua história de vida, que deverá continuar pertencendo enquanto projeto de vida ou de futuro. Deste modo, tudo o que foi legado ao adolescente, deverá estar consciente para que ele possa, como adulto, colocar-se a serviço de seu ser, pessoal e profissional.

Assim, a identificação pode ser compreendida como um processo de nível inconsciente, que ocorre a partir de relações intrapsíquicas, e que a partir da compreensão do processo identificatório nos remete ao conceito de objeto, na medida em que ele é o agente da identificação responsável pela constituição do eu. Nasio (1992, p. 103), escreve sobre a distinção do objeto, salientando que:

Tomemos [...] a cena de uma mãe que evoca diante do filho um distante ascendente familiar. Sem que o filho se aperceba, um simples detalhe do relato ligado ao personagem evocado vem inscrever-se em seu inconsciente. Isso equivale a dizer que um detalhe sem importância aparente – agora isolado e completamente desligado da figura do ancestral – veio encaixar-se no molde de uma representação inconsciente já presente. Interroguem-nos então: nessa seqüência, onde localizaríamos o objeto? O objeto não é a mãe que fala, nem o personagem familiar memorável, nem tampouco o detalhe inconscientemente percebido, mas a representação [...] confirmada, nesse momento, pela inscrição inconsciente de um detalhe do relato.

Evidencia-se assim, que quando bebê, o sujeito ainda não possui inicialmente um aparelho psíquico suficientemente organizado para reconhecer, memorizar ou realizar qualquer função psíquica mais elaborada, só conseguindo realizar investimentos parcializados em direção aos objetos, uma vez que não dispõe de uma organização interna que lhe possibilite reconhecer-se como um ser diferente dos outros. Nessa fase, o bebê ainda vivencia o período de simbiose com a mãe, tendo uma experiência parcial com seu corpo fragmentada, devido ainda à precariedade de conhecimentos sobre ele e seu funcionamento. A organização corporal e a percepção de si vão sendo construídas a partir do seu desenvolvimento físico e psíquico. Tanto para um quanto para o outro, o bebê precisa de algum adulto que lhe cuide e supra sua carência motora, cognitiva e emocional, passando por muitas etapas antes de ser capaz de identificar o que sente ou reconhecer com precisão pessoas e coisas (TORRES, 2001).

De acordo com Freud (1905), em “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, as etapas do desenvolvimento psicosexual são fundamentais para que seja atingida a maturidade libidinal. Só na fase da adolescência o jovem terá condições de configurar definitivamente sua vida sexual. Para a Psicanálise, um objeto parcial é aquele que recebe investimentos das pulsões parciais, sem que isso implique que uma pessoa seja considerada no seu todo, sendo então importante que compreendamos a relação existente entre investimentos parciais e identificação. Freud (1921, p. 136) escrevia sobre a identificação, considerando-a:

[...] primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com o objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço.

Isso pode ser observado ao longo dos processos de orientação vocacional clínica, uma vez que os orientandos precisam de modelos de funcionamento no mundo em que possam reconhecer-se, pois é através da identificação que eles reconhecem os diversos tipos de exercícios profissionais, bem como aprendem sobre o desempenho deles, sendo o processo de identificação fundamental para a construção da identidade de uma pessoa, assim ressaltamos também a importância dessas identificações para o desenvolvimento da identidade profissional do orientando.

De acordo com Freud em sua obra “Considerações de atualidade sobre a guerra e a morte” (1905, p. 2109), as identificações dos adolescentes com seus professores, artistas, ou outros modelos profissionais do que se deve fazer, produzem idealizações muito primárias, que se tornam muitas vezes inquestionáveis, o que pode ser corroborado por Müller (1988, p. 98) ao afirmar que:

[...] fazemos mal em considerar nossa inteligência como uma potência independente e prescindir de sua dependência da vida sentimental. Nosso intelecto só pode trabalhar corretamente quando se retira a ação de intensos impulsos emocionais; caso contrário, se conduz simplesmente como um instrumento em mãos de uma vontade e se produz o resultado que esta última lhe incumbe.

Assim, podemos compreender que a identidade não é considerada estática e nem definitiva, mas que está sujeita ao interjogo identificatório. Constitui-se um equilíbrio aberto a reajustes e a mudanças que, em alguns momentos críticos, tais como a adolescência, na qual o jovem vivencia diversas transformações e situações conflitivas, tende a entrar em crise, podendo desestruturar-se para projetar novas integrações.

A diversidade de opções que o mundo pós-moderno oferece a sua constante renovação fazem com que o processo de constituição da identidade do indivíduo se torne muito mais complexo, uma vez que o mesmo precisa ser constantemente redefinido, reordenado e remodelado em função das constantes escolhas. Para Lemos (2001, p. 44), “[...] os indivíduos não têm escolha a não ser a de fazer escolhas, e essas escolhas definem quem eles são. As pessoas têm de construir suas próprias biografias, a fim de manter um senso coerente de auto-identidade”.

O adolescente em permanente reconstrução interna deve acompanhar essas mudanças e necessita posicionar-se diante delas. Entretanto, temos observado na escuta de adolescentes que estes vêm sendo literalmente “bombardeados” por informações que nem sempre

contribuem para a constituição de sua identidade, aumentando muitas vezes o sofrimento vivenciado por eles, durante seu ciclo de desenvolvimento.

A perda das referências ditadas pela tradição, a contínua renovação dos modelos oferecidos pela cultura, bem como a oferta de modelos frágeis e descartáveis que se inserem neste contexto, influenciam o processo de aquisição da identidade como um todo, e profissional em particular (LEMOS, 2001, p. 29).

Ao optar por uma carreira, o adolescente é obrigado a conviver com uma série real de perdas. A escolha de uma profissão significa deixar de lado outras opções igualmente interessantes, bem como significa ainda abandonar expectativas e valores familiares, sendo esta uma das tarefas básicas da adolescência, realizada com maior ou menor facilidade, porém, na maioria das vezes, com uma determinada carga de angústia (ANDRADE, 1998), sentimento este que pode ser observado no relato abaixo:

“Fico pensando em como se torna cada vez mais insuportável ouvir as recriminações dos meus pais quando eles se referem as minhas possíveis escolhas, o que me deixa zoadado e ainda mais inseguro e indeciso, até parece que eles tiram minhas forças e fica tudo mais difícil, principalmente escolher sem me deixar influenciar por eles. Eu até entendo que eles não fazem isso por mal, nem mesmo porque não me amam, mas que isso me deixa sufocado e angustiado é a mais pura verdade! Acho que eles pensam que ainda sou criança e devo total obediência a eles.” (Manoel Ricardo, 15 anos, informação verbal).

Observa-se no relato de Manoel, tanto em suas verbalizações quanto em seu comportamento não verbal, o sentimento de angústia vivenciado pelo jovem diante das castrações familiares acerca de suas possíveis escolhas profissionais, bem como da negação desta família em perceber que o jovem se encontra em um novo ciclo de desenvolvimento que se refere à adolescência, o qual possui características e necessidades próprias.

Outro aspecto destacado pela autora refere-se ao fato de que dentro do grupo familiar, repleto de mitos, valores e conflitos internos, e sob a força de suas influências, as identificações ocorrerem com o grupo na totalidade, seus sistemas de valores, os indivíduos que o integram e o papel e status do sujeito dentro do grupo, não sendo relevante apenas o grupo ao qual o adolescente pertence, mas também o papel que ele desempenha dentro deste grupo. Podemos ilustrar este aspecto ao citarmos um fragmento do caso de Ana Marta:

“Nasci em uma família de pessoas inteligentes e intelectuais, todos são pessoas reconhecidas nas universidades, produzindo conhecimento, publicando livros, ministrando

aulas, mas eu já nasci meio burra, desde criança percebia que as letras não eram meu ponto forte, estudar, escrever, pior ainda, sempre me achei burra mesmo para essas tarefas. Acho que terei de escolher uma profissão mais simples, mais fácil e até de menor status, pois as mais difíceis são para os sábios e gênios, o que te digo não é o meu caso, não” (Ana Marta, 15 anos, informação verbal).

Observa-se neste relato o sofrimento psíquico vivenciado pela adolescente diante da imagem e dos mitos que envolvem a estrutura familiar, bem como dos papéis desempenhados por seus integrantes e das significações destes como sendo composta de pessoas intelectuais, tendo a adolescente um status de menor valia o que interfere na sua auto-percepção e auto-estima, influenciando na possibilidade de uma escolha que integre aspectos internos e da realidade sócio-profissional.

A intensificação da separação progressiva dos pais é um outro aspecto importante no que se refere à influência familiar na escolha profissional de um indivíduo, pois, segundo Andrade (1998, p. 129), escolher uma carreira “significa assumir um papel ativo e maduro de transformação pessoal e social e acelerar o processo de separação dos pais, que já vinha ocorrendo em toda a adolescência”, considerando que esta separação muitas vezes não é só afetiva, mas também física, revelada pela opção por fazer cursos fora da região de origem. Esta proposição pode ser percebida no seguinte relato:

“Fico pensando bastante no que escolher para fazer no vestibular e tudo que vejo e ouço nas feiras ou palestras sobre profissões realizadas na minha escola não me despertam o mínimo interesse, é tudo uma chatice, fazer vestibular e ficar aqui nesta mesmice. É como se eu não tivesse crescido, como se ainda fosse um menininho protegido pela presença dos meus pais, e também como se ainda estivesse no colégio, aí pensei se não seria melhor eu escolher um curso que me levasse para outros lugares. Então andei pesquisando e estou pensando fortemente em Museologia, que só tem vestibular no sudeste e no nordeste do Brasil” (Cícero José, 16 anos, informação verbal).

Observa-se que, quando o adolescente busca escolher uma profissão, ele também está definindo quem vai ser, ou seja, está escolhendo um papel adulto e, para fazê-lo, deve se basear em quem é. Para Levenfus (1997, p. 163), escolher “implica deixar coisas para trás, implica ganhos e perdas e este é um dos motivos para se dizer que a escolha da profissão supõe conflitos, gera ansiedade e pressupõe a elaboração de lutos”.

Os lutos são compreendidos por Müller (1988) como dores evolutivas desencadeadas pelas perdas e mudanças que a pessoa padece e que, em orientação vocacional, podem ser

desencadeados pela etapa que termina, pelo que não é escolhido, pela onipotência impossível, entre outros fatores.

Bohoslavsky (1993) apresenta a questão da elaboração do luto pelas coisas deixadas para trás, sem a possibilidade de escolha. Em geral, aquilo que deixamos de escolher, provoca mais dor do que o fato de escolher algo ou alguma coisa. Muitas vezes, o problema maior reside neste fato, ou seja, em saber deixar, em saber perder, em saber aceitar as limitações de não poder ter tudo, ao mesmo tempo e com a mesma intensidade. Apesar de todos os determinantes das escolhas da pessoa, Soares (2002) acredita ser possível definir-se por uma situação ou por outra: aceitar, rejeitar ou tentar uma terceira alternativa criativa, de mudança.

Segundo Bohoslavsky (1993, p. 18), “[...] existem basicamente dois níveis de determinação na escolha do indivíduo: a estrutura do aparelho psíquico e a estrutura social, sobrepassando sobre elas a dialética dos desejos, as identificações e as demandas sociais”.

A estrutura do aparelho psíquico diz respeito às determinações inconscientes, isto é, experiências de vida gratificantes ou frustrantes, pelas quais todos passam. A maneira como são vivenciados os impulsos básicos também vai fazer parte de nossa bagagem psicológica. Deste modo, a história vivida na família e toda formação da identidade são marcantes e definem gostos e interesses. No que se refere à estrutura social, estão presentes desde a classe social na qual nascemos, seus valores, anseios, desejos, sua necessidade de ascensão social e seus aspectos culturais.

Soares (2002) afirma que muitos são os determinantes e questiona: como podemos saber quais estão presentes no momento da escolha? Como reconhecê-los? Como estabelecer uma ordem de prioridades? E, a partir desta tomada de consciência, como escolher?

Dentre os fatores que intervêm neste processo e que são determinantes na escolha de uma profissão, Nascimento (1995) cita a questão do *status* social que a profissão permite atingir; as características de personalidade daquele que escolhe; as identificações anteriores realizadas em seu meio social e afetivo; o seu ideal do ego; o seu superego; o próprio ego e suas defesas. Entretanto, quando alguém escolhe uma carreira, pode ter claro alguns dos aspectos que o mobilizam em determinado trajeto, porém, muitas vezes, ainda fica obscuro o processo que realizou para chegar à sua escolha. Isto se dá, porque neste processo também ocorrem fantasias inconscientes. Assim, a partir de um referencial psicanalítico, encontramos, na literatura, algumas explicações para a vocação através dos conceitos de sublimação ou reparação. Para o referido autor, a sublimação é um termo introduzido por Freud com o objetivo de explicar atividades artísticas e a investigação científica, especificamente, ou de um modo mais abrangente, os interesses intelectuais, a pulsão do saber e a atividade

profissional. Apesar deste processo não demonstrar relação aparente com a sexualidade, ela tem sua origem na pulsão sexual e é considerada um de seus destinos. Freud (1910, p. 1586) afirma que:

[...] a observação da vida cotidiana das pessoas nos mostra que em sua maioria consegue derivar para sua atividade profissional uma parte considerável das forças de suas pulsões sexuais. A pulsão sexual presta-se bem a isto por ser suscetível de sublimação [...]

Freud (1915, p. 2042) define a pulsão sexual como um dos “conceitos limite entre o psíquico e o somático”, ou seja, é o que impele a uma ação, podendo ser decomposta segundo Nascimento (1995, p. 110), em quatro elementos: a fonte, a que se “desenvolve em um órgão ou em uma parte do corpo e é representada na vida psíquica pela pulsão”; o objeto, que é “aquilo por meio do que a pulsão pode atingir a sua finalidade”; a finalidade, ou meta que é uma atividade cujo objetivo é a satisfação da pulsão; e a pressão, que representa o “fator motor”, ou seja, a quantidade de força que propicia a satisfação da pulsão.

De acordo com o autor acima citado, na sublimação há uma mudança de objeto, no que diz respeito à satisfação da pulsão, porém Laplanche; Pontalis (2001), dizem que o aspecto essencial é a mudança de meta. Através deste processo “a pulsão pode agir livremente a serviço do interesse intelectual” (FREUD, 1910, p. 1587). Segundo Laplanche; Pontalis (2001), isto é possível pela representação da pulsão no psiquismo, ou seja, ela já não é o que representa o corpo, mas o que é representado no psiquismo.

Nascimento (1995) afirma que, de acordo com a teoria freudiana, isto é possível se tomarmos como base o dualismo pulsional, no qual as pulsões de autoconservação servem de apoio às pulsões sexuais e têm como suporte energético o interesse, sendo o apoio um modo de funcionamento em que o sexual tem sua origem em um funcionamento não sexual. Este processo tem influências recíprocas. Para Freud (1905, p. 1215), em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”:

[...] as mesmas vias por onde as perturbações sexuais repercutem nas outras funções somáticas deveriam servir nos estados normais para outras funções importantes. Por estas vias é que deveria se realizar a atração das forças pulsionais sexuais para finalidades não sexuais, quer dizer, a sublimação da sexualidade.

Este processo mostra a origem do trabalho intelectual, da produção artística e de outras atividades de aceitação social. Freud (1910) se detém sobre este tema explorando as atividades científicas e artísticas de Leonardo da Vinci, baseando-se em uma recordação de sua infância, mostrando-nos assim a relação da profissão com aspectos profundos da personalidade.

Para Nascimento (1995), a reparação é um conceito que responde à vocação, pois ao definir vocação, Bohoslavsky (1993, p. 73), descarta o conceito de sublimação e considera que “as vocações expressam responsabilidades do ego diante de ‘chamados interiores’, chamados de objetos internos prejudicados, que pedem, reclamam, exigem, impõem, sugerem, etc, ser reparados pelo ego”.

A reparação é compreendida como um conceito-chave para a compreensão da vocação, uma vez que ela é uma manifestação da pulsão de vida e o mecanismo que, através de sua tendência para a reconstrução garante a vitalidade no psiquismo, evitando o perigo do objeto e do sujeito serem novamente destruídos e possibilita uma relação com o objeto total, levando à integridade e desenvolvimento do ego.

Desta forma, Nascimento (1995) afirma que não existem profissões que representam mais ou menos a capacidade de uma pessoa reparar. Esta capacidade pode ser encontrada na maneira com que um sujeito se vincula à sua atividade, visto que através da profissão o sujeito pode estar expressando de inúmeras maneiras a reparação. A atividade profissional pela qual vai se explicitar este processo depende de experiências objetivas de vida no seu meio afetivo, social e histórico, como também do processo de simbolização que ocorreu em cada pessoa. Deste modo, Nascimento (1995, p. 129) ressalta que “nem sempre é possível fazer uma escolha saudável, madura, ‘reparatória’ [...] e nem muito menos pensar na escolha sem ansiedade”. O que pode ser ilustrado pelo fragmento do caso de Renato Augusto, que chegou no processo de orientação vocacional relando-se angustiado e insatisfeito:

“Não sei o que fazer, pois sempre quis estudar medicina, pois é um curso que cura, que dá vida, mas nunca tive realmente coragem para fazer este curso. Também já fiz vestibular para fisioterapia, mas tranquei logo no início, pois não me sentia bem nas aulas de laboratório de anatomia, não gostava de ver o corpo humano em pedaços, chegava a suar frio. Já pensei em fazer outro curso da área de saúde, pois me identifico muito com essa área. Pensei em fonoaudiologia, mas também não me sinto seguro, pois sei que vou ter de passar por aquelas aulas sobre o corpo humano. Fico atormentado só de ver que meus amigos de infância já estão bem encaminhados fazendo uma universidade. Às vezes, me sinto muito incapaz e perdido.

Acho melhor escolher um curso mais simples como administração” (Renato Augusto, 18 anos, informação verbal).

Observa-se que neste caso, o adolescente demonstrava uma ansiedade paralisante, optando por um curso, que embora não satisfizesse seu desejo, possibilitava-o pensar acerca da escolha com menor grau de ansiedade. Verificamos a presença de uma tendência reparatória através da escolha da medicina, estando também representados neste caso os objetos fragmentados, destruídos por seu sadismo e que clamam por reparação. Notamos ainda, que não estava sendo possível a restauração destes objetos, apesar de seu desejo, sentindo-se o adolescente ameaçado por uma ansiedade persecutória. Esta ansiedade parecia estar mais intensa pelo fato do objeto da escolha não se encontrar suficientemente distanciado, através do processo de simbolização. Depois, o adolescente faz a opção pelo curso de administração, o qual não parecia que fosse trazer a gratificação desejada, pois não estava representado o objeto da ansiedade, e nem tampouco a tendência para a reparação. Neste caso, não podemos chamar a escolha feita de autônoma, pois este ego não possui a liberdade para ir ao encontro do objeto de seu desejo.

[...] quanto mais madura for a pessoa, quanto menos ameaçada ela for por seus objetos internos, quanto mais pudermos dizer que foi capaz de tolerar a ambivalência e a culpa e elabora o luto, tanto mais vamos encontrar escolhas profissionais saudáveis, maduras. São as pessoas que provavelmente terão uma adaptação mais tranqüila às atividades objetivas e que na sua relação com o trabalho estão mais livres para criar (NASCIMENTO, 1995, p. 126).

Ao escolher, o jovem está estabelecendo quem deixa de ser, ou seja, está escolhendo deixara de ser adolescente, deixar também de ser outro profissional, está optando por deixar objetos. O que pode ser compreendido pela seguinte citação:

Quem escolhe não está escolhendo somente uma carreira. Está escolhendo “com que” trabalhar, está definindo “para que” fazê-lo, está pensando num sentido para a sua vida, está escolhendo um “como”, delimitando um “quando” e “onde”, isto é, está escolhendo o inserir-se em uma área específica da realidade ocupacional (BOHOSLAVSKY, 1993, p. 79).

Deste modo, Levenfus (1997) traça um paralelo entre os lutos básicos da adolescência e os lutos que ela percebe emergir em face da escolha profissional, visto que muitas vezes o adolescente que busca a orientação vocacional nem sempre apresenta uma boa maneira de lidar com seus lutos, ou o esperado grau de elaboração destes, de modo que estes se

confundem, se superpõem e se potencializam. Destacando como principais lutos: o luto pela perda das escolhas profissionais fantasiadas; o luto pela perda dos pais da infância; o luto pelo corpo adolescente e o luto pelo papel e identidade adolescente. O primeiro luto destacado pela autora pode ser ilustrado pela seguinte escuta:

“Quando eu era menino sempre gostei de brincar de construir e montar casas, então dizia que quando eu crescesse queria ser Engenheiro Civil e assim foi passando minha vida, brincando eu sempre construía várias cidades e muitas casas de vários tamanhos. Agora comecei a perceber que fazer Engenharia envolve estudar matemática e muitas matérias com cálculos e conceitos relacionados com isto e isso é uma coisa que eu não gosto mesmo, acho um tédio, então me sinto triste e fracassado com tudo isso...” (Marcos Paulo, 16 anos, informação verbal).

Em nossa prática, escutamos muitos adolescentes e seus familiares afirmarem que, quando criança, ele queria ser veterinário, pois gostava muito de animais; ser uma médica, pois adorava brincar de dar remédio para suas bonecas; um professor, um jogador de futebol, um modelo, etc., tais escutas nos remetem à questão das identificações e do ideal de ego as quais tendem a evoluir e se transformar com o amadurecimento psíquico. Assim, a escolha profissional infantil seria um aspecto transitório, visto que de acordo com Levenfus (1997, p. 164) “essas escolhas serão naturalmente substituídas, porém o confronto com o mundo real evoca sentimentos de perdas relativos às facilidades com que, na fantasia, se tornava um profissional”. Este aspecto refere-se ao luto por que passa o adolescente quando percebe que para sustentar-se precisa ganhar dinheiro e que, para que isso ocorra, precisa escolher uma profissão e que isso não é tão fácil como imaginava, pois envolve também o conhecimento da realidade sócio-profissional e o conhecimento de suas potencialidades e limitações.

De acordo com Levenfus (1997, p. 164) “a elaboração deste luto propõe uma transformação na qual muito do prazer deve ser retido, porque agora a satisfação é buscada com maior respeito pelas exigências da realidade”, progresso este do princípio do prazer para o de realidade e que a capacidade de renúncia ao prazer é recompensada. Para ilustrar esta proposição podemos citar a seguinte escuta:

“Quando eu tinha cinco anos lembro que respondi para minha professora que, quando eu crescesse, queria ser lixeiro e ela muito assustada me perguntou porque eu queria ser lixeiro, então lhe respondi com muita alegria e sinceridade que eu queria ser lixeiro para andar balançando no carro vermelho do lixo que andava voando pelas ruas da cidade, brincando com aqueles enormes sacos. Hoje, acho que eu era doido quando eu era criança, pois ser lixeiro é morrer de fome, é ser visto pelas pessoas como alguém pobre, sujo e fracassado. Não

sei ainda o que quero fazer, mas sei que quero mesmo é me formar, ter um ótimo emprego, ganhar bem e ser respeitado pelas pessoas” (Lúcio Paulo, 15 anos, informação verbal).

Observa-se então que, no momento em que o adolescente busca uma definição profissional, é importante que a mesma esteja associada ao prazer, à possibilidade de satisfazer e encontrar realização, bem como associada às exigências da realidade.

Na elaboração do luto pela perda das escolhas profissionais fantasiadas, a autora inclui ainda, o luto pela onipotência perdida, característica esta referente à vida infantil. Segundo Bohoslavsky (1993, p. 85), quando a onipotência perdida é negada surge a fantasia de seguir mega carreiras, denominadas por ele de “carreiras monstro”, as quais supõem “a negação dos próprios limites e a incapacidade do adolescente em renunciar a antigos projetos, para adequar-se à realidade”. O que pode ser ilustrado pela escuta de José Silvino:

“Quero ser um mega psicólogo de empresas, um profissional bem completo, o melhor, por isso vou fazer também administração, para saber cuidar do planejamento e das necessidades empresariais; direito, para entender das leis trabalhistas; economia, para saber da parte financeira, cuidar das finanças e publicidade para ter conhecimento das estratégias de divulgação, acho que está bem completo!” (José Silvino, 17 anos, informação verbal).

Verifica-se que a escolha do adolescente, conforme afirmam Levenfus (1997) e Bohoslavsky (1993), se realiza na fantasia e que, de forma onipotente, supõe a negação dos seus próprios limites de modo mais amplo possível, quer seja como ser humano, financeira, pelo fator tempo, dentre outros, demonstrando sua própria incapacidade de renunciar a antigos projetos, adequando-se então à realidade pessoal e sócio-profissional.

No que se refere ao luto pela perda dos pais da infância, Levisky (1998), assinala que a perda dos modelos identificatórios infantis é necessária para a evolução do processo de identificação na busca de individuação e autonomia, porém esta perda gera um estado de conflito e insegurança, mesmo que ela ocorra de forma progressiva e relativa, posto que o ego, fragilizado por este processo, perde alguns pontos de referência. Durante o ciclo da infância, os pais são investidos de poder e segurança, idealizados e onipotentes. Já no ciclo da adolescência essa idealização passa a desfazer-se à medida que o jovem percebe limites, falhas e erros nos pais. Observa-se que em muitas ocasiões, durante este ciclo, os adolescentes criticam e brigam frente a desidealização, questionando os familiares e pondo em dúvida sua infalibilidade.

No que concerne à questão profissional, Levenfus (1997, p. 165) destaca que os adolescentes “decepcionam-se e enlutam com a constatação de contradições que percebem na realidade”. Tal aspecto pode ser observado na escuta do caso de Sandro Jorge:

“Meu pai se diz bem realizado e sucedido na profissão dele, apontando muitas vantagens por ser um administrador, mas na verdade tenho percebido que ele não é tão bem sucedido e realizado com ele me afirma ser” (Sandro Jorge, 18 anos, informação verbal).

Levisky (1998), ressalta que os ideais de ego infantil vão sendo substituídos por novos ideais que se organizam originados de idealizações e do resultado da experiência de vida. Essas experiências vão se construindo a partir das novas descobertas, sucessos e fracassos na vida real e mental, promovendo reelaborações internas na relação com as figuras parentais. Segundo Levenfus (1997, p. 165) “nessa reorganização dos ideais de ego, o adolescente busca novos modelos que serão investidos e introjetados, estabelecendo novo nível de conflito em relação às descobertas de suas capacidades”.

Quanto à escolha profissional, os adolescentes podem se identificar com outros adultos a quem consideram positivamente, sendo comum quando o jovem tiver dificuldade para elaborar o luto pelos pais da infância, que ele busque se identificar com aspectos parciais idealizados de profissionais endeusados. O que pode ser ilustrado pelo relato da seguinte escuta:

“Eu ainda não tinha a menor idéia do queria ser, mas aí estive doente e fui lá na emergência de um hospital, que mais parecia um hotel, cheio de plantas, bem colorido, então fiquei só observando a médica que me atendeu, ela era bonita e elegante, todos ficavam chamando por ela para resolver seus problemas de saúde, para acabar com suas dores. As enfermeiras obedeciam as ordens dela e ela parecia ter todo um super domínio da situação, nem se descabelava não, só ia passando de um lado para o outro e resolvendo tudo, até com um sorriso de satisfação, nem parecia cansada, ela ia melhorando as dores dos pacientes, que sorriam para ela muito agradecidos. Fiquei pensando o quanto deve ser legal trabalhar num hospital, assim toda vestida de roupa branca, ficar dando ordens para os outros e salvando pessoas, e até poder ouvir seu nome sendo chamado no sistema de som do hospital, achei muito lindo mesmo, até emocionante, parecia um filme de televisão! Agora tô super pensando em escolher Medicina” (Andréia Patrícia, 16 anos, informação verbal).

Neste caso, podemos perceber que o relato de Andréia Patrícia revela não uma escolha pela Medicina, mas o desejo de poder, de ser reconhecida, admirada e até mesmo endeusada pelas pessoas, com similaridade a forma como os adolescentes percebem seus ídolos, os idolatrando.

Segundo Levenfus (1997), após a elaboração do luto pelo corpo infantil que o adolescente perdeu e à adaptação ao novo corpo adquirido, o jovem depara-se ainda com o próprio corpo que se perde, verificando-se então a emergência do luto pelo corpo adolescente.

Tal fato, segundo Bohoslavsky (1993), possibilita fantasias de eterna juventude, as quais podem estar relacionadas à escolha de certas carreiras, tais como: medicina, com a fantasia de corrigir e curar, o próprio corpo, trabalhando sobre o corpo dos outros, ou nutrição, com a fantasia de nutrir e melhorar o funcionamento. Este aspecto também pode ser constatado em minha prática, na seguinte escuta:

“Escolhi Educação Física porque vai me possibilitar estar sempre muito ativa, não me deixando então ficar parada e perder meu corpo jovem e bonito, pois me causa grande pavor pensar que se eu escolhesse ser arquiteta, que era com o que eu também simpatizava bastante, me sentia atraída por esta profissão, pois sempre gostei de fazer desenhos, mas percebi que desenhar sentada é um trabalho parágrafo, já pensou ficar horas e horas sentada atrás de uma enorme prancheta desenhando projetos para atender os gostos dos clientes, acho um trabalho perigoso, pois eu poderia ficar imensa de gorda de tanto ficar só sentada trabalhando, acho que me tornaria uma mulher gorda, feia e velha. Já posso até te dizer muitas vantagens de fazer educação física, a primeira delas é ficar sempre me exercitando e manter meu corpo jovem e saudável” (Sheila Silene, 17 anos, informação verbal).

Podemos destacar ainda outra questão referente ao luto pelo corpo, a qual está relacionada à percepção de que o jovem não possui o corpo tal qual se exige para o exercício de determinada profissão. Aspecto este ilustrado pela escuta do caso: “Se eu fosse mais alto e encorpado poderia exercer a carreira de bombeiro” (Luiz Cláudio, 15 anos, informação verbal).

Verifica-se então, segundo Aberastury (1992), Knobel (1997), Levenfus (1997) e Levisky (1998), que as transformações físicas que acompanham a puberdade, são sentidas como incontroláveis. Quando o adolescente percebe que perdeu o corpo infantil e, ao ver-se constituído, muitas vezes queixa-se por não ter se transformado no corpo idealizado desde a infância por meio das identificações e fantasias, sendo então necessário que o jovem suporte feridas narcisistas.

Outra perda relativa ao corpo infantil refere-se à perda da onipotência da bissexualidade, pois conforme Levenfus (1997, p. 167) “Nesta, a menina deverá abdicar da onipotência maternal e aceitar a necessidade do par heterossexual para a consecução da gravidez e o menino deverá aceitar a impossibilidade de gerar filhos em seu interior e amamentá-los”.

Observamos que esta perda muitas vezes aparece deslocada para a escolha profissional através do desejo contundente de ser um profissional autônomo, mesmo que o adolescente ainda não tenha definido o que quer ser em termos de uma profissão eleita. Podemos analisar

esta fala do jovem como reveladora do desejo de produzir algo sem precisar depender de alguém. Também, verifica-se que outros adolescentes negam perceber que determinadas carreiras são escolhidas tradicionalmente por este ou aquele sexo, o que Soares (2002), denomina de sexismo das profissões, ou, ainda, que pretendem escolher uma profissão que é preferida pelo sexo oposto com o objetivo de levar consigo a parte que reluta em deixar. Neste caso Levenfus (1997) se refere ao estudo de Lassance (1987), que demonstrou existir clara preferência por profissões, de forma estratificada, quanto ao sexo.

Segundo Aberastury; Knobel (1992), o luto pela perda da identidade infantil seria um dos mais marcantes no momento da escolha de uma profissão, evoluindo, nesta fase, para a perda do papel e identidade adolescente, porém ainda com os remanescentes infantis. No início do ciclo de desenvolvimento da adolescência, o luto pela perda da identidade infantil refere-se à perda da condição infantil de relativa dependência e submissão aos desejos dos pais. Neste período, segundo Levisky (1998), a estabilidade egóica da latência é substituída em decorrência das transformações por que passa. Por outro lado, no final da adolescência, o jovem defronta-se com expectativas sociais de mostrar-se adulto, assumindo um nível mais elevado de responsabilidade e de compromissos.

Além da pressão exercida pela sociedade, o adolescente também vivencia a pressão interna do desejo de desempenhar-se bem e se depara com pensamentos e ações discrepantes entre aquilo que idealiza de si, através de racionalizações, e o resultado final destas ações. Deste modo, Müller (1988) considera que o adolescente final enfrenta novas situações que o fazem pensar a própria realidade e quando ele se defronta com a escolha de uma profissão, vê-se obrigado a definir-se por si próprio, o que se torna conflituoso, pois muitas vezes, até então o adolescente não exercitara com frequência e seriedade a capacidade de decisão, passando então, a se angustiar mediante a necessidade de escolha e com a possibilidade de enganar-se por uma escolha que deverá ser feita por ele. O que pode ser ilustrado através da escuta de Vilma Suely:

“Sou filha única e os meus pais sempre decidiram tudo por mim e nunca fui estimulada a pensar por mim mesma. Era mais fácil, pois tudo era resolvido por eles, desde as coisas mais simples como escolher uma roupa, comprar um presente para um amigo, escolher um tipo de comida ou que tipo de passeio fazer. Sempre tinha alguém decidindo por mim, eu até gostava muito disso e nem me importava, era tudo muito cômodo para mim, mas hoje eles dizem que devo escolher por mim mesma a minha profissão, pois agora já sou quase adulta e a minha profissão será meu futuro de vida. Aí me pergunto como posso escolher sozinha algo tão importante para a minha vida? Então estou me sentindo muito insegura, com muito medo

mesmo, pois vai que aí eu escolho algo e depois vou me arrepender para o resto da vida? Acho que sou indecisa e medrosa mesmo” (Vilma Suely, 16 anos, informação verbal).

Esta adolescente nos procurou para a orientação vocacional, revelando a certeza de que iríamos fazer a escolha da profissão para ela e durante o estabelecimento do enquadre, quando lhe explicamos qual seria o nosso papel no processo de orientação vocacional, percebemos o quanto decepcionada a jovem se revelou ao dizer que: “Agora me sinto mais abandonada ainda, pois pensei que o psicólogo poderia resolver meu conflito de ter que escolher uma profissão eu mesma, bastava ele aplicar testes vocacionais e me dizer o que eu deveria fazer, pensei que fosse mais simples”.

Verificamos, neste caso, que existem adolescentes que se ressentem com a necessidade de ter que fazer uma escolha profissional individualmente, podendo então transferir ao psicólogo a expectativa infantil de ver seus conflitos, ou seja, a problemática da escolha profissional, solucionada pelos pais ou por outra pessoa. Observamos ainda a idealização do papel do psicólogo e de seus instrumentos técnicos, como os testes psicológicos, com a expectativa de que a resposta à questão da escolha profissional seja atendida pelo outro, ou seja, que esta resposta venha de fora:

Quem lida com adolescentes não tardará em descobrir que, neste caso, o teste é um instrumento dotado de poderes mágicos, capaz de resolver o problema da escolha do próprio futuro. O depositário maciço das próprias fantasias onipotentes, o teste, não é um processo que afeta só ao adolescente, mas a muitos psicólogos, os quais transferem a esse instrumento a tarefa assistencial, para a qual seus serviços são requeridos (BOHOSLAVSKY, 1993, p. 93).

Constatamos a necessidade do adolescente de postergar sua saída da adolescência, adiando a necessidade da escolha profissional, permanecendo ainda como criança, oscilando entre avanços e retrocessos o que é corroborado por Bohoslavsky (1993, p. 86) o qual afirma que, quando um adolescente relata não fazer nada, e assim o tempo não passar e não perder a sua adolescência, está querendo demonstrar que também não terá que ingressar em uma universidade, ou ter que escolher um trabalho, que expressa uma forma de controle do tempo. O autor considera que o processo de luto também se expressa no manejo do tempo ao contrário, em que “a urgência, ligada ao medo de perder tempo, revela o medo de perder aquilo que com o correr do tempo, perde de si mesmo”.

Segundo Müller (1988), em algumas ocasiões, as condutas dos adolescentes diante da escolha de uma profissão assumem traços maníacos, tais como: negar o crescimento ou

acelerá-lo de forma onipotente, negando a dor do passado perdido, sendo também comum que alguns adolescentes busquem encontrar profissões com representações infantis com o intuito de amenizar a sensação de perda. Este aspecto pode ser percebido na escuta de Kaio Moysés:

“Muitos dos meus amigos e familiares ficam me falando que eu tenho tudo para me dar bem com tarefas que estão relacionadas com números e com a necessidade de operar com ferramentas e máquinas, pois tenho muita habilidade para consertar objetos eletrônicos e elétricos, tipo televisão, rádio, etc., até percebo que sou safo nessas coisas e que gosto mesmo de mexer com isso, mas nem penso nisso como uma profissão, pois acho que tenho mesmo é aptidão para a carreira de fisioterapia. Pois acho essa profissão muito ‘manera’ por tratar de pessoas, curando-as, trabalhando na reabilitação delas em casos de acidentes, quedas ou de outras doenças. É, eu quero mesmo trabalhar com isso, pois me recordo quando eu era criança e gostava muito de brincar consertando as pernas e braços dos meus bonecos para que eles pudessem se mexer novamente. Ah! Essa era uma época bem legal em que não tinha essa chatice de ter de escolher uma profissão, né!” (Kaio Moysés, 18 anos, informação verbal).

Observa-se, no relato acima, que apesar de demonstrar aptidões e interesse para cursos da área de exatas e tecnológicas, o adolescente insistia no desejo de cursar fisioterapia revelando assim a associação que fazia entre esta profissão e seu gosto por cuidar de pessoas, como se fossem seus próprios bonecos.

Torres (2001) ressalta que não é qualquer objeto que serve para satisfazer a pulsão. Na verdade, o objeto desejado é aquele marcado, caracterizado por particularidades que são determinadas pela história de vida de cada sujeito, fazendo-o singular. Nesse trajeto histórico, entram em cena também os aprendizados que a criança vai adquirindo na relação com o mundo que a cerca.

Na adolescência, o jovem precisa buscar novos investimentos, para novos objetos que apresentar-se-ão. Entretanto, é importante destacar, que na adolescência já existe uma estrutura psíquica organizada, pois os primeiros anos de vida deixaram marcas significativas que acabam exercendo uma influência na escolha objetal posterior.

Em “Três ensaios sobre a sexualidade” Freud (1905, p. 215), afirma que “[...] a afeição infantil pelos pais é, sem dúvida, o mais importante, embora não o único, dos vestígios que, reavivados na puberdade, apontam o caminho para a escolha do objeto”.

Deste modo, considera-se que é a partir, principalmente, das relações estabelecidas com os primeiros objetos amorosos, que o sujeito aprende a relacionar-se com os demais, sendo essa experiência infantil considerada básica por ser a relação inaugural da criança com

outro ser humano e, por isso, é a responsável, em grande parte pelos aspectos afetivos e sensuais dos objetos que receberão investimentos na idade adulta (TORRES, 2001).

Diante do exposto, verifica-se que o conceito de objeto pode ser associado ao processo de escolha de uma profissão, a partir do momento em que se concebe uma profissão como um objeto, tendo esta caráter de objeto porque seu desempenho exige um trabalho de natureza psíquica, integrando investimentos de ordem energética, pulsional, intelectual, afetiva, etc; tem sempre um propósito para ser alcançado, seja consciente ou inconscientemente; e expressa-se através de representações psíquicas feitas anteriormente pelo sujeito. Também funciona como um canal em que podem ser veiculados os investimentos criativos e produtivos, necessários à obtenção de satisfações por parte de quem a pratica:

Uma profissão eleita será a resultante da confluência de investimentos pulsionais, cognitivos e amorosos e deverá ser enfrentada e exercida pelo orientado junto com outros traços do modelo de organização e funcionamento que aprendeu a desenvolver, no período de sua formação como sujeito humano (TORRES, 2001, p. 110).

Destaca-se ainda a sobredeterminação como mais um dos conceitos psicanalíticos importantes para a compreensão da escolha profissional, visto que na atualidade temos observado muitos debates sobre os tipos de influências pelas quais passa o homem moderno, indagando-se até que ponto tais influências determinam intimamente a maneira de ser e de agir de um sujeito. Evidencia-se que estamos diante de um complexo fenômeno dito humano que, simultaneamente, é determinado e determinante no seu processo vital e que tais questionamentos também se encontram presentes no campo da orientação vocacional (TORRES, 2001).

A referida autora faz uso do termo sobredeterminação por acreditar que a palavra determinação sugere uma linearidade, falando de uma influência que tem relação direta entre a causa e o efeito, porém não podemos conceber a escolha profissional somente dentro de um esquema de causalidade simples. Assim, ao optar por sobredeterminação, referenda-se a idéia de quanto um processo de escolha profissional é complexo e envolve muitas facetas, e que nessa articulação entre as várias instâncias devemos apontar uma nova possibilidade de compreender o que acontece durante um processo de escolha profissional, optando pelo uso da orientação vocacional clínica, buscando na psicanálise, recursos teóricos que possam subsidiar o emprego do conceito de “sobredeterminação”. O aparecimento desse termo na psicanálise deve-se a Freud (1893-1895), em “Estudos sobre a histeria”, que começou a

empregá-lo para explicitar que a causa traumática da neurose não se devia apenas a um fator desencadeante, mas que a enfermidade estava sujeita a várias delas.

Partindo-se do pressuposto de que uma escolha é sempre multideterminada, faz-se então referência a aplicabilidade do conceito de sobredeterminação na escolha de uma profissão, visto que tal conceito é responsável pela amplitude dos elementos que estão presentes na tomada de decisão. Esses elementos são de diversas naturezas, visto que são próprios ou relativos ao indivíduo; e, como tal, vêm de várias procedências, tais como: das construções psíquicas conscientes e inconscientes; das interferências dos modelos de adultos (familiares ou outros), através dos processos identificatórios; das aprendizagens alcançadas durante a vida cultural; das experiências interpessoais e intrapessoais, vivenciadas e acumuladas; da maneira como o orientado aprendeu a fazer seus investimentos objetivos ao longo de sua existência; da situação profissional e mercadológica vigente; da realidade social em geral, que funciona como uma referência que marca; e de tantos outros aspectos que estão diretamente relacionados com o orientado (TORRES, 2001).

No decorrer do processo de orientação vocacional, observa-se que o adolescente traz consigo várias interferências que acabam por dificultá-lo ou impedi-lo, muitas vezes, de ver realmente o que ele quer fazer profissionalmente. Existem construções idealizadas ou fantasiadas pelo orientado que revelam a expressão do conjunto de vínculos e relações objetivos reunidas pela pessoa, ao longo de sua vida e que estão diretamente relacionadas às formações inconscientes, que acabam funcionando como alicerce para algumas das motivações e dos interesses expressados pelos adolescentes durante o processo de orientação:

O caráter sobredeterminado da escolha nos assinala para a complexidade da decisão profissional, na medida em que está baseada num conjunto de determinantes de diversas naturezas e especificidades. Faz-se necessário, então, criar a oportunidade para o orientado ter mais consciência de que sua escolha não está determinada exclusivamente por um ou outro aspecto, mas é fundamental que tenha a dimensão de seu querer e das forças que convergem para afirmá-lo ou desviá-lo de suas reais intenções (TORRES, 2001, p.125).

Com base no exposto, aponta-se a aplicabilidade do conceito de escolha no processo de orientação vocacional, em virtude de considerar-se a profissão como um objeto investido de energias pelo orientado, relacionando o processo de escolha ao modo como o sujeito decide investir em uma profissão, tendo esse modo estreita vinculação com a maneira que o sujeito aprendeu a fazer suas diversas escolhas, ao longo de sua existência. Porém, é

importante destacarmos que, numa orientação, o psicólogo orientador deve levar sempre em consideração as diferenças situacionais e motivacionais, apesar da persistência do modelo de funcionamento e das características estruturais do sujeito.

Ao longo de nosso trabalho de orientação vocacional com adolescentes, observa-se que eles atuaram de maneira similar em momentos que tiveram de fazer escolhas em sua vida, ficando evidente que utilizam recursos semelhantes, tais como: mecanismos de defesa, compensatórios, ponderações, valores éticos, entre outros, para atingir suas metas. Assim, se o sujeito desenvolveu em sua vida um quadro desajustado, com núcleos neuróticos que o impedem de exercer sua autonomia de uma forma menos conflitiva, isso também se evidencia no processo de orientação vocacional, sendo sua problemática atualizada no momento da escolha, quando entram em cena seus antigos e atuais conflitos, impossibilitando uma avaliação mais adequada da realidade pessoal e social, as quais são fundamentais nesse momento de escolha. Observa-se que o sujeito, durante o trabalho de orientação, manifesta seus mecanismos defensivos, ansiosos, persecutórios, fantasiosos, depressivos, maníacos ou quaisquer outros que faça uso, na medida em que eles mesclam-se com as futuras opções de trabalho, dificultando a realização de uma escolha genuína e estável.

6. UMA PROPOSTA POR UM FAZER FACILITADOR EM ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

[...] Ai dos que não trabalham na sua própria arte
No ofício que são hábeis
Na função que lhes dá prazer
E se entregam sem necessidade a outras profissões
Estranhas às suas mãos e à sua mente [...]
(APA E THOR, 1986 – SERMÃO DAS VÍTIMAS)

Existem inúmeras teorias diferentes que buscam estudar o desenvolvimento vocacional. Tal fato pode ser detectado desde a época de Platão, quando a preocupação com a escolha profissional já aparece voltada para o preenchimento dos empregos mais importantes por pessoas aptas para eles (LEVENFUS, 1997).

Historicamente, a orientação vocacional é entendida como uma prática cujo objetivo seria prestar ajuda a alguém que fosse escolher uma ocupação. Aparece documentada, pela primeira vez, em 1575, por Huarte em sua obra *Examen de Ingenios para las Ciencias*, o qual se preocupava tanto com o lado do sujeito quanto com o da profissão (PIMENTA, 1981).

Para Levenfus (1997, p. 31), foi a partir de Parsons, em 1909, que “os esforços dos psicólogos do mundo todo se solidificaram ao redor da tarefa de conhecer o indivíduo e as exigências que as profissões apresentavam ao homem”. E, a partir da proposição de Parsons, também com o advento da revolução industrial, associada às mudanças sociais e à abertura de um novo mercado de trabalho composto de diversas oportunidades profissionais, as práticas de orientação vocacional proliferaram-se pelo mundo, iniciando-se pela Europa.

A partir da II Guerra Mundial, momento em que os Estados Unidos passam a selecionar e classificar homens para as forças armadas, priorizando o uso de testes psicométricos, os quais pudessem ser usados coletivamente e que quantificassem as aptidões dos indivíduos, medindo se eles estavam aptos ou não a trabalhar na guerra, a Psicologia vocacional teve seu segundo grande momento de evolução, dirigindo seus interesses para as características individuais, apesar de que a preocupação maior destinava-se à seleção do indivíduo para o lugar no qual este seria mais produtivo, e não como uma ciência realmente voltada ao interesse do sujeito, valorizando sua singularidade.

Com o fim da II Guerra, no início da década de cinquenta, a Psicologia releva a psicometria, ou seja o uso de testes psicométricos que visam mensurar, metrificar o indivíduo

como mero objeto quantificável, e focaliza sua atenção para a Teoria Desenvolvimentista da Escolha Vocacional, iniciada por Ginzberg, um economista de tendências freudianas, cuja proposição era de que a escolha vocacional era definida como um processo de desenvolvimento que se iniciava ao final da infância e terminava no início da idade adulta. Este estudioso referia-se à escolha profissional como um processo marcado por períodos e estádios, nos quais o indivíduo deveria fazer compromissos entre seus desejos e suas possibilidades. Durante a infância, a criança fazia escolhas fantasistas que não levavam em consideração suas potencialidades e o fator tempo, porém na adolescência, o indivíduo passaria a considerar a futura escolha profissional a partir de seus interesses e de suas capacidades, considerando cada vez mais os fatores de realidade capazes de facilitar ou de obstaculizar a realização de seus desejos, começando então a explorar as possibilidades ocupacionais e a discriminar suas preferências, compreendendo melhor o setor de atividade no qual poderia se realizar (LEVENFUS, 1997).

Apesar desta teoria estar centrada nos períodos, estágios e compromissos que marcam o desenvolvimento, Levenfus (1997) refere grande importância à sua conceituação de escolha profissional em relação à adolescência, conceituando a escolha vocacional em termos de uma tarefa que se deve cumprir, de funções do ego que entram em jogo na realização dessas tarefas, em termos de rede de pressões e de apoios do contexto no qual está inserido o adolescente que escolhe.

Torres (2001), destaca que Parsons (1909) criou os primeiros serviços de orientação, com a preocupação de analisar as profissões e diagnosticar os indivíduos, buscando suas reais aptidões e interesses. Sua idéia nasce para dar uma nova expressão aos jovens, tão presos ao formalismo e ao rigor escolar da época. Seu trabalho teve grande repercussão e influenciou todos os tipos de orientação que se seguiram depois.

O advento da Primeira Grande Guerra, da crise econômica de 1930, do rápido desenvolvimento dos testes psicológicos e da grande ampliação das oportunidades no mercado de trabalho, como fruto da crescente industrialização e especialização, contribuíram, sensivelmente, para uma ampla difusão dos processos de orientação profissional e vocacional em centros, serviços ou escolas.

A necessidade de estudos, na área da orientação, fomentou a pesquisa e a produção de vários cursos e de obras sobre o assunto, culminando na inclusão de disciplinas específicas nas universidades. Desse avanço, nasceram dois grandes grupos de teorias que vêm subsidiando a prática da orientação, que são: as de referência não psicológica e as de enfoque psicológico.

De acordo com Pimenta (1981), as Teorias não Psicológicas são aquelas que dão relevância aos fatores externos ao indivíduo, como decisivos para a escolha profissional. Nesse enfoque, enquadram-se a Teoria Sócio-Econômica, a Cultural e Sociológica e a Teoria do Acidente. Na Teoria Sócio-econômica, o objetivo central é a escolha e a seleção ocupacional, sustentando que a escolha é influenciada pela estrutura social e econômica do meio onde está inserido o indivíduo. O trabalhador opta pela atividade que lhe trará maior segurança e benefícios, inclusive financeiros. Enquanto a Teoria Cultural e Sociológica defende que a escolha é determinada pela influência direta da cultura e da sociedade a qual se pertence. Esta teoria leva em consideração as regiões geográficas, a estratificação social, os antecedentes raciais e todos os aspectos que possam mostrar-se relevantes para a determinação do sujeito social. Já a Teoria do Acidente atribui aos fenômenos da escolha fatores externos ao indivíduo. O indivíduo está sujeito a diversos fatores que são circunstanciais e imprevisíveis. Escolher uma profissão está relacionado ao acaso, aos hábitos construídos por quem faz a escolha, aos costumes que tem as influências que possa sofrer do meio em que vive. Também, aqui, não são delineados os papéis do profissional orientador e nem do orientando.

De acordo com Torres (2001, p. 59), as Teorias Psicológicas: “têm como aspecto central a ênfase na individualidade e no processo dinâmico a que está sujeita; sofrendo indiretamente influências do meio ambiente”. Essas teorias são classificadas em: Teoria Decisiva, Teoria de Traços e Fatores, Teoria Desenvolvimentista e Teoria Psicodinâmica.

A Teoria Decisiva ou da Decisão resulta de orientações psicológicas modernas, tendo como finalidade a resolução da problemática vocacional específica, que cada indivíduo percebe e aceita como problema quando solicita ajuda. Nesta teoria, o indivíduo é determinado, ou seja, ele não interfere nos determinismos a que está sujeito. Numa orientação vocacional direcionada por esse pensamento, o psicólogo faz sugestões de procedimentos a serem seguidos pelo orientando. Para o psicólogo-orientador, o orientando deve optar frente às alternativas que estão presentes, utilizando-se de seu grau de conhecimento e das decisões feitas, anteriormente.

A Teoria de Traços e Fatores tem como objetivo fazer com que o processo de escolha profissional seja um processo racional de aconselhamento profissional. Aponta como conceitos básicos o fato das aptidões serem inatas; dos indivíduos serem diferentes entre si quanto às habilidades, aptidões e interesses; e de que cada ocupação é diferente da outra e também exige um perfil distinto para quem vai desempenhá-la, sendo possível adaptar uma pessoa numa determinada profissão para que se sinta o mais confortável e realizada possível,

através de um processo racional de escolha (determinismo vocacional), sendo o modelo de trabalho mais utilizado dentro desse enfoque o psicométrico, no qual o psicólogo desempenha papel profissional ativo e diretivo, pois dentro desse enfoque, orientar significa guiar ou dar uma direção.

A Teoria Desenvolvimentista ou Evolutiva, parte do princípio de que a escolha profissional é fruto de um processo contínuo que percorre toda a vida do sujeito, ou seja, ela é resultante de um desenvolvimento que tem início na fase final da infância e vai até a idade adulta. Esta teoria defende que o papel de quem escolhe é optar entre as alternativas viáveis, baseando-se em escolhas anteriores, visto que cada decisão envolve o somatório de outras decisões feitas anteriormente e balizadas pelo autoconceito. Já ao psicólogo orientador, cabe guiar o desenvolvimento vocacional, para facilitar ao adolescente o amadurecimento das suas habilidades. Os pressupostos desenvolvidos por Super (1975) ocupam um lugar de destaque dentro desta teoria e podem ser resumidos em: a) a escolha profissional não ocorre num dado momento, mas ao longo de um período; b) as pessoas são multipotenciais e, em virtude disso, qualificam-se para algumas profissões; c) a escolha profissional é prognosticável, na medida em que o padrão de carreira é determinado pelo nível sócio-econômico da família, potencial intelectual, personalidade e oportunidades que o meio oferece; d) o processo de desenvolvimento vocacional consiste, principalmente, no desenvolvimento do autoconceito que começa antes da adolescência e nela se expressa; e) é possível compatibilizar, através dos papéis sociais, indivíduo e sociedade; f) a pessoa passa por estágios de crescimento, exploração, estabelecimento, manutenção e declínio; g) as satisfações encontradas na vida e no trabalho vão depender de como a pessoa integra seu potencial, seus interesses, valores, papéis sociais e sua personalidade; h) os fatores externos vão tornando-se mais decisivos na hora da escolha, à medida que o sujeito torna-se adulto.

Nas teorias Psicodinâmicas, segundo a classificação de Ferreti (1992), encontramos duas vertentes:

a) as teorias apoiadas na Psicanálise, que enfatizam a importância da estruturação do sujeito, o modo como ele aprende a conviver e a canalizar seus investimentos pulsionais, assim como sua maneira de organizar-se para buscar as satisfações de suas necessidades, acreditando que a escolha ocupacional está ancorada no desenvolvimento psicosssexual do sujeito, e alicerçada na dinâmica por ele construída e pelos conflitos de natureza inconsciente desencadeados durante a primeira infância, sendo o trabalho concebido como uma atividade capaz de fazer com que o sujeito humano sublima suas pulsões, uma vez que as satisfações buscadas na vida adulta têm suas raízes nos desejos infantis inconscientes. A capacidade que

o sujeito tem de favorecer a expressão de seus desejos, somados com a capacidade de poder controlá-los quando necessário, dá a ele condições de realizar uma escolha amadurecida e que seja mais aproximada de seus reais interesses. De acordo com esse enfoque, o indivíduo vai escolher as atividades profissionais que possam condizer com seus desejos mais profundos, construídos por ocasião da estruturação da personalidade;

b) as teorias que se apóiam nas características da personalidade para explicar o processo de escolha profissional, em função da satisfação das necessidades básicas, privilegiando as características personológicas. Essas teorias esperam que, ao final do processo de orientação, o sujeito tenha condições de escolher uma profissão que seja compatível com suas aptidões, interesses e com sua orientação básica para pessoas e para objetos e coisas, não explicando, porém, como deve proceder o profissional nessa abordagem, entretanto o papel do psicólogo orientador bem definido, pois ele deve, em seu trabalho, colher dados sobre os interesses do sujeito, através de inventário específico, promovendo um confronto desse sujeito com uma classificação profissional determinada e, além disso, orientá-lo para que possa buscar outras informações complementares sobre seus reais interesses ocupacionais.

Torres (2001), ressalta que, dentro do enfoque psicodinâmico, são realizados trabalhos tanto de forma individual como grupal, e que no Brasil, destacam-se os estudos de Soares (1987), Lucchiari (1997) e Levenfus (1997), entre outros. Acrescentam-se, ainda, os trabalhos desenvolvidos por Bohoslavsky (1993), radicado no Brasil desde 1976, na direção da conquista de um processo de orientação vocacional clínica, em que o próprio orientando deveria construir a direção do seu caminho e de sua escolha profissional.

Com base nessa breve revisão crítica acerca das Teorias Psicológicas da Orientação Vocacional, verifica-se que as produções científicas nessa área ainda estão em expansão, ampliando o campo de estudo à medida que outros autores vão se interessando pelas questões profissionais e possibilitando novas formas de pensar sobre essa prática. Com o advento da orientação vocacional clínica, verifica-se uma maior tentativa de compreensão do momento da decisão, utilizando o método clínico, distanciando-se da visão fragmentada do sujeito que escolhe e aproximando-se da relação sujeito e objeto no processo decisional.

O trabalho tem sido considerado, ao longo dos tempos, como uma das atividades através das quais o ser humano produz o que lhe é necessário para a sua sobrevivência, estando o modo de produção humana determinado histórica e socialmente através do percurso que o homem vem fazendo através do tempo. Está relacionado com o próprio modo de viver, modo de pensar, agir, sentir, etc, de uma determinada população, em uma época específica.

Segundo Torres (2001), podemos constatar que, ao longo da história, o indivíduo planifica e executa sonhos através do trabalho, convertendo-os em realidade para si mesmo e para seus contemporâneos. É deste modo então, que este ser desprovido de plenitude e de onipotência tenta conviver com seus limites e fazer-se provedor de si e dos seus.

No que concerne ao trabalho, Freud (1930 [1929], p. 99), em sua obra “O mal-estar na civilização”, aponta que: “[...] nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto à ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana”. Por esse motivo, a escolha de uma profissão tende a ser, quase sempre, uma situação que exige e que demanda muitas considerações, visto que em épocas anteriores ao momento pós-modernidade, a escolha era determinada a priori pelas circunstâncias ou necessidades vividas pela família, porém na atualidade esta tem sido um momento permeado por conflitos e por ansiedades, não somente para aquele que faz a escolha, mas também para seus familiares. Se em épocas anteriores, a profissão era um caminho a ser trilhado dentro de algumas opções que a família geralmente sugeria, hoje o leque de possibilidades é bem mais vasto, o que tende a confundir a quem o leva em consideração (TORRES, 2001).

Apesar de observamos que cada adolescente busca conviver e resolver suas questões de um modo singular à sua maneira, tentando fazer suas escolhas de acordo com o que acredita ser seus interesses, ele também está sujeito a influências externas, referentes ao contexto familiar, social e mercadológico. Deste modo, Torres (2001) ressalta que as escolhas profissionais podem estar permeadas por diversas fantasias e imaginações provenientes da infância. Alguns adolescentes trazem consigo o sonho de ser igual ao seu ídolo, a um parente admirado ou a qualquer outra pessoa que considere ser bem sucedida na vida. Demonstrando então que nesses casos, comumente, a decisão por determinada profissão não é tão genuína, visto que as influências estão referenciadas pelas experiências da infância, freqüentemente não se levando em consideração o momento atual no qual o adolescente se encontra.

Quando se fala em orientação vocacional, logo imaginamos como ela é representada pelas pessoas, no senso comum. Em geral, segundo Soares (2002, p. 119), ela é vista como uma orientação para uma profissão definida, feita por um especialista mediante testes que confirmarão esses resultados. Ao se pensar em orientação vocacional, supõe-se a existência de uma vocação a ser descoberta a qualquer momento por alguém capacitado. O termo vocação significa chamado, isto é, “algo ou alguém que chama para determinado caminho”. Nesse caso, a profissão.

De acordo com Bohoslavsky (1993), a orientação vocacional é aquela que deve responder ao porquê da escolha e está ligada aos modelos de identificação mais primitivos. Deverá ser um trabalho que aprofunde a questão de identidade vocacional, respondendo aos “para que” e os “porquês” da escolha de determinada profissão:

[...] a identidade vocacional expressa as variáveis de tipo afetivo-motivacional, enquanto a identidade profissional mostra o produto da ação do contexto sócio-cultural sobre aquela. O modelo de identidade profissional deve especificar de que maneira a identidade vocacional (expressão e síntese das sobre-determinações subjetivas) inclui na determinação da escolha as variáveis do contexto, como uma ordem objetiva de determinações da identidade profissional—respondendo ao quando, onde, com o que, com quem e como desempenhar um papel produtivo na estrutura social (BOHOSLAVSKY, 1993, p. 63).

Soares (2002) ressalta que a orientação vocacional deverá aprofundar as dimensões do vocacional (vocare) e do ocupacional (profissão), as questões da identidade vocacional e profissional, no sentido proposto por Bohoslavsky (1993), isto é, respondendo aos “para que” e “porquês” da escolha de determinada profissão. De acordo com Soares (2002), no processo de orientação profissional os jovens têm a oportunidade de constatar a possibilidade de uma escolha relativa. Nesse caso, já existem determinantes presentes quando este jovem decide cursar a universidade. Muitas vezes, isso já é um fato dado, pois não é sequer questionado pela família ou mesmo pela escola. Mas, a definição entre uma profissão ou outra cabe a esse sujeito. Atuamos para que ele se decida, de maneira mais ou menos autônoma, pela profissão com a qual mais se identifica.

Segundo Levenfus (1997), a história da orientação vem unida à história do conceito de vocação, que deriva do termo *vocatio* e significa chamado interior. Deste modo, entende-se que a vocação é inata, ou seja, as pessoas nascem com destino para algo, para determinada tarefa, logo a orientação teria como objetivo descobrir e comunicar ao indivíduo, tendo o orientador caráter ativo e o orientando caráter passivo:

A vocação é o conjunto de chamados interiores que resulta de internalização de chamados do ambiente e da própria experiência, de onde, em uma matriz existencial, o fazer é uma manifestação do ser e este se encontra e se faz em seu fazer (LEVENFUS, 1997, p. 228).

Se a vocação se amplia como o vocacional em todo o desenvolvimento histórico de uma pessoa, assumida em sua autonomia de escolha e decisão, conseqüentemente a orientação vocacional passa a ser um espaço de criação e recriação contínua da história pessoal do orientando, abrangendo seu auto-conhecimento, assim como a sua percepção dos outros com o que deve se relacionar em uma síntese harmônica, projeto presente e profissão de futuro.

Bohoslavsky (1993), define vocação como o chamado de objetos internos que rogam por reparação, o que é corroborado por Levenfus (1997) ao definir que o vocacional está relacionado com o sentido que se encontra para a vida, é o que se sente e o que se pretende ser, assim, o vocacional necessita sintetizar e integrar, a princípio, os diferentes *scripts* que foram delineados e escritos para cada pessoa, bem antes do seu nascimento, no percurso de chegar a ser autor do seu próprio roteiro. Deste modo, o vocacional sem o ocupacional representaria apenas fantasias, sonhos e esperanças, ao mesmo tempo que o ocupacional sem o vocacional representaria um fazer sem sentido. Em contra partida os termos ocupacional e profissional relacionam-se ao fazer que necessita então de objetos, ferramentas, símbolos, técnicas, estratégias, para efetivar o vocacional. Sendo assim, é necessário que se integre o vocacional e o ocupacional, ou seja, o **ser** e o **fazer** para a realização da escolha de uma profissão. Knobel (1997, p. 23), ressalta que “a vocação é o que aparece no sujeito, e aí sim reaparece o indivíduo-sujeito da sua própria vida, porém sem perder o contato necessário com os outros, com seu futuro e as perspectivas da estruturação sócio-política e econômica”.

Conforme Levenfus (1997), o termo orientação deveria ser entendido como um fazer que busca auxiliar terapêuticamente alguém a encontrar um direcionamento para sua vida, por meio do reconhecimento de uma identidade profissional, a partir do conhecimento de seu mundo interno e do mundo ocupacional.

Orientar-se é guiar-se no espaço e encontrar, dentre diversos valores, aqueles que lhe dizem respeito, que se percebe, se sabe, se necessita, se quer. Quando alguém se orienta, analisa os valores ditos e os não ditos, tratando de harmonizá-los para guiar sua ação (LEVENFUS, 1997, p.228).

Segundo Müller (1988), na orientação profissional, o psicólogo assume o papel de orientador, ou seja, de direcionar, de conduzir para determinada atividade em nossa sociedade, aquele que se encontra desorientado, e seria geralmente um adolescente. A partir deste pressuposto, a orientação profissional estaria a serviço das necessidades sócio-econômicas do sistema, ao qual a subjetividade da pessoa não interessa. Para atender a estes objetivos, temos as práticas chamadas de psicométricas ou tradicionais, as quais objetivam

quantificar as habilidades, aptidões, interesses e traços da personalidade, nas quais o psicólogo desenvolve um papel ativo e detentor do conhecimento pleno dos sentimentos e necessidades do outro: o orientando.

Do outro lado, no entanto, Torres (2001) ressalta a complexidade do funcionamento da psique humana e o que ela demanda interna e externamente durante o ato de uma escolha, devendo incitar constantemente o psicólogo a desenvolver novos olhares e perspectivas, evitando acomodar-se no fazer sempre conhecido e convencionado. Este novo fazer, a autora denomina de orientação profissional clínica, o que seria uma modalidade de trabalho de nível terapêutico, embasada na abordagem psicanalítica, possibilitando uma reavaliação e uma reorganização de conteúdos internos e externos relativos ao orientando:

Favorecendo a elaboração de materiais conscientes e alguns de nível inconsciente que possam se apresentar durante o desenvolvimento do trabalho; e promove uma maior aproximação da pessoa com os seus interesses e desejos (às vezes não percebidos anteriormente) (TORRES, 2001, p.127).

De acordo com Levenfus (1997), o termo orientação profissional é associado a trabalhos que se limitem apenas a informar e a orientar a respeito das profissões e mercado de trabalho, aplicando técnicas de aprendizagem e testes psicológicos, sem enfatizar, no entanto, as questões intrapsíquicas do orientando, enquanto que o termo orientação vocacional ou orientação vocacional ocupacional se refere a um processo mais abrangente, o qual engloba não somente a informação sobre profissões, mas uma busca de conhecimento a respeito de si mesmo, de características pessoais, familiares e sociais do orientando, promovendo o encontro das afinidades do mesmo com aquilo que pode vir a realizar em forma de trabalho, ou seja, objetiva a busca de uma identidade profissional.

O termo orientação profissional estaria associado ao esclarecimento sobre as profissões, sendo o sujeito apenas alguém que deveria ser orientado, ou seja, um indivíduo que se encontra sem condições de orientar-se por si mesmo, enquanto a orientação vocacional, convocaria o adolescente a ser sujeito de sua própria vida, sendo os dois campos dissociados.

Segundo Knobel (1997), o psicólogo, no papel de orientador vocacional, deve ser um agente de saúde, procurando colaborar para o bem-estar de pessoas que se encontrem em momento de escolha, favorecendo a capacidade reparatória do sujeito. Assim, embasando-se em pressupostos de um conhecimento psicanalítico, o psicólogo terá maior capacidade de entender os processos inconscientes, a transferência e a contratransferência, o mecanismo de

defesa do ego e as estruturas do aparelho psíquico, buscando entender a quem procura a orientação vocacional para saber, o que fazer e como fazer.

Freud (1920b), em sua obra “Para além do princípio do prazer”, já havia assinalado que a origem das incertezas na vida, devem ser pesquisadas nos conflitos sexuais infantis, especialmente quando os pais cerceiam os jogos sexuais da mais tenra infância. O “não sei o que fazer”, “não consigo ter sucesso”, “não consigo pensar em nada para fazer”, podem ter sua origem na conduta severamente restritiva dos pais sobre as crianças, desde o seu nascimento. Freud afirmava que a prova inequívoca do desenvolvimento ótimo da personalidade vem dada pela capacidade de amar e trabalhar de forma efetiva.

Segundo Levenfus (1997), o enunciado freudiano aponta que a eleição vocacional constitui um domínio de conduta no qual a sociedade permite à pessoa combinar satisfatoriamente o princípio do prazer e o da realidade. Estas questões cruciais foram uma das principais razões que impulsionaram meu desejo de investigar o fenômeno da escolha profissional demarcado por um ciclo específico do desenvolvimento humano - a adolescência - pois venho observando, ao longo de minha prática em orientação vocacional, que muitos jovens encontram-se diante de um impasse, relatando intensos sentimentos de angústia e sofrimento diante da necessidade da escolha de uma profissão, revelando suas preocupações com as repercussões da escolha feita na família e na sociedade, estando estes adolescentes muitas vezes desinformados acerca das habilidades e das tarefas desempenhadas nas diferentes profissões.

De acordo com um levantamento da revista “Guia do Estudante: vestibular 2007”, existem hoje no Brasil, disponíveis para escolha 196 profissões dentre as quais apresentam-se cursos de bacharelado, de tecnólogos e carreira militar; o que também assusta os adolescentes que manifestam sentimentos de insegurança e de impotência para dar conta, de determinada escolha, sendo, na maioria das vezes, obrigados, ainda, a provar para a sociedade seu valor como pessoa, sua competência, com êxito da aprovação no processo seletivo, bastante conhecido com o nome de vestibular. Este leque de possibilidades de escolhas profissionais chega a confundir o adolescente propiciando a maximização do impasse e a vivência de intenso sofrimento psíquico.

De acordo com Müller (1988), as principais fontes teóricas da estratégia clínica em orientação vocacional provêm da Psicanálise e da Psicologia Social. A Psicanálise traz como contribuições os conceitos de instâncias psíquicas e a idéia de um inconsciente atuante, dinâmico, que se expressa não somente através de sonhos, atos falhos, sintomas, como também em todo um sistema de percepção do mundo e de expressão pessoal, mediante a

busca de objetivos que colocam em evidência desejos profundos na maioria das vezes conscientemente desconhecidos.

Para a autora acima citada, a palavra vocação origina-se de “vocar”, que significa chamar, referindo-se assim, ao chamado divino, a idéia de ser convocado à existência e cumprir uma missão pessoal nela. Neste sentido, a vocação tratava-se de um chamado vindo “de fora” ao qual só corresponderia o acatamento. Em orientação vocacional, numa proposta de escuta, fundamentada nos aportes psicanalíticos, a vocação não seria algo que nasce, mas sim algo que faz-se, constrói-se subjetiva e historicamente em interação com os outros, segundo as oportunidades familiares e as disposições pessoais.

A referida autora propõe que este tipo de prática vocacional tende a cumprir um trabalho importante, a partir de um fazer preventivo ao se inserir tanto nos processos de aprendizagem sistemáticos realizados dentro das instituições escolares como nos assistemáticos, que ocorrem nas situações de mudanças vitais, através do desenvolvimento de um trabalho que oportunize um espaço de escuta e de reflexão às pessoas, abordando situações conflitivas que podem comprometer a saúde psíquica, pois tem relação com a identidade e as mudanças, e com tudo o que isto mobiliza e desestrutura. Visto que:

Elaborar um projeto vocacional-ocupacional coloca a descoberto a problemática do sujeito e suas disposições psicopatológicas, pois condensa toda a história prévia desta pessoa e, ao mesmo tempo, antecipa seu futuro (MÜLLER, 1988, p.12).

Deste modo, entendemos que a prática em orientação vocacional deve ser uma tarefa não apenas limitada ao território da clínica, mas também ao espaço escolar, desde que tenha o objetivo de acompanhar ao sujeito na elaboração de suas reflexões, conflitos e dúvidas acerca de seu futuro, para buscar a elaboração de um projeto pessoal que possibilite uma maior consciência de si mesmo e da realidade sócio-profissional, permitindo ao orientando compreender os determinantes envolvidos na escolha de uma profissão, preparando-se então para desempenhá-la. Esta proposta de uma orientação vocacional que focalize a escuta do sujeito, busca favorecer que o sujeito considere primeiramente a construção de si mesmo, antes da escolha profissional, visto que é a partir da compreensão acerca de quem se é e aonde se deseja chegar que se depreende o que se quer fazer, ou seja, o que escolher para desempenhar profissionalmente.

O método clínico embasado em construtos psicanalíticos o qual defendemos que vem contribuir à prática vocacional, implica em grande disponibilidade do psicólogo em

compreender o que constitui sua subjetividade, sem o afã de ensinar, convencer, ou saber previamente sobre o outro, aquele que busca o processo de orientação vocacional, pois sabemos que cada personalidade possui características distintivas peculiares que só o próprio sujeito poderá revelar-nos, com um tipo de mensagem e estilo próprio, para que possamos fazer a leitura destes significados.

[...] é fundamental a conexão com nosso próprio Inconsciente, com nossa criatividade, com nossa imaginação e empatia, pois a OV não é uma coleção de técnicas ou receitas, mas um processo de aprendizagem no qual, orientandos e orientadores, aprendem reciprocamente e colaboram a partir de seus papéis na elaboração de projetos criativos (MÜLLER, 1988, p. 19).

A partir das dificuldades vivenciadas diante da escolha profissional, devido à falta de condições pessoais e familiares, para que se definam profissionalmente, muitos adolescentes buscam a orientação vocacional como uma forma de ajuda. Pode ser através desse processo que o sujeito encontre elementos sobre si mesmo, até então desconhecidos, que lhe auxiliem na construção de um projeto de vida pessoal e profissional.

Para atender às necessidades dos adolescentes, acreditamos ser necessária a efetivação de uma prática embasada no modelo clínico e com fundamentação no suporte teórico psicanalítico que possibilite a escuta do impasse e do sofrimento vivenciado pelo adolescente, que vise favorecer este momento de escolha, através de uma reflexão acerca de si mesmo e da situação em que se encontra, vislumbrando aspectos de natureza psicológica e informativa. É um processo que consiste em criar condições para que o sujeito que dele necessite possa situar-se enquanto sujeito, exercendo seu pensar, seu refletir, informando-se e elaborando questões relativas a esse assunto, tendo condições de construir um projeto pessoal mais consciente e que inclua os elementos da realidade sócio-profissional.

Esta modalidade de orientação vocacional se caracteriza como um enfoque voltado à singularidade da escolha e ao conflito de quem escolhe, ampliando-se a percepção do profissional acerca das influências que ocorrem no momento de tomada de uma decisão profissional, objetivando o favorecimento da elaboração sobre as dúvidas e sobre as informações trazidas pelo orientando, decorrentes da escolha de uma profissão. Assim, a escolha deve ser compreendida então como um fenômeno multideterminado, passando a ser percebido tanto a partir do sujeito, quanto em relação ao momento sócio-cultural em que ele vive.

De acordo com Torres (2001, p. 39), o interesse do grupo ao qual um sujeito pertence exerce forte influência nele, que precisa daquele para:

Não sucumbir na solidão e no desconhecimento, além de receber uma parcela relativa de proteção e segurança. Essa influência converte-se num poder ideologicamente veiculado, gerando maneiras 'desejáveis' de ser, pensar, comportar e sentir.

Assim, a escolha de uma carreira ou profissão pode ser tanto um fato individual quanto social, pois é o grupo social que determina os modos de desenvolver e exercer os diversos ramos ou atividades ocupacionais.

A interlocução com a Psicanálise, a qual é um método de investigação que busca o significado inconsciente de palavras, atos e produções imaginárias do sujeito humano, objetivando estudar seus processos psíquicos e o inconsciente, é de extrema relevância, neste tipo de orientação vocacional, a qual necessita trabalhar com a idéia de um sujeito humano que não está nunca pronto e acabado, e que por isso está sujeito a interferências de diversas ordens, ao longo de sua vida. Sendo este um ser multideterminado bem como o são suas escolhas e decisões por um curso ou profissão, deve-se assim, levar em consideração também o aspecto inconsciente que as impulsiona, visto que, para Torres (2001, p. 22), quando estudamos um ser humano:

A verdade passa a ser concebida não como um dado natural, mas em constante relação com a história, incluindo, assim, o que é e o que está por vir. O conteúdo que se apresenta como manifesto não é uma verdade em si, mas o entrelaçamento necessário de várias dissimulações e verdades ainda veladas.

Deste modo, um trabalho voltado para esses objetivos deve ser exercido com respeito e ética, buscando levar o orientando a desenvolver suas responsabilidades e a sentir-se engajado em relação aos seus atos ou escolhas, construindo assim elementos essenciais para uma futura identidade profissional.

Vale destacar que, nesta proposta, o termo orientação não está sendo usado com o sentido do dicionário da língua portuguesa, ou seja, o de dirigir e de guiar, pois não assumimos o poder de indicar ou direcionar o caminho dos adolescentes, visto que não os consideramos como algo pronto, acabado, esperando apenas para ser decodificado, como se

fosse uma coisa em si mesma, mas sim como um sujeito que possui uma história de vida com antecedentes de várias ordens.

Logo, o objetivo de nossa proposta de orientação vocacional seria buscar oferecer uma contribuição ou suporte para que o sujeito possa direcionar-se dentro de um projeto de vida que seja satisfatório. O segundo costuma ser associado a uma idéia de dom, de uma condição inata ou, ainda, de um chamado divino. Esta palavra deriva etimologicamente de *vocatio*, ou chamado interior. Porém, não estamos fazendo uso desta palavra com este sentido, por não acreditarmos que ela seria um dom que só precisa ser descoberto para ser desempenhado, mas sim que ela é resultante de várias determinações tanto de ordem interna, consciente e inconsciente, quanto de ordem social, sendo desenvolvida no decorrer da existência e da formação do ser humano.

Assim, percebemos que uma prática desenvolvida através de uma orientação vocacional que faça uso da estratégia clínica, a qual prioriza a escuta, proporciona uma investigação sobre a personalidade do sujeito; identifica e aborda suas situações de conflito; busca compreender o funcionamento de suas atitudes; ajuda na elaboração de sua problemática vocacional; colabora para detectar as interferências que o sujeito sofre nesse momento de escolha e favorece ao adolescente em questão, quanto à construção de um projeto de vida mais compatível com seus reais interesses e potencialidades. Funciona concomitantemente no desempenho de duas tarefas, uma explícita, a qual refere-se à própria escolha que deverá ser realizada e outra implícita, a qual refere-se à resolução da problemática vinculada à escolha, ou seja, o pensar sobre ela, a elaboração que transcorre da reflexão, os sentimentos e a ação resultante desta, etc. Este deve levar em consideração aspectos conscientes e inconscientes, o individual e o social, e esteja sempre voltado para o resgate e para a manutenção da dignidade do orientando, e que o considere como um ser ao mesmo tempo único e multifacetário, buscando promover tanto o descobrimento de suas potencialidades e capacidades quanto favorecer o seu desenvolvimento através de um projeto de vida mais consciente e com maiores chances de ser bem sucedido.

Torres (2001, p. 76), vem corroborar a importância do método clínico ao afirmar que:

O método clínico serve de suporte também para os trabalhos mais recentes realizados na área da Orientação Profissional na medida em que propõe um estudo mais dinâmico, que visa a buscar os elementos essenciais que possam definir a individualidade, assim como suas leis próprias que possibilitam o funcionamento e manifestação do sujeito em questão.

Cabe então, ao psicólogo cumprir a função de proporcionar ao orientando a oportunidade de entrar em análise, trabalhar-se em função de uma mudança na percepção que tem de si e das profissões e sair da construção idealizada, imaginária, que vela o seu desejo, e conseqüentemente a sua maneira de vislumbrar suas possibilidades de escolha. Este trabalho pode ajudar o adolescente em seu momento de escolha profissional a partir de uma reflexão pessoal dos fatores que incidem sobre ele, bem como de suas possíveis conseqüências, consistindo então em uma re-criação da história individual do adolescente, na medida em que ele percorreria seu passado, pois a partir de pressupostos psicanalíticos foi neste passado que houve a sua constituição enquanto sujeito humano.

Deste modo, segundo Torres (2001), este processo de investigação psíquica e de conhecimento não se daria em um tempo que obedeceria ao cronológico, mas a um tempo interno obediente à lógica construída pelo inconsciente.

Neste sentido, destaco em conformidade com Bohoslavky (1993), que na abordagem vocacional pautada no modelo clínico, o sujeito tem condições de fazer suas próprias escolhas profissionais quando consegue elaborar sua conflitiva vocacional, ou seja, seus medos, dúvidas e expectativas, estando as profissões em constante transformação, de acordo com as mudanças sócio-culturais que vão acontecendo, o que pode interferir nos interesses despertados no sujeito, possibilitando-o desempenhar a carreira ou o estudo com prazer e satisfação, quando estabelece um vínculo com eles. O adolescente é quem deve ter um papel ativo no processo de escolha, ou seja, aquele que constrói a escolha, a partir da ação do orientador e a ansiedade do sujeito deve servir como instrumento para a resolução de seu dilema.

O enfoque clínico se apresenta potencialmente terapêutico, dando oportunidade ao orientando de: refletir sobre as questões reais, concretas e fantasiosas em relação ao seu momento de decisão; elaborar suas inquietudes relativas ao momento de decisão que vivencia; caminhar em direção à construção de uma identidade profissional; alterar concepções, comportamentos, atitudes ou mesmo sua maneira de auto-perceber-se e / ou ao mundo em que vive; fazer confrontações entre suas fantasias e ilusões e a realidade que se apresenta; elaborar aspectos de suas principais identificações e perceber a influência delas na motivação profissional; e integrar suas potencialidades e capacidades com vistas a uma escolha compatível com suas aspirações (TORRES, 2001).

Em oposição ao modelo que prioriza, o uso de entrevistas psicológicas, trabalhando com o material que o orientando apresenta, buscando ir além do aparente, ouvir além conteúdos do manifesto desenvolvido através da escuta, análise e interpretação, encontra-se

um trabalho de orientação profissional, tradicional ou psicométrico, que utiliza como método principal a aplicação de testes psicológicos, sendo a avaliação do orientando feita a partir de seu desempenho nestes testes que procuram medir as principais características de sua personalidade, seu potencial cognitivo e suas aptidões. Neste, o papel do psicólogo é ativo, no sentido de dirigir o adolescente na sua escolha, diminuindo sua ansiedade e suas dúvidas surgidas no processo de decisão, predominando a noção de previsibilidade e adaptabilidade do sujeito. No modelo tradicional, o inconsciente não é levado em consideração, porém depois do surgimento da Teoria Psicanalítica desconsiderar tal aspecto na construção da identidade de um ser humano, seria então limitar a visão constitutiva da subjetividade, bem como desvalorizar as contribuições freudianas amplamente aceitas no universo científico do mundo moderno.

Diante do exposto, propomos então, o desenvolvimento de uma modalidade de escuta em orientação vocacional, denominada de Facilitação da Escolha em Orientação Vocacional – FEOV, a qual passa por cinco etapas, em que cada uma delas acontece num tempo médio de dois a quatro encontros:

A primeira etapa, denominada de **Busca**, na qual acontecem os primeiros contatos de escuta da demanda, o estabelecimento do *rappor*t e do enquadre, é um período de levantamento de dados acerca da história biográfica do sujeito, que comporta seu passado, presente e futuro, os sentimentos vivenciados, seu conhecimento acerca da realidade que o cerca, suas identificações, a forma como canaliza seus investimentos pulsionais em relação aos diferentes objetos que escolhe, as influências e pressões sofridas e como lida com situações de conflito. No decorrer deste passo inicial, o psicólogo vai fazendo a elaboração das hipóteses diagnósticas, identificando a problemática do sujeito em função da escolha. Durante esses encontros, o orientando já inicia uma reflexão sobre si mesmo e sobre a possibilidade de escolher.

A segunda etapa é denominada de **Mapeamento das possibilidades**, na qual procuramos auxiliar o orientando no levantamento de suas opções conhecidas e até então desconhecidas, buscando fazer um reconhecimento delas, ou seja, de suas habilidades, limitações e desejos. Durante este passo, podemos ter melhor conhecimento da influência das identificações do orientando através do elenco de opções por ele trazidas, dos sentimentos decorrentes de suas descobertas e do reconhecimento de que ele é o sujeito responsável pelo percurso de sua escolha.

Na terceira etapa, denominado de **Análise e redução das possibilidades**, o orientando buscará avaliar as opções que são mais pertinentes a si próprio, considerando tanto suas

referências internas quanto sua realidade externa, aprofundando o auto-conhecimento, confrontando-se com a realidade que o cerca e reduzindo o número de possibilidades.

A quarta etapa, denominada de **Informação**, se constitui num momento de pesquisa e diálogo informativo acerca das profissões, atividades desenvolvidas por profissionais, requisitos das profissões e da realidade sócio-profissional.

Finalmente, a quinta etapa denominada de **Integração da escolha** é considerada como um momento de tomada de consciência de suas preferências, de sua responsabilidade, de fazer sua escolha integrando sua identidade pessoal e profissional, assumindo um lugar de sujeito desejante e responsável pelo seu querer e pela viabilização desta escolha, elaborando seus lutos pelas escolhas deixadas para trás. Torna-se, então, importante destacarmos que no enfoque clínico adotado em orientação vocacional não existe uma obrigatoriedade da escolha.

Esta modalidade de orientação se propõe a facilitar ao jovem, o momento de escolha, acompanhando-o e auxiliando-o na compreensão de sua situação específica de vida, a qual se remete a um ciclo de desenvolvimento específico: a adolescência, na qual estão incluídos aspectos pessoais, familiares e sociais, sendo então a partir desta compreensão e elaboração de sua conflitiva que segundo Lucchiari (1993, p. 12), o jovem “terá mais condição de definir qual é a melhor escolha, a escolha possível, no seu projeto de vida”.

Facilitar a escolha, através da escuta, significa participar do processo de construção e reconstrução da identidade do adolescente, auxiliando-o a pensar, conhecer, revelar suas dificuldades e os sentimentos que as envolvem. Não significa dirigir, pois não conhecemos qual o melhor caminho que deve ser trilhado pelo adolescente, sendo a decisão do próprio adolescente, não nos cabendo o direito de interferir nela. Significa então, facilitar, para que o próprio adolescente descubra quais caminhos deseja e pode seguir.

De acordo com o posicionamento de Freud (1930 [1929]), em “O mal-estar na civilização” de que a saúde tem como base trabalhar e amar, Knobel (1997), afirma que existem motivações conscientes e inconscientes que levam uma pessoa a escolher uma posição profissional na vida; visto que estas duas ações destacadas pela posição freudiana – trabalhar e amar – dão sentido à vida. Porém, é importante destacarmos que segundo Levenfus (1997, p. 24), “trabalhar no que uma pessoa gosta é o que dá prazer e amar com todos os componentes físicos e afetivos, é o que diferencia e caracteriza o amar realmente humano”.

Deste modo, ressaltamos que trabalhar na realização de processos de orientação vocacional com o outro nos remete também a nos defrontar com diversos questionamentos difíceis sobre nossas escolhas profissionais, das quais nem sempre estamos conscientes. De

forma implícita e, às vezes, explícita, os adolescentes nos mobilizam a nos interrogarmos sobre: Como elegemos nossa profissão? Estamos satisfeitos com nossa decisão? Qual o valor de nosso papel em relação a outras profissões? Quais são as nossas possibilidades de trabalho? E por outro lado, voltam a nos confrontar com todas as possibilidades que renunciamos no momento de uma escolha profissional e, dessa maneira, com os lutos ligados a essa decisão.

Estar neste lugar de indagação, agora em uma outra posição, já vivenciando um outro ciclo de desenvolvimento, a idade adulta, e durante o exercício de uma profissão, exige uma escuta sensível aos sentimentos que envolvem a escolha de uma profissão, ao sofrimento vivenciado por alguém que está experienciando uma fase específica do ciclo de desenvolvimento que é a adolescência, a qual por si mesma já demanda características e transformações, tanto físicas quanto emocionais, fato este que nos motivou a desenvolver um trabalho de facilitação da escolha, priorizando a necessidade de escuta dos sentimentos de adolescentes, diante da necessidade e obrigatoriedade de escolher uma profissão, visto que, de acordo com a definição de Lucchiari (1993, p. 12), “[...] escolher é decidir, entre uma série de opções, a que parece a melhor naquele momento. Cada escolha feita faz parte de um projeto de vida que vai se realizando. Nossa vida se define pelo futuro que queremos alcançar”.

Torna-se então necessário que o psicólogo considere a questão da integração do tempo durante o processo de escolha, pois, para que o adolescente possa definir o que quer vir a ser, é preciso que ele tenha consciência de quem ele foi, de quem é e de quem será.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da constatação de que cada dia mais cresce o número de adolescentes que buscam o serviço de orientação vocacional, venho desenvolvendo, ao longo de mais de quinze anos de profissão e que tem me oportunizado a escuta do sofrimento que decorre do impasse diante da escolha de uma profissão, motivei-me para a realização desta pesquisa que revelou a importância de se buscar compreender que escolher uma profissão é um fator de extrema significação pessoal e social, levando a definições de papéis e de atuações que direcionarão a vida das pessoas implicadas, principalmente quando constatamos que este momento coincide, na maioria das vezes, com uma época marcada por transformações de ordem física e emocional, denominada de adolescência. Este é um período de redescobrimto, no qual são freqüentes os conflitos, as dúvidas, as ansiedades, os medos, o desconhecimento e a falta de maturidade para lidar com as questões que irão se apresentar ao longo do curso da vida.

Verificamos que comumente na atualidade, é neste ciclo da adolescência que são realizadas escolhas de carreiras, de uma profissão, de um trabalho. Na medida em que estas escolhas são feitas, o adolescente vai definindo sua própria identidade, se identificando e se diferenciando de seus pais. Porém, é neste momento também que intervêm as exigências da realidade, numa ocasião em que muitas vezes os conflitos relacionais ainda não estão bem resolvidos, a imagem de si mesmo e de seus ideais ainda está mal-articulada, os desejos dos pais e as possibilidades escolares, mal-elaborados.

Consideramos que à medida que o adolescente se constitui como sujeito de sua escolha, passa a ocupar um lugar de destaque numa prática de orientação vocacional, que tenha como pressuposto básico a facilitação da escolha profissional e a saúde integrada do jovem o qual é percebido como um ser ativo e responsável.

Mas, independente de todos os aspectos apontados, salienta-se que é neste momento de vida em que o adolescente se encontra em processo de construção de sua subjetividade pessoal e profissional, que lhe é imputado o dever de fazer a escolha de uma profissão, sendo a tomada desta decisão, um passo importante na aquisição de um sentimento de independência. Entretanto, observa-se a dificuldade do jovem em fazer uma escolha autônoma, sendo considerada, muitas vezes, como uma impossibilidade articulada a situações conflituosas latentes ou manifestas nas relações do adolescente com sua família. Assim,

considera-se que a escolha profissional tenderia a responder aos ideais de ego, conciliados na realização das aspirações familiares. Deste modo, na escolha, estaria presente uma ruptura, que seria também de um vínculo entre o passado e a infância, marcada pelo fato de pertencer a uma família determinada, com suas relações de dependência aos pais, e o futuro, com a assunção de uma identidade adulta.

Apesar deste assunto se fazer atual, em virtude da grande quantidade de opções para a escolha e da própria evolução permanente das condições sócio-profissionais em que a cada dia surgem novas profissões, o que tende tanto a aumentar as possibilidades de escolha, como também a incerteza e o desconhecimento, por parte do adolescente, diante da tarefa de definir-se profissionalmente, chamamos a atenção para a necessidade de revelar os sentimentos que emergem desse impasse, propondo formas de intervenção que possam minimizar o sofrimento do sujeito que escolhe e facilitar a tomada de consciência dos fatores inconscientes e conscientes que funcionam como determinantes desse processo.

Compreende-se que estudar o percurso da escolha profissional de uma pessoa é importante, visto revelar muito de sua dinâmica do desenvolvimento e das forças inconscientes que influenciam sua vida. E, mesmo que a Psicanálise não tenha priorizado este tema como foco de estudo, muitos de seus conceitos trazem informações relevantes para a compreensão da dinâmica e dos determinantes internos e externos que envolvem a escolha de uma profissão.

Neste processo de escolha, verifica-se que o adolescente precisa tomar uma postura de distanciamento da família para situar-se a partir de outro lugar, para passar de dentro da família para o trabalho, a sociedade mais ampla, do conhecido que se localizava no seu passado para um desconhecido, que se localiza no seu futuro. O que implica na emergência de um impasse, repleto de dúvidas, confusão, sentimentos de angústia, culpa e tristeza pelo desprendimento e luto dos pais e da criança em si, e supõe, simbolicamente, desenvolver-se, aspecto este que pode ser observado no relato de Paula Katarina, uma adolescente de 17 anos, que diz: “Escolher uma profissão está me deixando enlouquecida, me encontro num momento muito confuso, doloroso mesmo, porque ainda não sei, com certeza, o que quero, mas sei que quero ser muito feliz naquilo que escolher e também não quero frustrar meus pais”.

Este estudo valoriza a expressão do sujeito e de seus sentimentos, suscitando ainda a necessidade da realização de práticas em orientação vocacional, que possibilitem a minimização dos conflitos relacionados com o impasse.

Como pode ser percebido, o projeto e a identidade profissional se constroem laboriosamente num percurso que se realiza ao longo do ciclo de desenvolvimento da

adolescência com tentativas, progressos e retrocessos, rupturas e reconstituições. Está relacionado com o “ser quando crescer”, sendo este caminho em direção ao futuro bastante trabalhoso, enfrentando desafios e exigindo do indivíduo um envolvimento como um ser em totalidade, com seus aspectos conscientes e inconscientes, deparando-se, então, com o impasse de ter que escolher uma profissão.

Considero que a realização desta pesquisa revelou-se para mim, enquanto pesquisadora, como muito gratificante, pois propiciou dar voz aos adolescentes, através do relato e estudo de suas falas, repletas de sentimentos, favorecendo a compreensão do impasse da escolha profissional e revelando a multiplicidade de fatores que influenciam este processo. Ressalta-se assim, que a referida pesquisa configura-se como uma base para a realização de novos estudos, contribuindo para o avanço científico na área.

Deste modo, aponta-se para a necessidade da implementação de trabalhos específicos de facilitação da escolha, mediante a escuta das demandas e sentimentos do adolescente, durante a orientação vocacional, devendo esta prática ser uma tarefa que não se limite ao *setting* clínico, mas que possa também expandir-se ao espaço escolar, com o objetivo de acompanhar e dar suporte ao sujeito na elaboração de sua conflitiva acerca de seu futuro, buscando a elaboração de um projeto pessoal, o qual possibilite uma maior autoconsciência e conhecimento da realidade sócio-profissional, permitindo-lhe a compreensão dos determinantes envolvidos na escolha profissional.

Por fim, destacamos que a adolescência pode ser um tempo de descobertas e de aprendizagens, que favorece o desenvolvimento integrado, ressaltando-se que este trabalho configura-se como uma base para futuras pesquisas, que podem contribuir com o avanço científico na área.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. **Adolescência**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- ABERASTURY, A; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- ANDRADE, T. D. de. **A família e a estruturação ocupacional do indivíduo**. In: BLOS, P. **Adolescência: uma interpretação psicanalítica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BERGER, K.S. **O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC. 2003.
- BLOS, P. **Adolescência: uma interpretação psicanalítica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BONELLI, A.R.L. **La orientacion vocacional como proceso**. 3. ed. Buenos Aires: El Ateneo, 1995.
- BUENO, F. da S. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: TTD, 1996.
- CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARVAJAL, G. **Tornar-se adolescente: a aventura de uma metamorfose - uma visão psicanalítica da adolescência**. São Paulo: Cortez, 1998.
- CARVALHO, M.M.M. J. **Orientação profissional em dinâmica de grupo**. São Paulo. Tese de Doutorado do Instituto de Psicologia da USP, 1979.
- CHEMAMA, R. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Larousse, 1993.
- COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. 2. ed. V. 1. Porto Alegre (RS): Artmed, 2004.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). Disponível em: <http://www.capes.gov.br/>. Acesso em: 14 abr. a 26 jun. 2005.
- COUTINHO, L. G. **Ilusão e errância: adolescência e laço social contemporâneo na interface entre a psicanálise e as ciências sociais**. 2002. Tese (doutorado). Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERRETI, C. J. **Uma nova proposta de orientação profissional**. São Paulo: Cortez, 1992.

FIORI, W. R. Desenvolvimento emocional. In: RAPPAPORT, C. R. (org.). **Psicologia do desenvolvimento, a idade escolar e a adolescência**. v. 4. São Paulo: EPU, 1982.

FREUD, S. (1893-1895). Estudos sobre a histeria. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.2.

_____. (1896). Rascunho K. As neuroses de defesa (um conto de fadas natalino). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.1.

_____. (1897a). Carta 69. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.1.

_____. (1897b). Carta 70. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.1.

_____. (1897c). Carta 71. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.1.

_____. (1897d). Carta 75. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.1.

_____. (1905). Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.7.

_____. (1906 [1905]). Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.8.

_____. (1910) Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.11.

_____. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.14.

_____. (1915) Os instintos e seus destinos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.11.

_____. (1916-1917). Conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.26.

_____. (1920a). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.18.

_____. (1920b). Para além do princípio do prazer. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.8.

_____. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.18.

_____. (1923) A organização genital infantil (uma interpolação na Teoria da Sexualidade). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.19.

_____. (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.v.21.

_____. (1939 [1934-1938]). Moisés e o monoteísmo. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.v.23.

_____. (1940 [1938]). Esboço de psicanálise. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.23.

GIL, A C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GRUNSPUN, H. **Crianças e adolescentes com transtornos psicológicos e do desenvolvimento**. São Paulo: Atheneu, 1999.

GUTIERRA, B.C.C. **Adolescência, Psicanálise e educação: o mestre “possível” de adolescentes**. São Paulo: Avercamp, 2003.

HERRMANN, F.; LOWENKRON, T. **Pesquisando com o método psicanalítico**. São Paulo (SP): Casa do Psicólogo, 2004.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro (RJ): Objetiva, 2001.

INDEX PSI PERIÓDICOS. Disponível em: <http://www.psi.bvs.br/>. Acesso em 2 fev. a 15 mar. 2006.

KNOBEL, M. Aspectos conscientes e inconscientes da orientação vocacional. In: LEVENFUS, R. S. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAROUSSE, A. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 2001.

LEMONS, C. G. de. **Adolescência, identidade e escolha da profissão no mundo do trabalho atual**. São Paulo: Vetor, 2001.

LEVENFUS, R. S. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LEVISKY, D. L. **Adolescência**: reflexões psicanalíticas. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LISBOA, M. D. Ser quando crescer... A formação da identidade ocupacional. In: LEVENFUS, R. S. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LITERATURA LATINO-AMERICANA E DO CARIBE EM CIÊNCIAS DA SAÚDE (LILACS). Disponível em: <http://www.bases.bireme.br>. Acesso em: 2 fev. a 15 mar. 2006.

LUCCHIARI, D. H. S. O ideal de Ego e o projeto de futuro profissional dos adolescentes. In: LEVENFUS, R. S. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LUCCHIARI, D. H. S. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo: Summus, 1993.

MELMAN, C. Haveria uma questão particular do pai na adolescência? In: **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre** – adolescência, Porto Alegre: Artes e Ofícios, v.5, n.11, 1995.

MONTEIRO, C.T.; SILVA, L.C.C. da. A importância da pesquisa para a formação do psicólogo. In **Lato & Sensu**, Belém, v.4, n.6, p.42, nov. 2002.

MULLER, M. **Orientação vocacional**: contribuições clínicas e educacionais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

NASCIMENTO, R.S.G.F. do. Sublimação, reparação e a escolha profissional: uma contribuição para compreender a dinâmica da vocação a partir da psicanálise. In: BOCK, A. M. B. (et al.). **A escolha profissional**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

NASIO, J.D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

OSÓRIO, L. P. Psicanálise de adolescentes. In: OUTEIRAL, J. O. e cols. **Psicanálise brasileira**: brasileiros pensando a Psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PAPALIA, D.E; OLDS, S.W. **Desenvolvimento humano**. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PFROMM NETTO, S. **Psicologia da adolescência**. São Paulo: Pioneira, 1997.

PIMENTA, S.G. **Orientação vocacional e decisão**: estudo crítico da situação no Brasil. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1981.

REVISTA GUIA DO ESTUDANTE: vestibular 2007. São Paulo (S.P.): Abril, 2007.

RUFINO, R. Sobre o lugar da adolescência na Teoria do Sujeito. In: RAPPORT, C.R. **Adolescência**: abordagem psicanalítica. São Paulo: EPU, 1993.

SANTROCK, J.W. **Adolescência**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

SOARES, A.A. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1997.

SOARES, D.H.P. **A escolha profissional**: do jovem ao adulto. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **O jovem e a escolha profissional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

SOIFER, R. **Psiquiatria infantil operativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SUPER, D. E. Determinantes psíquicos da escolha vocacional. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**. Rio de Janeiro, v. 27, nº 3, abr./jun., 1975.

TORRES, M. L. C. **Orientação profissional clínica**: uma interlocução com conceitos psicanalíticos. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VIOLANTE, M.L.V. Pesquisa em psicanálise. In: PACHECO FILHO, A. COELHO JUNIOR, N.; ROSA, M.D. (orgs.). **Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo: EDUC, 2000.

ZAGURY, T. **Encurtando a adolescência**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ZIMERMAN, D.E. **Vocabulário contemporâneo de Psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 1999.